AS NEGOCIAÇÕES C. E. E. - GRÃ-BRETANHA E A POSIÇÃO PORTUGUESA (EM MESA-REDONDA)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
SEXTA-FEIRA, 3 DE JULHO DE 1970 N.º 17 073 ANO 50.º PREÇO 1$50

luz verde nos caminhos da FORTUNA
1 X 2
TOTOBOLA

Willy Brandt e o presidente Pompidou

BRANDT E POMPIDOU —ENCONTRO EM BONN

BONN, 3. — (R.) — O presidente Georges Pompidou, da França, avista-se hoje com o chanceler Willy Brandt, da Alemanha Ocidental, num encontro em que abordarão as questões europeias mais delicadas. O dirigente francês, que realiza uma visita oficial de dois dias a Bonn, é acompanhado pelo primeiro-ministro Jacques Chaban-Delmas e pelos ministros dos Negócios Estrangeiros, das Finanças e da Ciência, os quais efectuarão todos conferências com os seus colegas alemães.

Nas conversações, Pompidou e Brandt dedicarão provàvelmente a maior parte do seu tempo ás questões relativas á Comunidade Europeia e ás iniciativas de Bonn de diálogo com o Leste.

Encontrando-se logo após a abertura de negociações sobre o pedido da Grã-Bretanha de adesão ao Mercado Comum, espera-se que os dois dirigentes analisem o que foi tratado nas conversações no Luxemburgo no princípio desta semana.

Contudo, a possível entrada da Grã-Bretanha, da Irlanda, da Noruega e da Dinamarca é apenas parte dos problemas europeus que os dois países enfrentam.

Ambos os Governos estão interessados em que o Mercado não permaneça estático enquanto prosseguem as demoradas conversações para a entrada daqueles países, e procuram meios de intensificar a cooperação política e económica.

TURISMO: difícil no centro do país

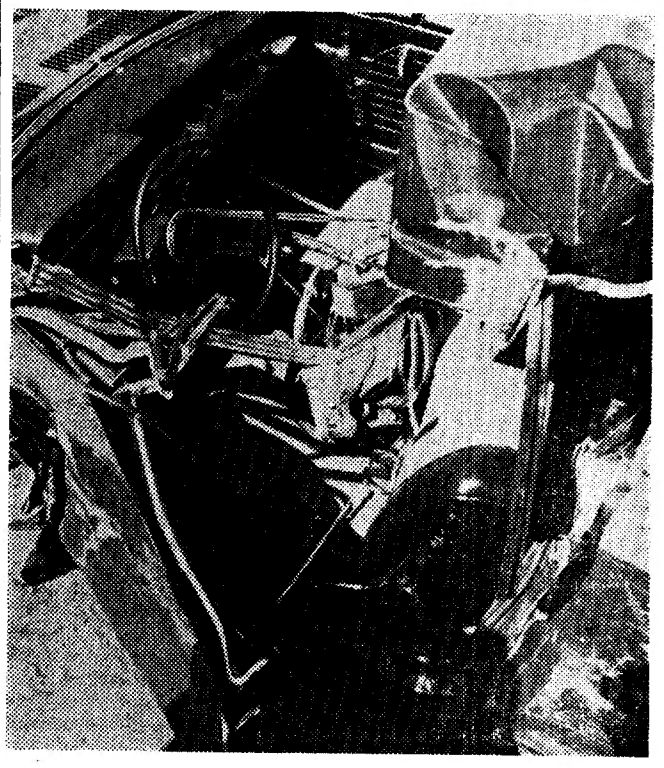
COIMBRA, 3 — O centro do País tem de ser desenvolvido como verdadeira região turística — concluíram nesta cidade os participantes de um recente colóquio a que presidiu o governador civil e em que participaram, credenciados para o efeito, representantes de todos os concelhos do distrito e ainda o presidente do Município de Aveiro.

Problemas prementes

Durante o colóquio, foram debatidos problemas das diversas regiões do centro, nomeadamente o da conclusão da estrada Chaves-Faro, para a qual faltam alguns quilómetros; electrificação e telefones nalgumas localidades onde as estações fecham ás 18 horas; falta de hotéis, pousadas, estalagens e pensões e renovação das que existem; arranjo e alargamento da Estrada da Beira, a que dá

(Continua na página central)

HOJE 40 PÁGS.
VISADO
PELA CENSURA



ENTRE A VIDA E A MORTE

Este monte de ferros e lata era, até cerca das sete da manhã de hoje, um potente bem cuidado automóvel. Deixou de o ser ao chocar com uma camioneta de carga, na curva da Mealhada (Loures). Lá dentro ia um jovem que ficou entre a vida e a morte, tendo sido internado no Hospital de Santa Maria (Ler na pág. 16)

OS LEITORES AINDA ESTÃO A TEMPO DE CONCORRER

férias no MUNDO

UMA DAS RAZÕES do êxito que o concurso «FÉRIAS NO MUNDO» está obtendo em todo o País é, certamente, a lista dos prémios que aguardam os concorrentes.

Antes de mais, viagens a grandes cidades, com estadias de oito dias para os premiados e para os seus acompanhantes que se encontrarem nas condições regulamen-

(Continua na página seguinte)

VIAGENS, AUTOMÓVEIS E ELECTRODOMÉSTICOS PARA PREMIAR MUITOS CONCORRENTES

INCENTIVAR O POVOAMENTO ULTRAMARINO

— SOLUÇÃO PRECONIZADA PARA O PROBLEMA DA EMIGRAÇÃO PELO CONSELHO DE MINISTROS

É o seguinte o texto saído da reunião de ontem do Conselho de Ministros, presidida pelo prof. Marcello Caetano, e através do qual se tomam medidas quanto á solução do problema da emigração:

«1 — Ordenar a revisão de toda a legislação vigente sobre a disciplina da emigração e a protecção dos emigrantes, reunindo as suas normas, quanto possível, num texto unico.

2 — Deve proceder-se á negociação de acordos com os Governos dos países para onde for maior a corrente emigratória portuguesa ou onde existirem comunidades portuguesas importantes; á revisão dos já existentes que sejam considerados desactualizados e estudar-se a conveniência da adesão de Portugal á Convenção n.º 97 da Organização Internacional do Trabalho, sobre recrutamento e mão-de-obra migrante.

3—Para estabelecer a orientação e a coordenação de todos os assuntos relativos á emigração será instituído um organismo de ambito nacional, incumbido não só de coordenar, mas também de dinamizar todas as acções e serviços responsáveis pela política da emigração, nele se integrando os actuais serviços com directa ingerência na matéria.

4 — Na revisão da organica e competência dos serviços intervenientes nos processos relativos á emigração, serão adoptadas as providências seguintes:

a) Conferir aos governos civis competência nos processos de concessão de passaporte a emigrantes;

b) Promover a coordenação entre o Serviço Nacional de Emprego e os organismos ultramarinos responsáveis em matéria de emprego e incrementar o apoio á fixação no Ultramar;

c) Fornecer gratuitamente a documentação necessária para emigrar para certos destinos (v. g. Brasil) admitindo-se, mesmo, a concessão de facilidades aos emigrantes mais carecidos de recursos.

5 — Aprovar um projecto de decreto-lei que, em revisão do diploma que qualifica como contravenção a emigração indocumentada ou clandestina, permite aos contraventores regularizar a sua situação no estrangeiro, perante as autoridades consulares portuguesas, sem necessidade de, para o efeito, se terem de deslocar a Portugal.

6 — Determinar a criação no Ministério dos Negócios Estrangeiros de um Serviço de Emigração, que concentre as matérias actualmente dispersas pelas três Direcções-Gerais.

7 — A fim de intensificar a assistência aos emigrantes nos países de destino, criar serviços sociais de protecção e informação que, enquanto não tiver sido posto em funcionamento o organismo previsto no n.º 3, ficarão a cargo da Caixa Central de Segurança Social dos Trabalhadores Migrantes.

8 — O trabalho de assistência e protecção e informação deve desenvolver-se, tanto quanto possível, em íntima colaboração com as associações portuguesas existentes no estrangeiro e com recurso também a organismos dedicados a proporcionar assistência moral, religiosa e social aos emigrantes.

9 — Através da mais ampla divulgação, deverá promover-se o esclarecimento do País quanto ás questões levantadas pela emigração, no sentido de a incentivar de preferência para o povoamento ultramarino, de reter no território o maior numero de nacionais e de chamar a atenção para os riscos, perigos de condições indesejáveis da emigração clandestina, bem como das vantagens para o emigrante de seguir as vias legais estabelecidas por acordo com os países de destino.»

Foi inaugurada a piscina-flutuante ao largo do Tamariz

Com a presença de diversas entidades oficiais e numerosos outros convidados, foi hoje inaugurada a piscina-flutuante instalada a cerca de trezentos metros da praia do Tamariz. Esta piscina, de características originais, conforme ontem referimos, foi instalada por iniciativa da Sociedade Estoril-Sol que patrocinou a concretização da ideia do arquitecto Eduardo Anahory.

A partir da cerimónia inaugural, a nova piscina ficou aberta ao publico, que nela passa a ter mais um elemento de atracção na já atraente zona balnear do Estoril.

OPERAÇÃO SAUDADE

Chegou hoje a Lisboa, proveniente da Guiné, o 1.º cabo Francisco José Marques dos Santos Martins, natural e residente na Covilhã, que foi contemplado com o Prémio M.N.F., da Operação Saudade.

Diario de Lisboa — CUPÃO N.º 5

férias no MUNDO

TAP — PRESENÇA PORTUGUESA NAS ROTAS DO MUNDO

(Continuação da pág. anterior)

tares. Atendendo a que as cidades que contam da lista são Nova York, Londres, Paris, Rio de Janeiro, Buenos Ayres, Frankfort, Salisbúria, Joanesburgo, Madrid, Copenhague, Bruxelas, Amesterdão e Genéve. Não espanta que «Férias no Mundo» tenha tantos concorrentes...

Acresce, porém, que os participantes neste concurso que o «Diário de Lisboa» criou para os seus leitores, ficam ainda habilitados a outros magníficos prémios: um automóvel Austin 1300 de duas portas, dois automóveis Austin 1000 «Special Luxe», uma máquina de lavar roupa e nove frigoríficos da reputada marca Kelvinator, um conjunto de alta fidelidade Grundig, 2 televisores e 18 radio-receptores desta apreciada marca.

DE ONTEM PARA HOJE

OS HIDROCABONETOS DE S. TOMÉ E PRÍNCIPE

São as ilhas do Equador de S. Tomé e Príncipe que ora se encontram em foco. Há meio milénio que foram descobertas e a data vai ser comemorada este ano. Lá irá o sr. Presidente da Republica, estando a ser-lhe preparada recepção condigna. Mas neste momento encontram-se em foco devido ao contrato ontem celebrado, no Ministério do Ultramar, para a pesquisa, desenvolvimento e exploração dos hidrocarbonetos da área das duas ilhas. Foi dado o exclusivo á firma comercial Ball & Collins (Oil & Gas). Em nome da companhia assinou o seu presidente sr. Keith Reginald Collins; e, em nome da província e do Governo, assinou o ministro prof. Silva Cunha. O direito da prospecção é concedido pelo período de 18 meses, podendo ser prorrogado por 3 anos e meio. No período inicial da concessão, ou suas prorrogações, a concessionária fica obrigada a investir, em cada ano, na execução dos planos de trabalho de prospecção e pesquisa, os seguintes montantes mínimos: durante os primeiros 18 meses, 7500 contos; durante os 42 meses seguintes, 30 000 contos; desde o 6.º ao 10.º ano, o necessário para dar execução aos planos aprovados. O direito de produção é concedido pelo período de trinta anos, contados a partir da data da assinatura do contrato, que poderá ser prorrogado por dois períodos de dez anos cada, se for reconhecido que a concessionária cumpriu integralmente as suas obrigações legais e contratuais e actuou de acordo com os superiores interesses do Estado. A concessionária pagará á província de S. Tomé e Príncipe, como renda de superfície, as seguintes rendas anuais por quilómetro quadrado da área que mantiver: durante os primeiros cinco anos, 320$00; nos três anos seguintes, 580$00; nos dois ultimos anos de prospecção e pesquisa, 800$00; durante a fase de exploração, 2500$00 subindo 500$00 cada cinco anos de exploração. Como prémio de assinatura do contrato de concessão, a concessionária pagará á província, até três meses, após a assinatura do contrato, a importancia de 500 contos. Pagará as seguintes importancias, como prémio de produção, quando forem atingidas, durante trinta dias, num período de noventa consecutivos, as produções diárias de: 50 000 barris, 10 000 contos; 100 000 barris, 20 000 contos; por cada multiplo de 100 000 barris, 10 000 contos. A concessionária compromete-se a investir na província de S. Tomé e Príncipe, pelo menos: até á produção de 25 000 barris diários, 0,25% do preço do barril; até 37 500 barris diários, 0,33%; além de 37 500 barris diários, 0,50%.

SOLIDARIEDADE NA MORTE

Sentiu-se culpada da morte do marido a sr.ª Aurora Dias. Tinham regressado da feira de Vieira do Minho á sua casa no Cabril, concelho de Montalegre. O marido, sr. Manuel Pereira saiu depois de casa e, como não regressasse, foram a esposa, diversos familiares e outras pessoas, em sua busca. Encontraram-no afogado, numa barragem. A esposa regressou a casa, amargurada e sentindo-se responsável, ingeriu forte dose de veneno, morrendo também.

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS

Na Academia das Ciências apresentou ontem á tarde uma comunicação o prof. Andrade Gouveia, da Universidade de Coimbra, sobre «Plumbagina e compostos relacionados». O trabalho foi realizado no Laboratório Químico da Universidade de Coimbra, com a colaboração dos drs. Alfredo P. de Gouveia, Maria Gabriela S. Figueiredo e Abílio M. da Silva.

FESTA PARA OS DOENTES

O Grupo Boa Esperança, de Algés, promoveu ontem uma festa dedicada aos militares que se encontram no anexo do Hospital Militar, á Rua Artilharia Um. Todos os anos, o Grupo Boa Esperança tem ido a esse hospital militar levando artistas conhecidos para animar o ambiente e minorar o sofrimento dos militares.

FURGONETA CONTRA A ÁRVORE

Perto de Pombal, seguia Carlos Ramos Cadete, de 26 anos, solteiro, de Matos (Carriço), morador em Leiria. Ia ao volante da sua furgoneta. Em dada altura derrapou e foi contra uma árvore. Morreu logo o pobre condutor.

PRÉMIOS ESCOLARES

O ministro da Educação Nacional recebeu ontem o lavrador e proprietário do concelho de Torres Vedras, sr. Fernando de Barros Leal, que lhe foi entregar um cheque de 120 contos. O rendimento deverá ser aplicado na instituição de dois prémios anuais para os melhores alunos, um rapaz e uma rapariga, da secção liceal daquela vila. Este ano os prémios funcionarão, com um donativo especial de 7500 escudos. O ministro Veiga Simão agradeceu ao sr. Fernando de Barros Leal a sua iniciativa e benemerência.

Foi entregue à Federação dos Industriais de Lanifícios um exemplar do Guia-Mor

O dr. Ubach Chaves, presidente da Federação Nacional dos Industriais de Lanifícios, recebeu os dirigentes da firma GUIÃO — Divulgação Promocional da de Industria e Comércio, srs. dr. Manuel Metello, João Eduardo Sequeira Rodrigues e Gil Cardoso Dias, que lhe fizeram a entrega oficial do primeiro «GUIA-MOR» editado, dirigido á Industria Têxtil.

O dr. Ubach Chaves, em seu nome e no da Indústria que representa, congratulou-se com o aparecimento do «GUIA-MOR», considerando-o de muitíssimo interesse para a Indústria Têxtil, pois, por se tratar de uma obra séria e bem estruturada, irá certamente proporcionar a todos os industriais uma maior facilidade de escolha na compra de equipamentos ou matérias-primas.

Agradecendo a oferta o dr. Ubach Chaves terminou desejando ao «GUIÃO» o maior êxito em edições futuras, colocando-se à sua disposição em tudo quanto possa contribuir para o progresso da Indústria Têxtil.

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

EMISSORA NACIONAL

PAGAMENTO DE TAXAS

AVISO

Devem ser pagas durante o corrente mês, as taxas correspondentes ás licenças de rádio e de televisão anuais com numeros terminados em **5 (cinco)**, e semestrais em **0 (zero)** ou **1 (um)**.

Este pagamento pode ser efectuado, até às 18 horas, em qualquer estação dos Correios do continente ou ilhas adjacentes, na Tesouraria da Emissora Nacional — Rua Castilho, 30-A, em Lisboa, ou nos Emissores Regionais, às horas normais de expediente.

Também até final deste mês podem ainda ser pagas na Emissora Nacional as taxas das licenças anuais com numeração terminada em 4, ou semestrais com numeração terminada em 8 ou 9, acrescidas de 25%. Decorrido este prazo, segue-se a cobrança através dos juízos fiscais.

Os vales de correio destinados ao pagamento de taxas, devem mencionar o número da licença, sem o que serão recusados.

Tribuna livre — A situação dos aposentados e o aumento do custo de vida

A Imprensa tem-se ocupado ultimamente da situação dos funcionários aposentados ou reformados, os quais há muito se mantém em flagrante desigualdade em relação aos efectivos, o que tem merecido, também, a intervenção oportuna de alguns deputados na Assembleia Nacional, e, ainda, algumas palavras de esperança e promessas de solução satisfatória por parte do Presidente do Conselho, numa das suas últimas «conversas» na Televisão.

Não se deve ignorar que os actuais inactivos foram durante quarenta anos os melhores e mais dedicados colaboradores da Administração na execução das pesadas e eficientes tarefas de reorganização dos serviços públicos, dos Planos de Fomento, das reformas tributárias, do aperfeiçoamento do Ensino e da Investigação, dos importantes melhoramentos e obras públicas (estradas, pontes, edifícios, monumentos, etc.), e, sobretudo, na defesa da soberania e da nossa independência, como já sucedera durante a primeira guerra mundial, no Continente e no Ultramar.

Estamos absolutamente convictos de que a legislação sobre as aposentações e reformas está carecida de um estudo atento e humano por parte da Administração.

Parece-nos que em todos os países da Europa progressiva o direito à aposentação se fixou, há muito, nos 30 anos de serviço efectivo, e o limite de idade para os homens aos 60 anos e para as mulheres aos 55. Lamentàvelmente, entre nós, paradoxalmente, o direito à aposentação, que já foi aos 30 anos elevou-se, depois, para os 40, e o limite de idade para os 70, pelo Decreto-Lei n.º 16 669, de 27 de Março de 1929.

Foi, assim, o funcionalismo privado de mais uma regalia que usufruia já desde remotos tempos, o que, parecendo simples, pode ter consequências e prejuízos graves, como, por exemplo, um funcionário que por doença ou desastre fora do serviço, ou por qualquer outra incapacidade física, vier a ser aposentado com 30 anos de serviço efectivo, terá de pensão apenas 3/4 do vencimento, enquanto que pela anterior legislação a receberia na totalidade.

Por outro lado, o funcionário que passa à situação de aposentado fica imediatamente privado do abono de família, da assistência médica (recentemente instituída), de gratificações e emolumentos, de subsídios de habitação e de guarnição, e de outras regalias que, em parte, se conservam em outros países, como seja o abono familiar, ou para estudos dos filhos, a assistência na doença, etc.

Outra regalia perdida foi a da contagem do tempo de serviço militar prestado como tributo de sangue à Nação para o cómputo da pensão de aposentação ou reforma, que, pela antiga legislação, não era cativo de desconto, e que passou a sê-lo — até mesmo o tempo de campanha em defesa da nossa independência e soberania — pelo § 3.º do artigo 15.º do citado Decreto-Lei n.º 16 669, desconto que é de 6 por cento, e o qual passou a recair, também, sobre a importância mensal da pensão de aposentação, que anteriormente era isenta de descontos, tendo-se, lamentàvelmente, estabelecido um sistema de indemnizações à Caixa Geral de Aposentações de tal modo oneroso que, embora possam ser pagas em prestações mensais durante oito anos, essas indemnizações atingem, em alguns casos, uma soma de milhares de escudos, que afecta ainda mais a débil economia dos funcionários.

Exactamente por esse pesado encargo, que os coloca em igualdade de circunstâncias com os seus colegas na efectividade, em matéria de descontos, esperam os funcionários aposentados que a Caixa Geral de Aposentações — como é de inteira justiça — cumpra o disposto no artigo 37.º do citado Decreto-Lei n.º 16 669, que determina textualmente que — «sempre que tenha lugar qualquer alteração nos vencimentos, as pensões de aposentação acompanhá-lo-ão proporcionalmente, de forma que os aposentados estejam sempre em correspondência de vencimentos com os funcionários do activo do seu respectivo quadro e categoria» — *disposição esta absolutamente moral e equitativa, para obviar aos casos, já por vezes apontados e comentados na Imprensa, de haver oficiais das Forças Armadas reformados a vencer menos do que os sargentos no activo, e funcionários superiores dos serviços civis aposentados a vencerem também menos do que outros de menor categoria na actividade — o que é ilógico e desprestigiante da hierarquia e significa um prémio bem desagradável e imerecido aos que souberam exercer com zelo, competência e dedicação as funções dos seus cargos e servir dignamente e honestamente a Nação durante uma longa carreira, por vezes merecendo louvores e manifestações de apreço por parte dos seus chefes, e alguns, até, podendo ostentar condecorações honrosas.*

Pode a Caixa agarrar-se à infeliz disposição expressa no § 3.º daquele artigo 37.º, que preceitua que «é suspensa a execução do disposto neste artigo enquanto a C. G. A. não puder prescindir do auxílio do Estado, nos termos do artigo 12.º do decreto n.º 16 667.» *— pelo que se impõe a urgente revogação de tão absurda como absoleta disposição, que se pode considerar senil e decrépita, porque já conta nada menos de 40 anos de existência!*

E tanto mais se impõe essa revogação por se saber que a situação da Caixa Geral de Depósitos, em que as aposentações estão integradas, é precisamente desafogada no presente. E tão desafogada e tão próspera — felicitemos por isso os seus administradores — que o montante dos seus depósitos subiu já a cerca de 25 milhões de contos.

Aliás, se o Estado impõe às empresas privadas e ao patronato uma contribuição que cremos ser de 15 por cento para as Caixas de Previdência dos seus empregados e operários, não deverá negar-se a contribuir, também, com a sua quota parte para o amparo dos seus servidores na inabilidade e na velhice.

E não é certo que morrem em cada ano algumas centenas, se não milhares de funcionários, cujos descontos a Caixa arrecadou durante os anos em que serviram nos seus lugares, sem terem atingido a aposentação e sem que os seus familiares sejam reembolsados dessas quantias descontadas, nem, ao menos, sendo concedido um subsídio de sobrevivência, como compensação, às respectivas mães, viúvas ou filhos, que, muitas vezes, ficam em situação de indigência e de miséria?

Isto, parece-nos, é de ponderar e de considerar. Por isso, aqui deixamos um apelo ao sr. Presidente do Conselho, ao sr. ministro das Finanças, ao Governo da Nação: — Faça-se justiça aos 40 000 aposentados — que também são portugueses — ao mesmo tempo que se dará garantia aos 200 000 efectivos actuais, que poderão viver tranquilos e confiantes no futuro, até ao termo das suas carreiras — pois não terão apreensões e receios de virem a encontrar-se na situação dos colegas que os antecederam nos seus próprios lugares...

RUI DE OLIVEIRA

Nota do dia

OBRA DE RECUPERAÇÃO

O NOME DA BRANDOA ficou como um símbolo, um símbolo e um conceito de más lembranças, um bairro clandestino que nasceu e cresceu na periferia de Lisboa, sem água, sem luz, sem esgotos e sem transportes, mas onde hoje se albergam para cima de vinte mil pessoas. Tudo aquilo nasceu e cresceu sem licença de ninguém, pelo menos de ninguém que a pudesse dar. Quando chegou a hora de um desabamento, aqui d'el-rei que pouca vergonha era aquela, que é que se havia de fazer? A solução radical, demolir aquilo tudo que era clandestino, parecia de justiça. Mas seria? E as vinte mil pessoas que já ali se tinham instalado?

A nova Câmara de Oeiras, concelho a que já pertence aquela cercania de Lisboa, olhou, deu o balanço à questão, viram-se os problemas técnicos e também os problemas sociais, concluiu-se que era preciso deitar mão e arranjar soluções, as que fossem possíveis no meio de tão grande confusão. O Ministério das Obras Públicas, dada a dimensão e gravidade da questão que era preciso defrontar, apontou também as suas atenções e confiou a um grupo de técnicos o estudo apropriado para a obra que se tornava necessário empreender, urbanização, salubridade, segurança, serviços, abastecimentos, tudo o que faz a vida de um aglomerado populacional que, mesmo clandestino, já vai em duas dezenas de milhares de habitantes.

E a verdade é que a obra de recuperação está a andar, como teve a atenção de nos informar o presidente do respectivo Município, no propósito de esclarecer comentários há tempos aqui produzidos. O trabalho está a andar e, se bem que quase silenciosamente, já com obra feita, pois entrou agora a funcionar, segundo notícia dada a público, o mercado coberto, com uma área de 1200 metros, locais de abastecimento público e serviços, frigoríficos de peixe e carne, tratamento de géneros alimentícios e instalações para o pessoal. Quer dizer, a Brandoa soergue-se do seu abalo, toma alento para viver a sua vida, poder gozar em paz o seu direito ao sol, com crianças que saltam e crescem como crescem flores no meio da erva daninha.

O trabalho de fundo foi confiado a um numeroso grupo de planeamento e arquitectura, que está a trabalhar há perto de seis meses no projecto de recuperação e arranjo do existente e no estabelecimento de condições que tornem possível a expansão coerente do aglomerado, aliás com óptima localização. Mas, ao mesmo tempo, vão decorrendo as obras possíveis, águas e saneamento, novos arruamentos, electricidade e transportes. De ruas, prevê-se a pavimentação de 14 quilómetros, de que uma parte importante, cerca de metade, já se concluiu. Para os amadores de números pode acrescentar-se que são mais de 36 quilómetros de condutas de água.

Poder aqui o comentador fazer esta referência sem outro sentido que não seja de júbilo e de louvor tem, de certo modo, o paladar de uma compensação para quem, as mais das vezes, se contorce no sofrimento íntimo de mais lhe virem às mãos aqueles temas que mais carecem de correctivo. Hoje, pelo contrário, o correctivo é a própria obra que se louva e com a qual, a esta hora, estão já por certo a rejubilar as modestas famílias que foram procurar abrigo onde o encontraram, tal como puderam, onde ele lhes foi mais acessível. Agora, vêem erguer-se à sua volta as esperanças próximas de uma sugestão de conforto e segurança, uma nesga de luz e de esperança na vereda estreita por onde todos os dias fazem o seu caminho.

RECTÂNGULOS DA VIDA

O RAPOSINHO E O RAPAZ

Por MARIA JUDITE DE CARVALHO

No areal quase deserto eis que de repente surge o insólito: um rapaz com um raposinho nos braços. O rapaz não está besuntado e bronzeado mas implacàvelmente curtido pelo sol algarvio. Calças de veludo muito usadas, quase sem cor, tronco nu, cabelo comprido, ou melhor, cabelo por cortar. Porque a moda às vezes dá jeito. Com os cabelos pode ser assim. Dar muitíssimo jeito.

O rapaz passa devagar, e o casal alemão ri ao ver o raposinho, e diz coisas com muitos *achs* pelo meio. O rapaz detém-se, aproxima-se, senta-se. Ele e ela fazem festas ao animal. E trava-se conversa. Lembro-me cá por coisas da tia de [illegible] Mendes.

Os alemães perguntam o quer que seja (em alemão) e o rapaz percebe-os pela expressão ou simplesmente porque a pergunta — aquela — é inevitável. Então mima uma espingarda, puxa o gatilho, exibe dois dedos, abre os braços como quem lamenta, aponta o raposinho órfão, que entretanto prendeu ao pau despido de um toldo. Os alemães ficam sérios, riem de novo, falam um com o outro, não tiram os olhos do raposo.

Daí a nada olham para o Marcel Marceau da praia, dois dedos rosados caminham pela areia, uma voz diz A-le-ma-nha, porque isso já aprendeu. «A-le-ma-nha?» com ponto de interrogação.

O rapaz abana a cabeça da esquerda para a direita, lentamente. Depois levanta-se, põe o braço direito ao ombro, dá passos militares. Pára, encolhe os ombros. Mais tarde, quem sabe? Abre os braços. Quem sabe? Senta-se, volta a sorrir. Espera. O quê?

O alemão aponta para ele, rapaz, depois para Sagres lá no alto, branca branca ao sol do meio-dia. Ele acena verticalmente, afirmativamente, ri alegre, diz na sua língua bárbara, batendo no peito: «Sim, sim. Bonita. Bela, bela!» A alemã repete na sua língua bárbara também: «Wunderbar!»

Depois o casal levanta-se porque são horas do banho. Um deles bate com as pontas dos dedos no sítio do pulso onde o relógio costuma estar, e ambos riem, acenam amigàvelmente. O rapaz corresponde, levanta-se também, segue o seu caminho sempre com o raposinho ao colo. Vejo-o parar de novo, lá adiante, junto de um grupo de ingleses, vejo-o amarrar de novo o raposinho ao pau de um toldo despido.

dixan
O Detergente de qualidade para todas as máquinas de lavar roupa.

MÓVEIS
Nórdicos e todos os estilos. Estofos — Colchões — Maples-cama
FACILIDADES DE PAGAMENTO E TROCA
MOFEL
MÓVEIS FERLIM, LDA.
Rua de S. Bento, 243
Telef. 67 62 69

TERMINA HOJE O CICLO DA CASA DA IMPRENSA

Com o programa que a Casa da Imprensa apresenta hoje no São Luiz e Alvalade encerra-se o ciclo «O Fantástico e o Maravilhoso no Cinema», que durante duas semanas permitiu ao público lisboeta ter uma visão panoramica do filme não realista.

Exibindo «Grau de destruição», de François Truffaut, e «O Jardim da tortura», de Freddie Francis, a Casa da Imprensa assinala dois rumos do cinema fantástico: a ficção científica e o terror.

Truffaut considera «Grau de destruição» como um sonho. Na realidade, embora este filme trate de livros, não é uma película didáctica. É um filme que mostra os livros a morrer. De facto são eles as autênticas personagens desta obra dura e amarga, animada de bons sentimentos, modesta e simples. Truffaut define o seu filme como «uma história fantástica que torna vulgares as cenas muito estranhas e anormais as cenas quotidianas».

Em «O jardim da tortura», Freddie Francis inspira-se em Robert Bloch para nos contar uma história de terror na qual o misterioso dr. Diabolo adivinha o futuro com sérias implicações sociais e humanas. Explorando a fantasia e o desconhecido em «O jardim da tortura», Francis revela-se um cineasta que merece ser tomado em consideração dentro do difícil género do terror cinematográfico.

BALADAS EM OVAR

OVAR, 3 — As verbenas do orfeão local prosseguem amanhã, ás 22 horas, com um programa dedicado á divulgação da balada. Actuarão o duo Duarte & Ciriaco e o ovarense Manuel Freire, cotados intérpretes da nova música portuguesa, havendo também, como complemento, um baile abrilhantado pelo conjunto ovarense «Pop 6».

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO TIVOLI

Título: «A Conquista da Lua — Apolo 11» (Footprins on the Moo: — Apollo 11»).

Realização de: Bill Gibson (Technicolor).

Comentário de: Robert Scott.

Distribuição: Fox Filmes

Produção de: Barry Col.

Se não viu na Televisão (o que duvidamos!) a célebre alunagem do módulo «Aguia», vá ao Tivoli, nas sessões das 15 e das 18 e 30 (podendo até levar os seus filhos mais novos, isto é: *os maiores de 6 anos*). Se viu na TV, pode á mesma voltar a ver, que foi o que nós fizemos (para além do chamado «dever de ofício»).

Evidentemente que este documentário de longa-metragem, produzido por Bill Gibson, tem vantagens e inconvenientes em relação á edição original. Vantagens: uma visão panorâmica da viagem, a cor, a lembrança. Inconvenientes: o tom propagandístico, a sensação do já visto, a falta de uma perspectivação histórica e sociológica que o evento já hoje pode (e deve) justificar.

Dito isto, lá veremos a partida do dia 15 de Julho de 1969. Cabo Kennedy na Florida. «Apollo 11» erguendo-se pesadamente da sua rampa de lançamento. Os momentos de expectativa. Os olhos. O espectáculo. O «cow-boy» americano no espaço. A conquista do reino de Júlio Verne. Em vez de Tom Mix, temos agora Neil Armstrong, Michael Collins e Edwin Aldrin. Capitão América, «em nome da Humanidade», deposita a bandeira americana no Mar da Tranquilidade. Nixon, presidente, no telefonema mais longo. O bailado dos cosmonautas. Em Houston, Texas, todos são olhos e ouvidos. «Que admirável solidão», diz um cosmonauta, enquanto saltita na poeira lunar. Depois o regresso. O fim da aventura. Da vigília de uma noite nada resta a não ser uma data. Curiosamente pouca gente se incomoda, hoje em dia, apenas transcorrido um ano, em recordar «*Apolo 11*» e a vitória da imaginação. Numa época de vertigem, a Lua deixa de ser desconhecida. Outros planetas virão. «Há Mais Mundos», disse Régio. A Lua deixa de ser manchete.

LAURO ANTÓNIO

Teatro Maria Matos TELEF. 717017

TODAS AS NOITES ÀS 21.45 HORAS
Sábados e Domingos também às 16 horas

SÁBADO, ÀS 16 H. TARDE POPULAR
BALCÃO: 10$, 15$ e 30$00
PLATEIA: 30$00 e 50$00

ÚLTIMAS SEMANAS

A RELÍQUIA
ECA DE QUEIROZ
AR REFRIGERADO
M/ 17 anos

AVISO A SÉRIO

Porque já há muito tínhamos assumido compromissos para a apresentação de «O VISON VOADOR» em casas de espectáculos do Porto e Província, avisamos o público de que «O VISON VOADOR» só poderá ficar no Teatro Villaret até Agosto.

(«O Vison Voador» é para rir mas o aviso é a sério!)

M. 17 ANOS

A nova revista do A. B. C.

CARLOS BOTELHO E RELÓGIO COLABORAM EM «ALTO LÁ COM ELAS»

Está pràticamente concluída a revista para abertura da temporada no Teatro ABC, que marca o regresso da companhia dirigida pelo empresário José Miguel após a digressão ultramarina.

«Alto lá com elas» (título da revista) é original de Paulo da Fonseca, César de Oliveira e Rogério Bracinha, tem música de João Nobre e J. Vasconcelos, encenação de César de Oliveira, direcção de montagem de Manuel Lima, figurinos de Juan Soutullo, coreografia dirigida pelo bailarino australiano Barry Seray, colaboração plástica dos pintores Carlos Botelho (nosso prezado colaborador) e Francisco Relógio e ainda diversas cenas pintadas por Pinto de Campos.

— A presença de Carlos Botelho e Francisco Relógio é uma tentativa de divulgação dos mais válidos nomes da Arte portuguesa, até aqui (na quase totalidade) esquecidos em espectáculos de verdadeiro sabor particular.

Isto nos disse César de Oliveira, acrescentando:

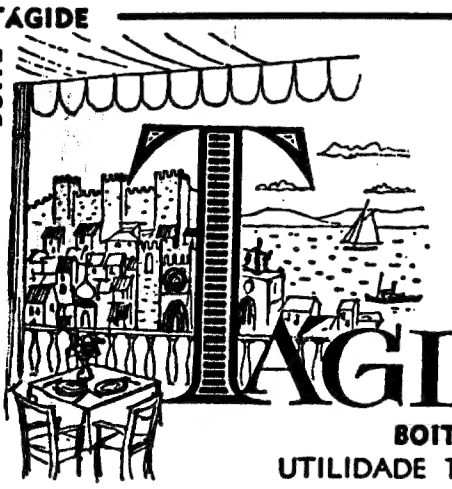
— Uma nota destacada de «Alto lá com elas» reside na reaparição de Camilo de Oliveira em palcos de revista do Parque Mayer após quatro temporadas de afastamento. Ele vai interpretar, entre outros numeros, «Pronto a dormir», «Empregado da sauna», «Herói da foto-novela» e «Bombeiro em lua-de-mel».

RELÓGIO

BOTELHO

TÁGIDE

BOITE



Serviço de Restaurante

*

Aberto até às 5 Horas

TÁGIDE

BOITE

UTILIDADE TURISTICA

LG BIBLIOTECA PÚBLICA, 18-20

TELS. Boîte 3 5328

Restaurante

Cabine 36 21 23

MARIA VITÓRIA ADULTOS

• SÓ ATÉ DOMINGO!!!

3 ÚLTIMOS DIAS!

A FAMOSA REVISTA DA GARGALHADA:

• O PRATO DO DIA! •

● HOJE, ÀS 20,45 e 23 HORAS

O TRIUNFO DE UM ÓPTIMO ELENCO, COM:

● JOSÉ VIANA ● AIDA BAPTISTA

● BARROSO ● DORA LEAL

● VICTOR MENDES ● MARIANO FRANCO ● CARLOS MIGUEL ● DINA MARIA ● CRISTINA CASSOLA

● ANITA GUERREIRO

No «compère»:

● OCTÁVIO de MATOS

A grande atracção francesa

● SABRINA

À frente de uma grande companhia

com UM ESCULTURAL E ALEGRE «BALLET» INTERNACIONAL

● O ADEUS A LISBOA DE UM ENORME ÊXITO!!!

● DOMINGO, ULTIMA «MATINÉE», ÀS 16 HORAS

OCTÁVIO DE MATOS no «compère»

● 3.ª-FEIRA, 7, NA AMADORA ● 4.ª-FEIRA, 8, COIMBRA ● 5.ª-FEIRA, 9, FIGUEIRA DA FOZ ● 6.ª-FEIRA, 10, COIMBRA ● SÁBADO, 11, FIGUEIRA DA FOZ ● DOMINGO, 12, ALCOBAÇA.

● OS ESPECTÁCULOS DE COIMBRA ESTÃO INTEGRADOS NAS FESTAS DA RAINHA SANTA.

● PORTO: DIA 24, SENSACIONAL ESTREIA NO T. SÁ DA BANDEIRA

CONTABILIDADE

GRUPO: ORGANIZA, ORIENTA E EXECUTA ESCRITAS.

TELEF. 30208

O mais pequeno é o maior.

Só o Evinrude guarda 115 cavalos de raça no menor espaço do mundo.

Os motores não se medem aos palmos. O mais pequeno pode ser o mais forte. Pode ser o campeão. Quem o demonstra é o consagrado Evinrude 115 CV.

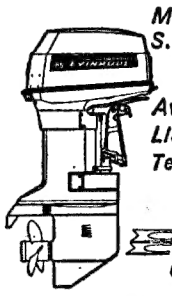
Tem capacidade para puxar 7 esquiadores à velocidade de foguetão. É muito mais compacto que os seus competidores (compare os modelos acima e tire conclusões). É formidável até no peso. Muito mais leve que os outros. Como motor de excepção, tem mudanças electromagnéticas exclusivas.

Quanto aos outros motores, nem vale a pena falar... Evinrude significa qualidade e duração. Tem o melhor serviço mundial de assistência. E 2 anos de garantia para fins recreativos.

Tudo isto em todos os outboards Evinrude. Conheça bem os extras que um Evinrude lhe proporciona, desde o jovem 1,5 CV ao potente 115 CV.

Vale a pena investir num Evinrude.

Dirija-se ao distribuidor exclusivo:



MENDES DE ALMEIDA, S.A.R.L.

Av. 24 de Julho, 52-A

LISBOA

Telef: 66 77 10

EVINRUDE

O poder da experiência

adapt. LATINA

ANDARES
E APARTAMENTOS MOBILADOS

50 MIL CONTOS DE PROPRIEDADES À VENDA PARA ESCRITURAS IMEDIATAS

NÃO COMPRE SEM CONSULTAR
J. PIMENTA, S.A.R.L.
A MAIOR EMPRESA DE CONSTRUÇÃO E VENDA DE PROPRIEDADES DO PAÍS

250 MIL CONTOS DE PROPRIEDADES EM CONSTRUÇÃO PARA VENDA

PREÇOS DESDE 130 CONTOS EM APARTAMENTOS MOBILADOS, ANDARES, ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS E ARMAZENS NA REBOLEIRA, AMADORA, PAÇO DE ARCOS, CASCAIS (PAMPILHEIRA)

INFORMAÇÕES NOS LOCAIS DE CONSTRUÇÃO
E NOS NOSSOS ESCRITÓRIOS:
LISBOA — Praça Marquês de Pombal, 15-1.º — Telefones 4 58 43 - 4 78 43
QUELUZ — Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21/22

Escolha
o ambiente em que quer viver...

... ou trabalhar. A Sopal e o Banco Totta & Açores criaram, pela primeira vez em Portugal, o sistema moderno e prático que torna possível a decoração e o equipamento da sua casa ou do seu escritório.
O pagamento dos seus serviços é feito através de fracções mensais, sem qualquer agravamento de preços.
A Sopal resolve o problema da decoração consigo.
O Banco Totta & Açores resolve para que o pagamento não seja problema.

UTILIZE O NOSSO «PLANO DE VENDAS A PRESTAÇÕES» EM COLABORAÇÃO COM O BANCO TOTTA & AÇORES

SOPAL DECORA/REVESTE/EQUIPA
Rua Ivens, 58-64 • Tel. 37 01 66/7/8/9
LISBOA

À SOPAL
Rua Ivens, 58-64
DL
Queiram enviar-me o vosso folheto explicativo sobre Decoração, Revestimentos e Equipamento.
Nome .....
Morada .....

O NOVO «SHOW» DO CASINO ESTORIL

Havemos de convir que, seja em que parte do mundo for, não é tarefa fácil apresentar, de três em três semanas, um novo «show» de categoria internacional. Muito menos entre nós, onde o «music-hall» é uma actividade pouco evoluída. Por isso, havemos de convir também que o Casino Estoril se tem desempenhado de uma tarefa invulgar, dando-nos regularmente, com aquele intervalo de tempo, um novo espectáculo. E espectáculos apreciáveis, como este que agora ali se estreou, mantendo no cartaz apenas uma atracção das que faziam parte do programa anterior — o Bentyber Dancers, cuja classe, já aqui elogiada, justifica plenamente essa permanência.

De novo, portanto, temos Maria St. Clair, vedeta inglesa da canção, figurinha gentil de mulher, com um bom fio de voz e um repertório agradável; Bob Arno, original fantasista e exímio «pick-pocket» que entusiasma o publico com o seu surpreendente trabalho; e Mariema, a artista portuguesa que se consagrou em tantas e tão variadas intervenções em espectáculos do teatro ligeiro português.

Para os frequentadores do «Wonder-Bar» há também uma novidade: a presença escultural da artista Carole Ryva.

Bill Travers e Virgínia McKenna no Cinema Vox

Lembram-se do belíssimo espectáculo que foi «Uma leoa chamada Elsa»? Pois os mesmos intérpretes (Bill Travers e Virginia McKenna) são agora protagonistas de outra história em que a Natureza é o pólo central: «A baía do homem solitário».

Na realidade, o actual cartaz do cinema Vox é um autêntico poema de ternura, que fascina e prende a atenção do publico. Focando a história de um contabilista que, saturado da vida trabalhosa da cidade, resolve gozar umas longas e despreocupadas férias na companhia de uma endiabrada lontra por quem se apaixonou, o realizador Jack Cauffer urdiu um filme de excepção, aliciante para os miudos e apaixonante para as pessoas mais crescidas.

Estupendamente fotografado em technicolor, «A baia do homem solitário» enleva, faz sorrir, provoca gargalhadas e conta com momentos da maior emoção e expectativa. É um filme completo, que a crítica foi unanime em elogiar. É uma obra de bom cinema, que vale a pena ver e apreciar. Por isso mesmo, recomendamos uma ida ao Vox, a sala mais fresca de Lisboa, onde se sucedem os filmes de qualidade.

BAILARICO EM LOPAS

Amanhã á noite, pelas 22 horas, o Sporting Clube das Lopas (de Agualva, Cacém) realiza um baile com verbena em que actua o conjunto musical «Os Yankees».

O acesso é permitido a maiores de 15 anos.

GRANDE NOITE DA MODA
NA
FEIRA POPULAR de LISBOA
A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DO «SÉCULO»
GENTE DE TODAS AS IDADES DESFRUTAM EM CONVÍVIO SOCIAL OS ENCANTOS QUE LHE RESERVA
O GRANDIOSO PARQUE DE ENTRECAMPOS
TODAS AS ATRACÇÕES EM MOVIMENTO CONSTANTE
«STANDS» DE EXPOSIÇÕES — DIVERTIMENTOS
RESTAURANTES — RETIROS — SORTEIOS, ETC.
ABERTURA ÀS 19 HORAS — ENTRADA: 2 ESCUDOS

VIDA MUSICAL

Jovens bolseiros da Gulbenkian em digressão pelo País

No intuito de contribuir para a descentralização da nossa vida musical, e simultâneamente com o fim — segundo diz — de estimular a carreira artística e o desenvolvimento profissional de jovens músicos portugueses, a Fundação Gulbenkian resolveu patrocinar a realização de digressões de alguns dos seus bolseiros por diversos centros do País.

A primeira destas novas séries de concertos teve início em Fevereiro último e prolonga-se até ao corrente mês, com a colaboração dos pianistas Adriano Jordão e Maria José Morais e da cantora Maria da Saudade Campos (acompanhada por Maria Leonilde Castro), que se têm feito ouvir nos seguintes estabelecimentos de ensino e instituições culturais: Conservatórios Regionais de Braga e Coimbra, Academias de Música de Espinho e Vila da Feira, Círculo Cultural Scalabitano (Santarém), Orfeão de Viseu e Orfeão da Covilhã.

Em estreita ligação com estas digressões, os referidos artistas colaboram também nos «*Concertos de Julho*» que a Fundação promove no seu Auditório Dois em Lisboa.

TEATRO (ADULTOS)
VARIEDADES *
Tel 326037
SÓ ATÉ DOMINGO
A RISOTISSIMA COMÉDIA
«TCHAU»
Um elenco de «estrelas»
JOSÉ AMARO * MARIA DULCE * GLÓRIA DE MATTOS * RUI PEDRO * HENRIQUETA MAIA * VARELA SILVA
(por ordem de entrada em cena)
TODAS AS NOITES AS 21.45 HORAS
DOMINGO: «Matinée» às 16 horas
DESCONTO DE 50% AOS ESTUDANTES

TEATRO (ADULTOS)
CAPITÓLIO
Telef. 32 74 93
É PONTO DE ENCONTRO COM
SARA MONTIEL
EM PESSOA
UMA EXCELENTE REVISTA ESPANHOLA
50 FIGURAS EM CENA DESLUMBRANTE
SÓ ATÉ DOMINGO
2 SESSÕES 2 ÀS 20.45 E 23 HORAS
ATENÇÃO — A 2.ª sessão termina à hora regulamentar.

CASA DA COMÉDIA
MARCAÇÕES: Telef. 677299
Rua S. Francisco Borja, 22
Impreterivelmente até dia 4 de Julho, ás 22 h.
A Batalha Naval
de Jaime Salazar Sampaio
direcção de Vitor Poitout
cenografia, João Abel Manta
(Maiores de 17 anos)
Subsídio Fundo de Teatro
2.ª-feira não há espectáculo

«Preços justos devem ser aceites»

— opinião dos dirigentes da Corporação da Lavoura

Decorreu sob a presidência do sr. Manuel de Almeida e Vasconcellos a ultima reunião da direcção da Corporação da Lavoura, sendo examinados alguns problemas técnicos e económicos da agricultura nacional. Assim, aproximando-se o termo do regime cerealifero vigente, definido pelo Decreto-Lei n.º 46 595, e apreciando afirmações feitas há pouco sobre o problema, na Feira Nacional de Agricultura, pelo ministro da Economia, a direcção aprovou unânimemente, um parecer a submeter á consideração do Governo, no qual se concretiza o pensamento da Corporação com vista a um novo regime. Além de muito mais, os membros directivos julgam que o fornecimento bastante de sementes seleccionadas e desinfectadas, de forragens e cereais, em colaboração com os serviços técnicos, tem de ser finalmente assegurado, a crédito sem juros, para se atingirem, nos mais aptos solos, produções unitárias elevadas que diminuam o «déficit» global da produção nacional.

Igualmente solicitam, para o mesmo fim, o fornecimento a crédito, sem juros, de adubos, reduzidos no seu custo, e a partir de apoio técnico bastante dos serviços oficiais, para que as mais altas potencialidades dos solos na mais larga medida se aproveitem.

A mecanização, que se afigura instante, foi considerada na reunião, chamando-se a atenção para uma acção contra o encarecimento das máquinas e peças, e sugerindo-se que, como tantas vezes condicionantes da mecanização, a drenagem, a despedrega e o arranque de árvores sejam auxiliados com crédito a baixo juro e comparticipações do Estado.

Finalmente, foi apresentado um esquema de preços para todos os cereais, «*assegurando a razoável rentabilidade da sua diversificada cultura, a partir do reconhecimento de custos crescentes e tendo em vista o aproveitamento dos solos consoante as suas aptidões, para se não cair em produções marginais indefensáveis. Preços justos devem ser aceites e a partir dos condicionalismos nacionais, que de contrário o País caminhará para «déficits» crescentes que a economia nacional não pode nem deve suportar, enquanto o processo generalizado de reconversão cultural em curso não atingir expressão satisfatória*».

Determinada superiormente a reconsideração da política vigente de lacticínios, «de benéficos efeitos mas carecida de reajustamentos», foi esta considerada no tríplice aspecto da produção, da comercialização e da sua utilização industrial, fixando-se pontos de vista orientadores da revisão em início, «*consentâneos com as realidades técnicas e económicas e os condicionalismos corporativos, em termos que assegurem a defesa e incremento dos resultados atingidos e inseridos em esquemas devidamente coordenados*».

Artes plásticas

Artur José no Casino do Estoril

No Casino do Estoril é inaugurada amanhã mais uma exposição do ceramista Artur José.

O distinto artista, Prémio Sebastião de Almeida, que todos os anos tem exposto na conhecida galeria do Casino, inaugura a sua exposição ás 19 horas. Fica aberta a exposição até ao dia 14 do corrente mês.

Safira e Nuno Corte-Real na Galeria Estudio

Amanhã, ás 18 horas, na Galeria Estudio, Largo da Biblioteca Publica, 17, 3.º, é inaugurada ao publico a exposição dos artistas Safira e Nuno Corte-Real.

Ruy Leitão na Galeria 111

Está patente ao publico, na Galeria 111, uma exposição de pinturas de Ruy Leitão.

Eduardo Nery na Galeria Buchholz

Na Galeria Buchholz, á Rua Duque de Palmela, é inaugurada hoje, a exposição do artista Eduardo Nery.

Eduardo Nery, que se tem notabilizado como técnico de tapeçaria e cartonista de tapeçarias, apresenta objectos vários, nesta sua exposição.

Manter-se-á aberta todos os dias das 16 ás 20 horas, até ao fim do mês corrente.

Waltraut Cooper na Galeria São Francisco

Está patente ao público, na Galeria São Francisco, uma exposição de gravuras e desenhos de Waltraut Cooper.

Vicente Besugo em Vila Franca de Xira

VILA FRANCA DE XIRA, 3 — É aqui inaugurada amanhã, á tarde, uma exposição de pintura de Vicente Besugo, cujos trabalhos mais recentes vão poder ser vistos na Biblioteca-Museu Municipal, até 12 do corrente.

TAUROMAQUIA

A CORRIDA DOS TOUREIROS

Com a merecida enchente, e sob a presidência do sr. ministro da Saude e Corporações, realizou-se ontem, á noite, no Campo Pequeno, a corrida a favor do Fundo de Assistência dos Toureiros.

Lidaram-se touros dos herdeiros de Pinto Barreiros, bravos na generalidade.

O 1.º tomou uma vara recargando e José Julio fez o quite de frente por detrás. Ofereceu as bandarilhas a Mário Coelho, e cravaram ao quiebro e ao quarteio, e ambos mereceram aplausos. José Julio, brindando ao secretário de Estado do Trabalho, começou de joelhos uma série de ajudados, em redondo e depois ao natural. Tocou as pontas e simulou a morte ao segundo intento. Muito aplaudido, deu volta á arena.

O 2.º touro, realmente bravo, recargou numa vara e Armando Soares bandarilhou bem e, brindando ao sr. inspector dos Espectáculos, usou muito bem da muleta por naturais, ao som da musica e com entusiástica volta á arena.

O 3.º tomou bem uma vara, também recargando e Amadeu lanceau de capa com arte. Bandarilharam Tinoca e Costa, mas depois surgiu um espontaneo que deu muitos passes de muleta, autorizado por Amadeu, que já não pôde luzir-se, pelo que pediu para tourear o ultimo, um sobresselente.

O 4.º foi recebido de joelhos por Mário Coelho, que o pôs em sorte para uma vara que o touro tomou bem, recargando como os anteriores. Coelho retribuiu o convite de José Julio e ambos bandarilharam muito bem. Brindando ao sr. dr. Gonçalves de Proença, começou Mário Coelho por alto, sem se mover e, no centro, ao natural e, já ao som da musica, foi ovacionado numa série de bons passes. Pediu autorização para matar, mas simulou com a mão. Voltas e apoteose no centro.

Após o inevitável intervalo, saiu o 5.º, e José Falcão, toureiro grande em grande momento ascencional, lanceou bem, mandando á maneira de Ordoñez. Três belos pares de bandarilhas. Brindou a António «Badajoz», e desenhou admiráveis passes naturais e de peito, ao som da musica, entre ovações entusiásticas e com triunfais voltas, e mais uma com os três picadores.

No 6.º touro, Manuel António, em substituição de José Simões, que não pôde vir do México, foi aplaudido com a capa e cravou três pares de bandarilhas. O touro, que tomara uma vara de surpresa e outra regular, não colaborou com o bom novilheiro que usou bem da muleta, com aplausos e chamada.

O ultimo, foi para Amadeu, que lanceou bem. Tomou o nobre touro uma vara. Bandarilharam Bartissol e Amancio, e com a muleta esteve Amadeu dos Anjos realmente artista, ao som da musica, com perfeitos passe circulares e adornos. Simulou a morte na sorte de receber, depois de ter pedido licença para matar. Muito ovacionado, deu voltas á arena, convidou os colegas para o acompanharem e requereu a presença do maioral da ganaderia dos Herdeiros de Pinto Barreiros, porque os touros foram, repetimos, geralmente bravos.

Bem dirigiu Sebastião Saraiva e bem bregaram Tinoca, José Agostinho e Manuel «Badajoz». E teve interesse o espectáculo a que faltou apenas a morte dos touros, que ao matadouro irão parar, para, finalmente, morrer, após cruel espera com feridas abertas.

«EL T. PÉREZ»

A partir de 1 de Agosto

distribuição de rendimentos relativa ao 5.º exercício de actividade do

Fundo de Investimentos Atlântico • 7$00 por parte

A referida importância, a que têm direito todas as partes subscritas até 30 de Junho de 1970, será paga contra a apresentação dos respectivos títulos na Sede Social, no Porto, na Sede Central, em Lisboa, ou em qualquer das 85 Dependências ou Agências do

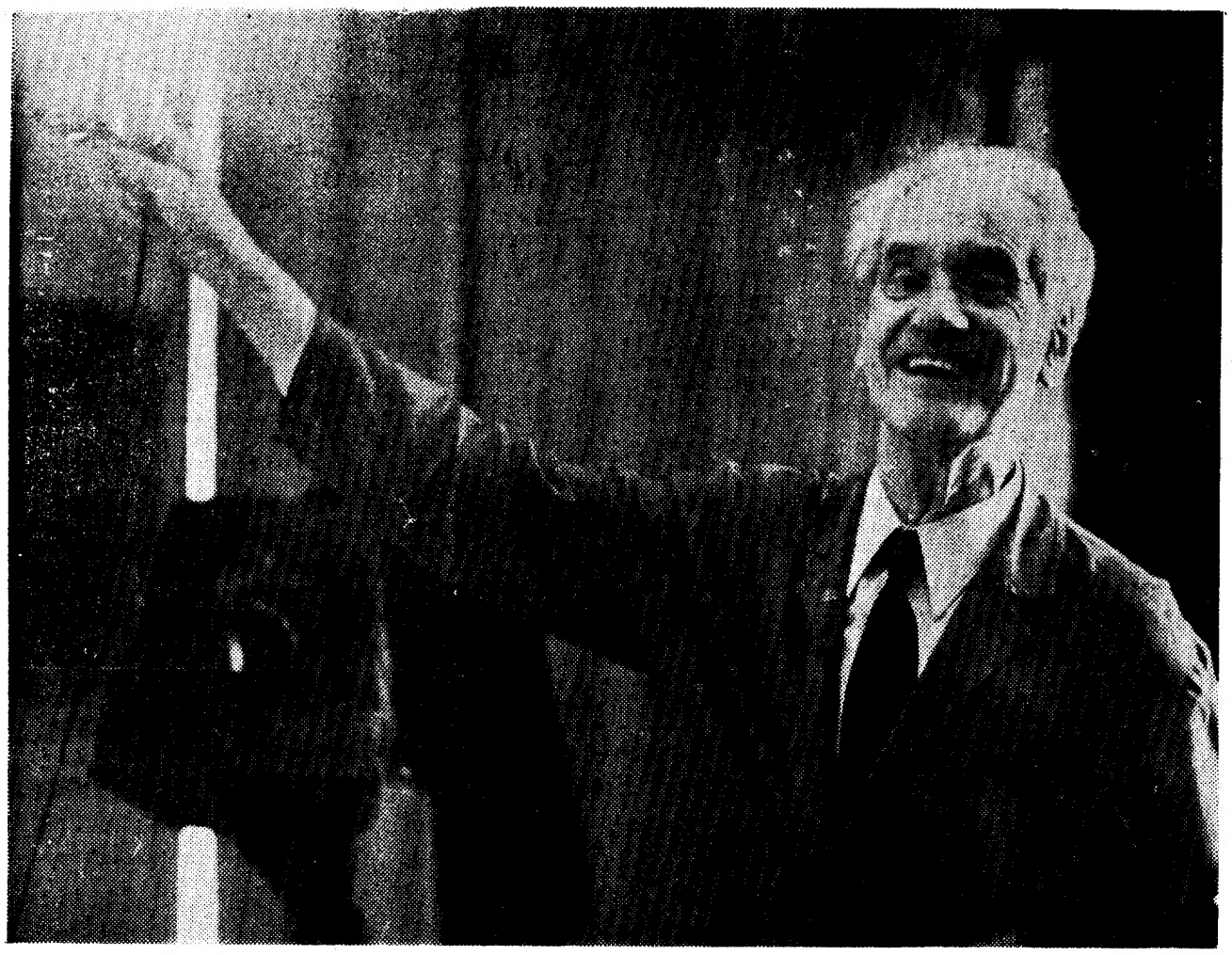
BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

Evolução do preço de emissão das partes do Fundo de Investimentos Atlântico

Em	1-7-64 (data da constituição do Fundo)	125$00
Em	1-7-65	143$50
Em	1-7-66	175$50
Em	1-7-67	167$40
Em	1-7-68	149$00
Em	1-7-69	180$50
Em	30-6-70	218$50

Rendimento distribuído por parte

Em	1965	3$00
Em	1966	3$50
Em	1967	5$00
Em	1968	5$00
Em	1969	6$00
Em	1970	7$00



Aproxima-se o grande momento, aquele em que a ave dispara, das alturas, o voo luminosamente feroz e total...

SAN-PAYO: 60 ANOS A TIRAR RETRATOS

San-Payo, o artista-fotógrafo, festejou há dias os seus 80 anos. Destes, 60 foram dedicados à fotografia: toda uma vida ao serviço da profissão. Todos os dias, todas as noites, caminho nunca interrompido do estúdio para o laboratório, do laboratório para o estúdio. Com breves intervalos para dar umas palavras aos amigos, prazer de que ele não quer abdicar por nada deste mundo e durante os quais fala daquilo que mais o apaixona: a fotografia e a pintura.

— *Eu não queria ser fotógrafo. Pensava que o retrato de fotografia não tinha qualidade artística. Pensava que através dele nada se podia descobrir da intimidade da pessoa. Toda a minha inclinação era para a pintura.*

— Agora ainda pensa que o retrato fotográfico não descobre?

— *Não. Quando nós descobrimos, a máquina obedece.*

— Recorda-se quando se deu conta disso?

— *Foi no Brasil e tinha pouco mais de 20 anos. O retrato que fiz de uma mulher «revelou-me» toda a sua maneira de ser...*

É San-Payo quem fala, naquela sala caótica de livros, quadros, filmes pendurados como festões de arraial, retratos amontoados por todos os cantos, frascos e boiões de feiticeiro, instrumentos diversos do ofício. Naquela sala recebe os amigos; na outra, ao lado, resguardada e convencional, com retratos de meninos e senhoras nas paredes e nas cómodas recebe os clientes.

San-Payo; oitenta anos, a juba de cinza, os olhos ratinhos e mansos, as mãos roídas pelos ácidos. Fala, e enquanto fala, todo ele arde na recordação de súbito acordada. Então ali, naquela sala caótica, as pegadas de 60 anos dedicados a um ofício a que San-Payo deu foro de arte...

Fotografia a domicílio

Tudo parecia condená-lo à vida rotineira da aldeia minhota. Mesmo naquele dia em que o pequeno de 10 anos dizia ao pai:

— *Não quero ficar aqui. Quero seguir uma carreira...*

... e o pai lhe respondeu:

— *Anda ali comigo à rua que eu pego num pau e dou-te uma carreira...*

Depois foi o acaso que o levou até ao seminário. Faltava-lhe, porém, a vocação para sacerdote. Aos 19 anos, a partida para o Brasil, a fim de evitar a tropa. Com os conhecimentos que tinha não lhe seria difícil achar

(Continua na 13.ª página)

Quinhentos mil telefones na área dos T. L. P.

A empresa Telefones de Lisboa e Porto acaba de instalar o 500 000.º telefone nas áreas que explora.

Para assinalar o facto, decorre amanhã, ás 11 e 15, na Rua Andrade Corvo, 14, 4.º (sede dos T. L. P.), uma cerimónia com a presença do assinante a quem coube aquela instalação.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

CASCAIS
MOSTRA-SE NO LOCAL
das 10 às 19 h. (excepto à 2.ª-feira)
emaco
Bairro da Assunção
Lote 22
Andares com 4 e 4/5 divisões assoalhadas desde 490 contos
Lote 16
Andares com 4 divisões assoalhadas desde 435 contos
EMPRESA DE ADMINISTRAÇÃO E CONSTRUÇÕES, S.A.R.L.
Rua Barata Salgueiro, 53, r/c. — LISBOA — Telefone 53 90 16

Curso de Verão para construtores civis

Na Escola Industrial Machado de Castro, começa hoje um curso de actualização em betão armado para construtores civis diplomados.

A iniciativa, que se integra num ciclo de cursos de Verão, fica a dever-se ao Sindicato dos Construtores Civis e ao sr. eng. Rodrigues Teixeira, director daquela Escola, e tem o apoio do ministro da Educação.

O curso funciona diàriamente, das 19 ás 22 horas, na Escola Machado de Castro, sendo dirigido pelo sr. eng.º Rumina Dinis.

Uma sociedade anóni em vez da Confedera dos Importadores de Ba

AVEIRO, 3 — A substituição da Confederação dos Importadores de Bacalhau por uma sociedade anónima legalmente constituída começou ontem a ser estudada nesta cidade. Representantes de 65 firmas nacionais participaram na reunião, que se prolongou por sete horas úteis.

Os trabalhos efectuaram-se no Grémio do Comércio local, vendo-se na mesa da presidência o sr. Fernando de Mota Pereira (ori sentantes das firma valho Gilho, Fernan José Maria Penetra, Fernandes Varanda.

No termo da reun que os trabalhos seja discussão fi das 1 de, no próximo dia Sabe-se que a esta aderiram 248 firmas

BANCO ESPÍ
E COMERCIA

Capital: Esc. 640 0
Sede: Rua do Comércio, 9

AUMENTO DO CAPITAL PA

De harmonia com o deliberado na Assem realizada em 6 de Fevereiro de 1970, e em co publicada no Diario do Governo, 3.ª Serie, de ano, foi autorizado o fraccionamento de cada acções, do valor nominal de Esc. 4 000$00 em nominal de Esc. 1000$00, e ainda a emissão d do valor nominal de Esc. 1 000$00, provindo d de reservas, e sendo as restantes 80.000 acçõ pública, sem preferência para os actuais accio

Estas operações serão feitas como seg

Troca de acções e emissão por incorp

Os actuais senhores accionistas dev acções na Sede, Filiais, Agências ou D a fim de, posteriormente, receberem e acções por cada uma das antigas e ai acção referente à incorporação de rese por cada oito das novas acções do val de Esc. 1 000$00.

O imposto de mais valias referente acções, no montante de Esc. 50$00 po no respectivo dividendo.

Emissão de 80 000 acções no valor n por subscrição pública.

Estas acções serão postas à subscri Esc. 4 000$00 cada, para o público em depositado o respectivo montante total

A subscrição será sujeita a rateio e este serão devolvidos os montantes de

O Pessoal do Banco terá preferên destas acções, ao preço de Esc. 2 5 de 30 000 acções.

As acções provenientes do aumento de capit dividendo a atribuir às restantes em relação

A subscrição estará aberta ao público n Dependências do Banco, nos dias 6 a 8

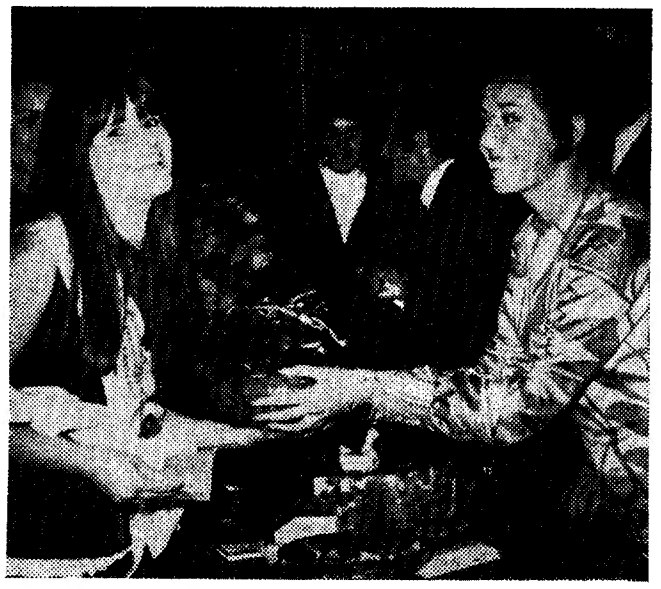
O maior sortido de ouro, pratas e jóias a preços de concorrência.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

mini lanche
CHOCOLATES TAGIDES

TALHE
Temos
produzi
modelo
OURIV
Rua Au

...nónima ...cração ... Bacalhau

...eira (orientador) e repre... ...s firmas Sebastião Car... Fernando Leite & Cia., Penetra, Lda., e Antero ...aranda.
...da reunião ficou assente ...lhos sejam reatados, para ... das bases da sociedade... ...mo dia 21, em Coimbra. ... a esta segunda reunião ... firmas do País.



A sr.ª D. Lourdes Ortega, representante da «Revlon» no júri que elegeu a «Princesa das Teen-Agers Portuguesas 1970», entrega à vencedora, Vera de Castro, a linha completa de produtos de beleza «Revlon» que aquela marca atribuiu às três primeiras classificadas.

Procuram-se as soluções para os problemas do turismo na região do Centro do País

entrada no País ao turista que vem de Espanha por Vilar Formoso; o caso de Conimbriga e Condeixa-a-Nova, onde faltam um hotel ou um bom restaurante, pois a casa de chá de Conimbriga serve a preços proibitivos; e, ainda, que devia ser a cidade de Coimbra o encabeçamento da prevista comissão para unificar a programação, e as chamadas barreiras concelhias, as quais devem desaparecer totalmente, salientando-se o auxílio que Coimbra tem prestado a alguns concelhos.

O presidente da Camara Municipal de Aveiro prometeu toda a colaboração do seu município para a unificação da programação turística da região centro.

Por fim, foi proposta, e aprovada por unanimidade, a constituição de uma comissão formada pelos srs. governador civil de Coimbra, que preside e pelos representantes das Camaras de Coimbra, da Figueira da Foz, de Cantanhede, de Oliveira do Hospital e da Lousã.

Esta comissão tem por fim a imediata programação e propaganda do turismo da região; coordenação da actividade do distrito com os distritos limítrofes; unificação da propaganda a nível regional; apresentar o programa ás entidades oficiais e solicitar o seu auxílio; e, como acima se referia, desenvolvimento da região do Centro como verdadeira região turística.

Em três linhas

O prof. Mernâni Cidade foi nomeado vogal do conselho da Ordem Militar de Sant'Iago, na vaga aberta pelo falecimento do pintor Martins Barata.

///

Foi extinta a delegação das estradas das ilhas adjacentes, criada na Junta Autónoma das Estradas, em 23 de Março de 1944.

///

Passou à situação de licença ilimitada, desde 1 de Junho de 1970, o antigo ministro dos Estrangeiros, embaixador dr. Franco Nogueira.

///

Decorre na segunda-feira, às 16 horas, no anfiteatro I da Faculdade de Letras de Lisboa, a sessão inaugural do 35.º curso de férias. Falará o general França Borges sobre «índia Portuguesa: alma e cultura, cativeiro e libertação».

///

Foi fretado, a partir de 4 de Setembro, para transporte de tropas e material, o navio «Vera Cruz» da Companhia Colonial de Navegação

///

Foi declarado de utilidade turística prévia o Casino de Espinho, de que é concessionária Crudaspinho — Sociedade de Empreendimentos Turísticos, S. A. R. L.

///

O «Diário do Governo», publicou o texto do contrato colectivo de trabalho entre o G.mio dos Industriais de Cortiça do Centro, o Grémio Regional dos Industriais de Cortiça do Sul e os Sindicatos Nacionais dos Operários Corticeiros dos Distrito de Lisboa, Setúbal, Évora, Faro e Portalegre e Sindicato Nacional dos Contínuos, Porteiros e Profissões Similares do Distrito de Lisboa.

///

Foi declarada de utilidade turística uma estalagem que o sr. Ezequiel Candeias pretende levar a efeito em Vale Gracioso, Azóia, no distrito de Leiria.

IMPRENSA

«Jornal do Sul»

Entrou no 8.º ano de publicação o nosso prezado colega «Jornal do Sul», de Beja. Ao director, sr. Amílcar Guerreiro Lagartinho e aos seus colaboradores endereçamos felicitações.

A «Carta Portuguesa»

recentemente lançada no mercado

é um excelente meio de propaganda turística

e uma agradável mensagem de Portugal

Chegou ao nosso conhecimento a existência no mercado da 1.ª edição da CARTA PORTUGUESA dedicada a Lisboa. É uma artística colecção de oito modelos de uma carta-envelope de nova concepção, criada pelo GABINETE ALPECA e que junta à alta qualidade de execução gráfica da Fotogravura Mirandela, a vantagem, sobre os postais ilustrados, de reservar grande espaço a correspondência fechada, e de incluir várias gravuras, entre as quais a das belas Mascotes Maria Helena a um notável trabalho fotográfico do consagrado artista Horácio Novais.

Além do valor artístico desta carta, e um curioso e prático meio de correspondência, de grande interesse para os coleccionadores, pois o GABINETE ALPECA, propõe-se editar imediatamente novas colecções com os mais variados motivos históricos, etnográficos e monumentais de Portugal.

No aeroporto de Lisboa os srs. Erich Brodheim, distribuidores dos produtos WRANGLER em Portugal, e David Wahnon, director da Lue Bell Portugal, apresentaram as boas-vindas a Mr. Jack M. Hill, director-geral de vendas para a Europa, da Lue Bell fabricante das calças e blusões WRANGLER, que se deslocou ao nosso País a fim de assistir ao sorteio do «Concurso das 7 cidades»

...SPÍRITO SANTO ...CIAL DE LISBOA

...640 000 000$00
...rcio, 95 a 119, Lisboa

...L PARA ESC. 800 000 000$00

... Assembleia Geral Extraordinária
...e em conformidade com a portaria
...rie, de 1 de Julho do corrente
...e cada uma das actuais
...$00 em quatro acções do valor
...issão de 160 000 novas acções
...vindo 80 000 acções de incorporação
...0 acções oferecidas à subscrição
...s accionistas.

...mo segue:

... incorporação de reservas.
...tas deverão entregar as suas
...as ou Dependências do Banco
...erem em troca quatro novas
...as e ainda, receberem uma
... de reservas acima citada,
... do valor nominal

...ferente a estas últimas
...$00 por cada, será deduzido

...lor nominal de Esc. 1 000$00

...subscrição ao preço de
...lico em geral, devendo ser
...e total no acto da subscrição.
...ateio e imediatamente após
...tes depositados em excesso.
...referência na subscrição
...c. 2 500$00, até ao limite

...capital terão direito a metade do
...lação ao exercício de 1970.

...blico na Sede, Filiais, Agências e
...6 a 8 inclusivé, do mês de Julho.

...TALHERES EM PRATA
Temos um grande sortido
...produzimos fielmente qualquer modelo antigo ou moderno
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 255 — LISBOA

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

RÚSSIA PAÍSES DE LESTE e ESCANDINÁVIA
EXCURSÃO EM AUTOPULLMAN DE LUXO. HOTÉIS DE 1.ª CLASSE
Paris - Bélgica - Alemanha Ocidental - Berlim - Alemanha Oriental
Polónia - Rússia - Finlândia - Suécia - Dinamarca e Holanda
Partidas: 19 de Julho e 9 de Agosto - 23 dias
abreu desde 1840
LISBOA - Av. Liberdade, 160 - PORTO - Av. Aliados, 207 - COIMBRA - R. Sota, 2
abreu É QUALIDADE abreu É MELHOR

Couto, L.da
PORTO

COM TAKY
NÃO HÁ PROBLEMAS
PARA A MULHER
MODERNA
TAKY
O DEPILATORIO FRANCÊS
QUE ELIMINA OS PÊLOS
EM POUCOS MINUTOS
SEM DÔR
SEM IRRITAÇAO
PEÇA LITERATURA

Alexei Kossyguine cumprimenta o presidente Nasser do Egipto à sua chegada a Moscovo

Israel acolheu com agrado o discurso de Nixon

TEL-AVIV, 3 — (R.) O ministro israelita dos Negócios Estrangeiros, Abba Eban, acolheu com agrado as observações do presidente Nixon sobre o Médio Oriente, considerando-as de acordo «com o que Israel espera dos Estados Unidos».

Eban, que respondia a perguntas no aeroporto de Lydda, após uma viagem á Europa, afirmou ser claro que o presidente Nixon compreendera que um Estado de Israel fraco seria «um convite á guerra».

«O presidente Nixon indicara, portanto, que os Estados Unidos assegurariam a manutenção de um equilíbrio de poder no Médio Oriente, de forma a não haver guerra», disse ainda Eban aos jornalistas.

No princípio desta semana, Abba Eban assinou um acordo de comércio preferencial entre o seu país e o Mercado Comum Europeu, numa cerimónia que se efectuou no Luxemburgo, e mais tarde seguiu de avião para Londres, onde conferenciou com o novo ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, «sir» Alec Douglas Home.

«NADA DE NOVO» COMENTA HEYKAL

CAIRO, 3 — (F. P.) — Heykal, ministro da Orientação Nacional e chefe de redacção do oficioso «Al Ahram», comentando o plano de paz americano e a situação nas diferentes frentes do Médio Oriente, diz que não houve modificações do lado árabe, desde Dezembro, que possam obrigar os Estados Unidos a fazer propostas menos favoráveis a Israel. Na frente egípcia registaram-se progressos importantes que impedem Israel de prosseguir os bombardeamentos em profundidade, mas falta ainda tornar-lhe impraticáveis os ataques numa faixa de 25 a 30 km ao longo do Canal de Suez.

ATENTADOS EM WASHINGTON

WASHINGTON, 3—(F. P.) — Foi abalada por cinco explosões em 24 horas a capital dos Estados Unidos que tinha sido preferida a São Domingos, por razões de segurança, para a realização da assembleia geral da organização dos Estados americanos. Os alvos destes atentados foram a junta interamericana de defesa e as embaixadas do Uruguai, do Haiti, da Argentina e da República Dominicana, considerando-se em geral que se trata de uma resposta ás resoluções tomadas na terça-feira pela assembleia para lutar contra o terrorismo.

A Polícia ainda não conseguiu identificar os autores destes atentados. Os estragos ocasionados são de pouca monta. Não se registaram vítimas. O departamento de Estado anunciou que serão tomadas medidas extraordinárias para proteger os representantes dos países latino-americanos em Washington.

Actualidade internacional

O presidente das Filipinas toma a responsabilidade da deportação dos irmãos Yuyitung

A propósito da deportação para Taiwan (Formosa) dos irmãos Yuyitung, respectivamente editor e redactor do «Chinese Commercial News» de Manila, a Embaixada da Republica das Filipinas em Lisboa, informa-nos que, numa declaração publica, o presidente Ferdinand. E Marcos tomou a inteira responsabilidade do acto.

Nessa declaração, o presidente filipino fundamenta a sua decisão (*«nas Filipinas, como na maioria dos países democráticos republicanos, a autoridade do Presidente para ordenar a deportação de um estrangeiro indesejável é indiscutível e ilimitada»*) nos factos seguintes:

— Os dois irmãos *«violaram»* em 1963 *«a hospitalidade do Governo filipino através dos seus escritos e outros actos»*. — *«Violaram a sua promessa (de respeitar a hospitalidade deste país) e zombaram das leis deste país»*.

O presidente Ferdinand Marcos admite que *«eles manifestaram pouca vontade de ir para Taiwan»*. *«Mas* — explica — *«a questão legal é esta: os deportados devem ser mandados para o país do qual são nacionais. Embora seja verdade que eles renunciaram ao governo da China Nacionalista, é igualmente verdade que, para eles poderem renunciar á sua nacionalidade, é necessário, do ponto de vista legal do Governo da China Nacionalista, que o país deles aceite essa renuncia. A renuncia, feita na altura das sessões sobre a deportação, parecia ter sido feita apenas por motivos de conveniência»*.

«Também devo revelar — acrescenta o sr. Ferdinand Marcos — *que os serviços de informação me comunicaram que os irmãos Yuyitung estavam em contacto constante com pessoas de carácter subversivo»*.

Os dois jornalistas chineses, Quintin e Rizal Yuyitung, foram deportados para Taipé no dia 5 de Maio de 1970. No dia 18 de Maio de 1970, a Assembleia Geral do Instituto Internacional da Imprensa (IPI), numa reunião em Hong-Kong, aprovou uma resolução condenando a deportação. Alguns dos grupos internacionais que protestaram contra a deportação são o Amnesty International em Londres, a Comissão Contra a Bomba Atómica e de Hidrogénio (Gensuikyo) de Tóquio, e o Partido Popular da Malásia (Parti Hakyat) em Penang, Malásia.

COMEÇOU O JULGAMENTO (À REVELIA) DO PRÍNCIPE NORODOM SIHANOUK

PHNOM PENH, 3 — (R.) — Foi hoje julgado à revelia o príncipe Norodom Sihanouk, ex-chefe de Estado do Camboja, acusado de ter cometido crimes contra a nação que governou durante 15 anos.

O julgamento, por um tribunal militar do Camboja constituído por quatro oficiais superiores e um juiz do supremo tribunal abriu numa pequena sala do departamento militar de justiça, no centro da capital.

A sala do tribunal encontrava-se fortemente guardada por agentes armados pertencentes á Polícia Militar. Esta sala tinha sido usada anteriormente como dormitórios para os soldados do Camboja. Hoje cerca de 100 jornalistas e fotógrafos apertavam-se na pequena dependência juntamente com militares e funcionários do Governo.

As acusações contra o príncipe ainda não foram divulgadas e, segundo círculos oficiais, a acusação chamará 32 testemunhas entre as quais se encontram um antigo presidente do Banco do Camboja, comerciantes e actrizes. Os observadores supõem que a acusação irá sondar os gastos pessoais do príncipe e as suas actividades como produtor cinematográfico amador

Será também examinada no tribunal a política económica do antigo chefe de Estado.

O julgamente deve durar três dias.

EXPLOSÃO EM BELFAST

BELFAST, 3 — (R.) — Um centro de informação e de recrutamento do Exército britânico nesta capital foi destruído ás primeiras horas de hoje pela explosão de uma bomba, cuja violência fez ruir na rua a frontaria do edifício.

Ficou ferida uma pessoa devido á explosão, que estilhaçou janelas de edifícios próximos, ergueu um táxi que passava a uma altura de meio metro e foi ouvida a cerca de 10 quilómetros de distância por soldados em serviço.

Entretanto foi anunciado a noite passada que o ministro do Interior da Irlanda do Norte, Robert Porter, iniciará hoje conversações com o comandante da Polícia da província, «sir» Arthur Young, sobre até que ponto deve ser fornecida protecção a membros do Parlamento durante a actual emergência.

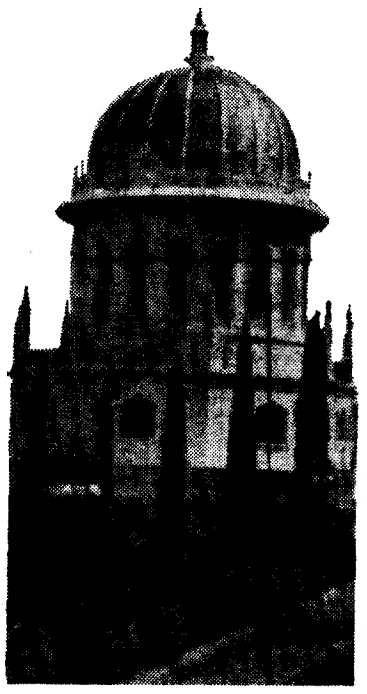
ISRAEL E AUSTRIA

TUDO INCLUIDO
APENAS POR 11.790$00 *

*TARIFA ECONÓMICA IT

VISITANDO TEL AVIV • HAIFA • JERUSALEM • VIENA

VIAGENS A CRÉDITO



SABENA
BELGIAN World AIRLINES

QUEIRAM ENVIAR-ME FOLHETO DETALHADO 5
NOME
MORADA
O MEU AGENTE DE VIAGENS É
RECORTE E ENVIE PARA SABENA AV. DA LIBERDADE 13 1.º D LISBOA

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

França: Deflagração da terceira bomba H

PARIS, 3 — (R.) — A França deverá deflagrar hoje uma bomba de hidrogénio no seu centro nuclear no sul do Pacífico, sendo o terceiro de tais ensaios destinados a melhorar o arsenal termo-nuclear francês.

A bomba H deverá ser detonada ás 8 e 30 locais (18 e 30 T.M.G.) se o tempo o permitir de um balão a 600 metros acima da lagoa do Atol de Mururoa, na Polinésia Francesa.

Assistirão ao ensaio o ministro frances da Defesa, Michel Debré, e oficiais de alta patente das Forças Armadas, que a observarão do tombadilho principal do cruzador francês «De Grasse», a cerca de cem quilómetros da área da explosão, a 1200 quilómetros a sueste de Taiti.

Jornalistas estrangeiros e franceses assistirão também pela primeira vez á experiência.

A despeito de repetidos protestos da oposição em França e do estrangeiro, o presidente Georges Pompidou acendeu a luz verde para a actual série de ensaios nucleares. Apegou-se também á recusa da França em assinar o pacto de proibição parcial de experiências nucleares ou de não proliferação nuclear entre o Leste e o Oeste.

Os franceses fizeram explodir até agora 34 engenhos nucleares — no deserto do Saará e na Polinésia Francesa — antes de concluirem em 1968 o fabrico de duas bombas H.

Contudo, a França teve de dissipar a crescente apreensão no estrangeiro, principalmente na Austrália, Japão e alguns países sul-americanos, acerca da continuação das explosões nucleares.

Dois cientistas franceses, que trabalham em Taiti, declararam esta semana numa conferência de Imprensa que os ensaios no Pacífico não tinham causado qualquer aumento significativo da média de radioactividade na área, a meio caminho entre Brisbane, na Austrália, e Santiago do Chile.

Mais de 35 mil amostras de peixe, mariscos, víveres e vegetais de todas as partes da Polinésia Francesa foram examinadas no laboratório de pesquisa radiológica em Papeete, no Taiti, desde o primeiro ensaio nuclear no Pacífico há seis anos.

«Nenhuma das amostras revelou uma medida de radioactividade perigosa para o homem quando foram sujeitas a experiências sofisticadas» — afirmou Joseph Roger, director do laboratório.

Dificuldades da agricultura da U. R. S. S.

MOSCOVO, 3 — (R.) — O chefe do Partido Comunista soviético, Leonid Brejhnev, preveniu nesta capital que enormes e complexas tarefas agrícolas teriam de ser vencidas nos próximos cinco anos.

Brejhnev, traçando planos para a produção agrícola do país perante o plenário da Comissão Central do Partido, que se reuniu ontem em sessão em Moscovo, revelou que os investimentos do Estado nesse campo aumentariam em 70 por cento entre 1971 e 1975.

Contudo, revelou, também, que os investimentos nesse sector para o período de cinco anos, prestes a terminar, não atingiriam as metas previstas, segundo comunicou a Tass

«Durante o novo plano quinquenal, teremos de solucionar tarefas enormes e complexas no campo da agricultura» — declarou Brejhnev.

A Tass disse ainda que o plenário prosseguiria os seus trabalhos, significando aparentemente que se reuniria hoje de novo em sessão.

Notícias que circulam com insistência em Moscovo afirmam que o plenário planeava discutir questões estrangeiras, incluindo o Médio Oriente.

AVISO

O IMPOSTO PROFISSIONAL está a pagamento no corrente mês.
Contactando-nos já, poderá pagar o seu imposto em 12 mensalidades suaves.
Peça um impresso explicativo deste serviço que o Banco criou para si.

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
onde cada um conta mais do que a sua conta

os exames do ensino liceal

2.º ciclo 2.ª chamada

Prova escrita de Português

Texto

— «Abre-te, Sesamo! — e o antro, com seu deslumbrante recheio, escancarou-se em sedutor convite...»

Pasmadas, as crianças arregalavam os olhos e torciam os bonés. Os homens estavam entre acreditar e sorrir. As mulheres sentiam todas o que a Lamega exprimiu neste comentário:

— Ele há coisas!...

Urros em plena montanha, é uma terra de ovelhas. Ao romper da alva, ainda o dia vem longe, cada loja parece um saco sem fundo donde vão saindo sem parar novelos de lã. Dos postigos das casas, quem olha a rua a essa hora só vê um tapete fofo, movediço, pardo ainda da luz indecisa da manhã. Depois o sol levanta-se e ilumina os montes E todos eles mostram amorosamente nas suas encostas os mansos e brancos rebanhos que tosam o panasco macio. A riqueza da aldeia são as crias, o leite e aquelas nuvens merinas que se vão fiando pelo dia fora e à noite se acabam de ordenar. Numa loje de gado, ao quente bafo animal, junta-se o povo todo. Quotiza-se cada um para a luz de carboneto ou petróleo, e a fiada começa. É no Inverno, nas grandes noites sem fim, que ela abre na terra as largas portas acolhedoras. Há sempre novidades a discutir, namoriscos a tentar, amores que é preciso reacender, e, sobretudo, há o Raul a inventar livros ninguém sabe como, e a lê-los de maneira a fazer chorar as pedras ou a rebentar um morto de riso

Naquela noite, o caso era uma história bonita, de uma grande fortuna dentro da barriga de um monte ..

... ...

Miguel Torga

I

1 — O texto começa por uma «frase exclamativa». Procure mostrar o sentir de cada um dos grupos ao ouvir essa frase.

2 — Explique o sentido de «em sedutor convite...» (linha 2)

3 — Que entende por nuvens «merinas» (linha 14)?

4 — Teriam, realmente, as histórias que o Raul costumava ler, poder para «fazer chorar as pedras ou rebentar um morto de riso»? Explique e justifique o processo estilístico empregado pelo autor.

II

1 — Classifique morfològicamente a expressão «se vão fiando» (linha 14) e justifique o processo empregado.

2 — Explique a formação da palavra «movediço» (linha 10) e classifique os elementos de que se compõe.

3 — Transforme em proposição conjuncional a expressão «Ao romper da alva» (linhas 7-8). Classifique a proposição obtida.

4 — Indique o sujeito e o predicado da proposição «A riqueza da aldeia são as crias, o leite e aquelas nuvens merinas».

III

Redacção

Os livros contam-nos histórias bonitas. Certamente, já leu algumas dessas histórias. Conte-nos a que mais o tenha impressionado, mas não empregue, exclusivamente, o discurso indirecto.

2.º ciclo 2.ª chamada

Prova escrita de Ciências Naturais

Leia atentamente o questionário do ponto.

Observe com cuidado as figuras, pois constituem auxílio para as suas respostas.

I

O Homem aproveita da natureza muita matéria-prima para fins variados, como, por exemplo, os *minérios de ferro* e os *carvões*.

1 — A *magnetite* é um importante minério de ferro.

a) Indique duas propriedades físicas que permitam distinguir respectivamente a magnetite dos outros minérios de ferro que estudou.

b) Por que se diz ser a magnetite um mineral *idiocromático*?

2 — A *hulha* é um dos carvões mais procurados pelo homem.

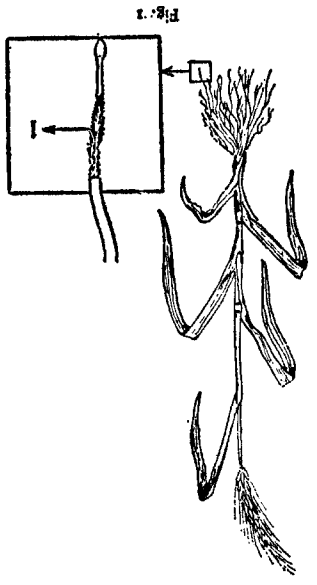
a) Mencione duas propriedades da hulha que justifiquem o seu largo emprego na indústria

b) Por que razão considera os carvões *rochas sedimentares biogénicas*?

c) Dê exemplo de duas outras rochas biogénicas e cite as respectivas utilizações.

II

Os seres vivos apresentam caracteres relacionados com as condições do meio em que vivem *(caracteres ecológicos)*.



1 — Observe a figura 1, que representa o *centeio*. Como sabe, esta planta desenvolve-se em terrenos pobres e secos.

a) Que característica, relacionada com este facto, apresenta a raiz?

b) Como classifica a mesma raiz quanto à forma?

c) Que papel importante desempenha a zona assinalada na figura com o número 1?

2 — Na presença da luz, as plantas verdes realizam uma função que permite a síntese de alguns compostos orgânicos, como, por exemplo, a *glicose*.

a) Como designa essa função?

b) Quais são os factores indispensáveis à referida síntese?

c) Dê exemplos de duas plantas que não a realizem e escreva o nome do grupo sistemático onde devem ser incluídas?

d) Explique de modo sucinto a influência das plantas verdes no equilíbrio da quantidade de oxigénio atmosférico.

3 — Observe a figura 2 e leia atentamente as respectivas legendas.

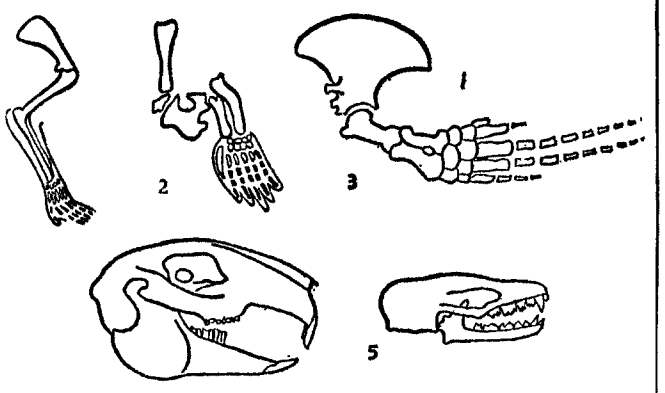


Fig. 2

1 — Membro anterior do Coelho 3 — Membro anterior da Baleia
2 — Membro anterior da Toupeira 4 — Cabeça óssea do Coelho
5 — Cabeça óssea da Toupeira

a) Relacione a conformação dos membros dos três animais referidos com a sua adaptação ao meio em que vivem.

b) Que diferenças fundamentais encontra entre a dentição do *Coelho* e a da *Toupeira*? Indique o regime alimentar de cada um destes animais.

c) Interprete ecològicamente as seguintes afirmações:

— os pêlos que cobrem o corpo do coelho bravo são de cor parda.

— os olhos da toupeira são atrofiados.

III

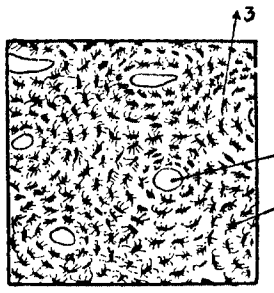


Fig. 3

**Corte transversal de tecido ósseo
Desenho esquemático
com grande ampliação**

Observe a figura 3, que representa uma preparação de *tecido ósseo*.

1 — Que espécie de formações está representada pelo algarismo 2?

2 — Que número assinala, na figura, a substância intersticial?

3 — Qual a constituição desta substância?

4 — O tecido ósseo é um tecido de substância conjuntiva. Cite os outros tecidos pertencentes à mesma categoria.

2.º ciclo 2.ª chamada

Prova escrita de Francês

Nous habitions un appartement plein de choses étranges. Il y avait sur les murs des trophées d'armes sauvages surmontés de crânes et de chevelures; des pirogues avec leurs pagaies étaient suspendues aux plafonds, côte à côte avec des alligators empaillés; les vitrines contenaient des oiseaux, des nids, des branches de corail... Je ne savais quel pacte mon père avait fait avec ces créatures monstrueuses, je le sais maintenant: c'était le pacte du collectionneur.

Tout l'appartement était rempli de curiosités naturelles. Seul, le petit salon n'avait été envahi ni par la zoologie, ni par la minéralogie, ni par l'ethnographie; là, seulement des roses. Le papier du petit salon en était semé. C'étaient des roses en bouton, closes, modestes, toutes pareilles et toutes jolies.

Ma mère passait sa journée dans le petit salon, devant la table à ouvrage. Je jouais à ses pieds sur le tapis, avec un mouton qui n'avait que trois pieds, après en avoir eu quatre; j'avais aussi un polichinelle qui remuait les bras et sentait la peinture: il fallait que j'eusse en ce temps-là beaucoup d'imagination, car ce polichinelle et ce mouton me représentaient les personnages divers de mille drames curieux.

Un jour, dans le petit salon, laissant sa broderie, elle me souleva dans ses bras et, me montrant une des fleurs du papier, elle me dit:

— Je te donne cette rose.

Et, pour la reconnaître, elle la marqua d'une croix avec son poinçon à broder.

Jamais présent ne me rendit plus heureux.

D'après Anatole France. *Le livre de mon ami.*

I

Répondez aux questions suivantes:

a) L'auteur, en évoquant son enfance, remarque qu'entre le petit salon de sa mère et les autres pièces de l'appartement, où dominait le goût de son père, il y avait un contraste saisissant. En quoi consistait ce contraste?

b) Qu'est-ce qui amenait le père à rassembler de si étranges choses?

c) A quoi s'occupaient la maman et son enfant dans le charmant petit salon?

d) Comment l'imagination du petit garçon se révélait-elle dans ses jeux?

e) Un jour, l'enfant a été ravi de la rose que sa mère lui a offert. Que nous apprend cette attitude du petit garçon sur sa sensibilité?

II

Rendez en français:

a) O velho guarda-livros, ao regressar a casa, não se distraía pelas ruas: ansiava pela conversa da filha. Os serões, os seus tão apreciados serões passavam-se todos com uniformidade.

b) Sentava-se então junto da mesa; Cecília trazia luz, fechava as janelas, pousava a cesta da costura e vinha sentar-se ao lado do pai.

c) Ele contava coisas do escritório, Cecília respondia-lhe referindo o que, na ausência do pai, sucedera em casa.

Júlio Dinis, «Uma Família Inglesa» (texto adaptado)

III

Dans une composition, pour laquelle vous choisirez un titre, parlez-nous d'une scène agréable d'intimité familiale.

IV

Traduisez le texte depuis: «Ma mère passait...» (ligne 13) jusqu'à: «...mille drames curieux» (ligne 18)

(Segue uma relação de palavras constantes do vocabulário a utilizar)

Faz as provas de exame na enfermaria hospitalar um estudante liceal de Coimbra

COIMBRA, 3 — O estudante liceal, Adérito Almeida da Silva, de 17 anos, filho do sr. José dos Santos Silva e da sr.ª D. Silvina de Almeida, natural do lugar de Sobral, freguesia do Paião (Figueira da Foz), aluno do externato liceal da Guia, quando, no dia 23 do mês findo, depois dos seus deveres escolares, voltava a casa numa motorizada, caiu e ficou gravemente ferido e com fractura de uma perna. Transportado para os Hospitais da Universidade, ali ficou numa enfermaria — a 4.ª C. H.

Até aqui era apenas uma questão de tempo para entrar em convalescença e pronto. Mas o Adérito tinha de fazer, este ano, os exames do 5.º ano do liceu, pois para isso andava a estudar; e, assim, não podia comparecer no local onde devia prestar provas. Todas as dificuldades foram, porém, resolvidas e o Adérito presta provas mesmo na cama da enfermaria hospitalar.

Assim, já fez as provas escritas de Português e Ciências, ás quais assistiu o sr. dr. Jacinto Ferreira de Melo, professor do Liceu Normal D. João III. Hoje, o dia foi destinado ás provas de Francês e de Matemática, prosseguindo o exame nos dias 6, 7 e 8.

O júri de exames foi a casa do aluno doente

Um juri de exames da Escola Ferreira Borges, presidido pela sr.ª dr.ª D. Estela Ferreira Franco Capitão Borges, foi esta manhã a Cascais para possibilitar a prestação de provas a um aluno actualmente retido no leito, por doença.

Trata-se de José Manuel Santos das Neves, aluno do 2.º ano comercial, que requereu nesse sentido e viu deferida a sua pretensão pelo director daquele estabelecimesto de ensino, sr. dr. Fernando Carvalho Costa.

É a primeira vez que sucede um caso deste género na Escola Ferreira Borges, de há muitos anos a esta parte.

SON EXCELLENCE MONSIEUR L'AMBASSADEUR DE FRANCE
Président de la Société Française de Bienfaisance en Portugal
LE CONSULAT DE FRANCE
Le Conseil d'Administration de la Société Française de Bienfaisance
L'HÔPITAL SAINT LOUIS
Les Groupements Français au Portugal
ont la douleur de faire part du décès de leur très regretté Ami
MONSIEUR PIERRE SANTERRE
Vice-Président de la Société Française de Bienfaisance
survenu à Lyon (France) le 27 Juin.
La Messe de Huitaine sera célébrée en l'Eglise Saint Louis-des-Français le Samedi 4 Juillet à 10 heures
P. P. L.

ENSINO PRIMÁRIO — EXAMES DA 4.ª CLASSE

Prova prática de desenho e trabalhos manuais

a) PONTO DE DESENHO

Ponto A

Pelo Santo António, realizam-se alegres festejos populares em todo o País, mas principalmente em Lisboa, onde o entusiasmo é ainda maior.

Com muitos balões e arcos de várias cores, passam as marchas vistosas, através das ruas, enfeitadas com muitas e variadas bandeiras coloridas.

Tudo isto tu terás observado directamente ou através da televisão.

Pois bem: Lembrando-te do que observaste e agora te é recordado, podes fazer um lindo desenho em que representes alguma coisa ou muito do que atrás se refere.

Procura, depois, colorir esse desenho ao teu gosto, como tu souberes.

Podes usar tintas (anilinas), giz de cor ou qualquer outro material que tiveres à tua disposição.

b) PONTO DE TRABALHOS MANUAIS ou LAVORES FEMININOS

Um trabalho para cada aluno, indicado pelo júri de entre os que os examinandos tiverem executado na sua escola.

Segundo indicação dos proponentes, cada aluno irá munido do material necessário para fazer determinado trabalho, consoante lhe for indicado pelo júri.

Prova prática de língua portuguesa

b) PONTO DE REDACÇÃO

Ponto A

Por certo que fizeste já alguma viagem, ou mesmo muitas, pois julgo que gostas de viajar.

Vais, por tanto, fazer uma linda redacção descrevendo uma dessas viagens, contando tudo aquilo de que te lembrares.

No caso de não teres viajado ainda, podes imaginar e descrever um passeio que gostarias de dar.

Prova prática de língua portuguesa

a) PONTO DE DITADO

Ponto A

A Lua é o satélite da Terra, pois a acompanha fielmente, girando em volta dela, através do espaço.

Durante o seu movimento, apresenta-nos sempre a mesma face.

Por isso, os habitantes da Terra só a têm podido examinar em metade da sua superfície.

Nos últimos tempos, porém, devido ao progresso da ciência, os americanos conseguiram descer na superfície da Lua, causando essa façanha admiração e o entusiasmo de todo o Mundo.

Das viagens à Lua colhem-se ensinamentos que muito vão contribuir para o progresso da ciência, ajudando o homem a conhecer melhor o Mundo em que Deus o colocou.

Prova escrita de Aritmética e Geometria

Ponto A

a) *Questões*

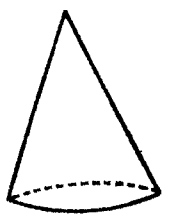
1.ª — Na frontaria de uma igreja antiga, lê-se a seguinte inscrição: Construída em MCDXLIV.

Escreve por algarismos a data em que foi construída esta igreja:

R.: .....

2.ª — A base deste sólido geométrico é uma figura plana muito tua conhecida. Escreve o nome dessa figura plana.

R.: .....



3.ª — Qual destas duas fracções é a maior,

$\frac{1}{4}$ ou $\frac{1}{8}$?

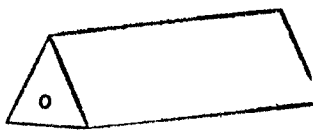
R.: .....

4.ª — Indica o nome do instrumento de que se serve o pedreiro para verificar se as paredes são verticais.

R.: .....

5.ª — Que sólido geométrico te faz lembrar este paliteiro?

R.: .....



6.ª — Escreve por algarismos, num só número, 6 centenas, 6 unidades e 6 centésimas.

R.: .....

b) *Problemas*

1.º — Uma senhora comprou na praça meio cento de laranjas por 25$00. Se gastasse 75$00 em laranjas, do mesmo preço, quantas laranjas teria comprado?

R.: .....

2.º — Para pavimentar o chão duma cozinha quadrada, com 3,6 m de lado, empregaram-se mosaicos de 3 dm2 cada um. Quantos mosaicos foram necessários?

R.: .....

3.º — Pai e filho trabalharam numa obra, ganhando o pai mais 20$00 por dia que o filho. No fim de uma semana de trabalho (6 dias), receberam os dois 840$00. Quanto recebeu o filho?

R.: .....

Prova de Aritmética SOLUÇÕES

QUESTÕES

1 — A igreja foi construída em 1944.
2 — Círculo.
3 — A maior é 1/4.
4 — Fio de prumo.
5 — Prisma triangular.
6 — 606,06.

PROBLEMAS

1 —
25$00 : 50 = $50
75$00 : $50 = 150
R: Teria comprado 150 laranjas
(Há outras soluções)

2 —
$(3,6 \times 3,6)^{m2} = 12,96^{m2}$
$12,96^{m2} = 1296 dm^2$
$1296 dm^2 : 3 dm^2 = 432$
R: Foram necessários 432 mosaicos

3 —
20$00 × 6 = 120$00
840$00 − 120$00 = 720$00
720$00 : 2 = 360$00
R: O filho recebeu, durante a semnaa, 360$00.

COMENTÁRIO

Pela primeira vez os exames do Ciclo Elementar do Ensino Primário — 4.ª classe — se regem pelo Regulamento aprovado por despacho ministerial de 9 de Outubro de 1969.

O referido Regulamento, de difícil interpretação, tem causado a mais viva discussão entre os elementos do professorado. Para uma uniformidade de critério, não se pouparam as autoridades escolares a esforços de última hora que, esclarecendo parte do professorado, não puderam evitar, contudo, que grande número de professores, fazendo parte dos juris agora em exercício, mantivesse as suas dúvidas de interpretação ou critérios díspares.

Acreditamos que o bom senso e a experiência de que o professorado enforma supere as dificuldades de critério e apreciação e que, ao fim de tudo, os pequenos examinandos se não vejam prejudicados no primeiro acto sério da sua vida escolar.

Nos pontos hoje apresentados nota-se um critério a todos os títulos louvável: o de levar á criança temas adequados á sua mentalidade, sem facilidades condenáveis ou exigências descabidas.

A prova de ditado não contém termos ou ideias que não façam parte dos conhecimentos do aluno, o que muito ajuda...! O tema de redacção é bem escolhido, pois deixa á criança liberdade de criação ou de descrição que só a favorece.

Na prova de aritmética, bem estruturada, o último problema tem carácter selectivo. Certíssimo!

As diversas fases que levam á obtenção definitiva do retrato, passam todas pelas mãos sábias de San-Payo. «Nenhuma é mais importante do que qualquer outra...» responde-nos o fotógrafo, enquanto ajeita o ampliador

HÁ 60 ANOS A TIRAR RETRATOS

(Continuação da pág. central)

trabalho numa repartição ou num escritório, suficiente para aguentar o primeiro balanço.

Enganou-se. Pouco tempo depois de desembarcar, viu-se nas ruas do Rio de Janeiro a olhar para as montras dos restaurantes com as mãos a abanar nos bolsos vazios.

De súbito, tudo se precipitou. O emprego modesto num grande estúdio, a atenção aos processos de fotografia, a aprendizagem do retoque durante noites e noites perdidas, tarefa em que tirou grande vantagem do seu jeito para a pintura... Depois, a «fotografia a domicílio», os senadores, os banqueiros, os políticos, os industriais, as mulheres, os meninos apanhados no seu ambiente de todos os dias...

— *Minino* — disse o senhor Importante — *trazer aí as amostras?*

— *Estão aqui, senhor doutor.*

— *Que belos retratos! Olhe este contraste, esta luz, esta expressão! Isto só se consegue ao fim de muitos, muitos anos de trabalho e de experiências!*

— *Então V. Ex.ª está interessado na fotografia.*

— *Estou, sim, minino. Diz ao sr. San-Payo que venha quando quiser.*

— *O sr. San-Payo sou eu...*

Em cada gesto se queima

Nunca mais parou. Nunca mais abandonou a máquina fotográfica. Consumido, comprometido no circuito do retrato desde a distribuição da luz sobre o rosto até à instalação definitiva dele no papel, com passagem pela revelação e pelo retoque. Como o poeta que arde em cada palavra que diz, San-Payo queima-se em cada gesto diante do candidato ao retrato. Salta em volta da máquina, tropeça, embaraça-se nos fios, ajeita uma gambiarra, levanta o braço para desencadear a orquestra e ainda não... Há ainda uma zona maltratada, regressa ao segredo da câmara escura, afasta o tripé, coloca-o novamente, novamente o braço levantado, ainda não... Aquele ombro, aquela cabeça de súbito afastada do corredor que leva até ao ventre da máquina onde o óvulo misterioso espera ser fecundado, e a modificação impõe que se regresse ao princípio, a gambiarra afastada, quase a murro, para o tecto, o tropeço nos fios, a máquina em perseguição rectificada do objecto e sempre os olhos ancorados no paciente que já perdeu todas as veleidades orgulhosas do primeiro minuto, que já perdeu toda a ciência da sua pessoa no segundo minuto, que já perdeu toda a noção de pose no terceiro minuto e agora está todo à mercê do milhafre, aguarda apenas que este desencadeie das alturas o voo luminosamente feroz e total...

Tudo se consumou. Agora tranquilo, amante saciado, o fotógrafo regressa à palavra banal, ao gesto sem relevo. Parece que tudo está conforme, parece que dentro e fora se equilibram. Só até ao momento em que o fotagrafado-objecto esboça um movimento de libertação e San-Payo o petrifica com os olhos de ácido:

— *Não se levante. Deixe-se estar. Assim, assim. Aguente...*

De regresso à «sala dos amigos», San-Payo traz a juventude reencontrada. Novamente tranquilo, pode ir buscar longe recordações, imagens, palavras que povoam os reinos inconquistáveis. Do caos emergem rostos, expressões familiares: António Sérgio, Aquilino Ribeiro, Ferreira de Castro, Alves Redol... Artistas, políticos, gente que, por um motivo ou outro, andou nas bocas e nas ondas do mundo. Na prateleira, por cima da máquina onde procede aos retoques na chapa, um esboço de arquivo: pequenas caixas amarelas com rótulos sumários: «Salazar», «Ministros», «Artistas», «Família»... Do monte de provas amontoadas a granel emergem também figuras anónimas do tempo perdido: homens bigodudos fartos de tranquilidade, mulheres ingènuamente fatais, provincianamente maewésticas, cabelos e olhos escuros a dialogar dramàticamente com a palidez da cara... Gente que parece de súbito descida doutro planeta e que, apesar de tão próxima de nós, sofremos dificuldade em aceitar como nossos irmãos apenas levemente mais velhos.

— *Tenho aí milhares de fotografias* — diz-nos San-Payo. — *Há quem escreva com palavras. Eu escrevo com isto...*

Levanta contra a luz uma película sombreada. Tem razão o fotógrafo. Naquelas mesas, naquelas prateleiras, naquelas gavetas misteriosas como subterrâneos, mora uma farta documentação para a grande e para a pequena História.

Para quando uma exposição?

— *Para breve* — respondeu-nos o artista. — *Os meus amigos já estão a tratar disso. Espero-a para Setembro ou Outubro.*

No Outono próximo, Lisboa vai assistir a um espectáculo impressionante, constituído pelas fotografias que farão a crónica da cidade e do nosso país nos últimos 60 anos. Ela será como que a apoteose de uma vida totalmente dedicada à fixação de rostos, de expressões, de almas. *Clic*, e o tempo suspende a sua marcha. *Clic*, é o que fomos, somos. *Clic*, e a adversidade já não poderá nada contra uma atmosfera radiosa e os anos já não poderão nada contra esta face eternamente jovem. *Clic, clic, clic:* disparos que, em vez de abater as aves, as conservam inalteráveis no seu voo para a eternidade.

Uma grande festa para Lisboa vai ser a exposição de fotografias de San-Payo. Exposição do Outono: a vida recuperada instalada no próprio reino de inevitável decadência. Recordação-lição apontada ao nosso peito que ainda sangra de tempo. Presença de pessoas e acontecimentos raivosamente a querer que os não esqueçam.

Esta iniciativa virá a suscitar a atenção que merece. A ela voltaremos oportunamente. Da sua importância falam as palavras desprevenidas de San-Payo, com a mão pousada no monte desordenado das provas:

— *O que está aqui, é muita vida...*

A exposição de retratos assinados por San-Payo retira o seu interesse nacional exactamente disso: o que está ali *é muita vida*. Ela será, entre nós, como que a consagração popular da fotografia no seu carácter documental, festa da vida em pleno Outono.

Abastecimento de água a várias localidades

No prosseguimento de um vasto programa que o Ministério das Obras Publicas e os municípios de diferentes concelhos se impuseram está a proceder-se ao abastecimento de água a várias localidades do País.

Ameais de Baixo progressiva localidade do concelho de Santarém, vai ter água ao domicílio para o que estão prestes a terminar os trabalhos de assentamento da respectiva conduta e rede de distribuição.

Recentemente começaram as obras de construção da conduta de reforço do abastecimento de água a Guimarães em que são utilizados 7000 metros de tubagem lusalite.

Por sua vez, conclui-se água empreitada para melhorar o abastecimento de agua ao concelho de Cascais e prosseguem as obras de construção da conduta de reforço que vai de São Domingos de Rana até Caparide, no mesmo concelho.

FÉRIAS NO ALGARVE
PRAIA VERDE
Junto a Monte Gordo e Fronteira de Espanha
Bungallows — Restaurante — Bolte — integrados num lindo pinhal frente à praia
Diárias económicas. Reserva: R. Jardim do Regedor, 29-2.º
Telef. 30229 — LISBOA

A VARIG APROXIMA AINDA MAIS O BRASIL DE PORTUGAL

LUANDA - RIO DE JANEIRO

A PARTIR DE AGORA, NAS SUAS VIAGENS PARA ANGOLA, MOÇAMBIQUE E ÁFRICA DO SUL VOCÊ PODE IR OU VOLTAR VIA RIO DE JANEIRO. APROVEITANDO PARA VISITAR PARENTES E AMIGOS OU DESENVOLVER NEGÓCIOS NO BRASIL.

UMA NOVA LINHA NA ROSA DOS VENTOS

BRASIL · VARIG · ÁFRICA

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS EM ANGOLA

LUANDA, 3 — (L.) — Foi distribuído o comunicado das Forças Armadas de Angola, relativo ao período de 13 a 20 de Junho, do seguinte teor:

«Persistindo na intenção de impedir pela força a promoção social e o desenvolvimento económico das populações, os terroristas manifestaram-se por ataques a fazendas sem autodefesa; por ataques, roubos, saques e intimidações a populações; pela destruição de pontes; pela implantação de engenhos explosivos e, quando acossados, por reacções ás nossas tropas.

Das suas acções, confinadas ás áreas habituais dos Dembos, Luso, Mutumbo e Cuando Cubango, resultaram cinco mortos das forças da ordem e cinco mortos e quatro desaparecidos civis.

Na sequência da actividade operacional que vem sendo desenvolvida, foram efectuadas 28 operações e 18 acções com contacto que levaram á destruição de muitos acampamentos e locais de refugio, desarticularam completamente a organização terrorista da área de Sessa e, além de outras baixas não confirmadas, provocaram seis mortos, sete feridos e noventa e um capturados.

Da actividade conduzida pelas nossas tropas salienta-se ainda a beneficiação de alguns quilómetros de picada, a abertura de novos itinerários e o levantamento de 10 minas que os terroristas vão implantando na ânsia de prejudicar a progressão das forças da ordem e a livre circulação nas rodovias.

Apesar da oposição que encontram por parte dos terroristas, as populações que vivem sob o seu jugo, compreendendo a não razão das falsas promessas, vem fazendo a sua apresentação voluntária, cada vez em maior numero.

No período, cento e nove pessoas, nessas condições, escolheram a liberdade e paz».

COMUNICADO DO S. I. P. DAS FORÇAS ARMADAS

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreram em combate na província de Moçambique os soldados:

N.º 04229767, Agostinho Gomes Figueira Freitas, natural de Diornas, freguesia de São Martinho, concelho do Funchal, filho de Agostinho Figueira Freitas e de Maria Isabel Faria, e o soldado n.º 07554368, José Maria Jardim, natural de Santa Ana, concelho do Funchal, filho de Mário José Jardim e de Maria de Sousa, casado com Maria Manuela Xavier Jardim.

Morreu em combate na província de Angola o soldado pára-quedista n.º 180-67, António da Silva Ramos, natural de Muro, concelho de Santo Tirso, filho de David Ferreira Ramos e de Isilda Fernandes. [illegible]

Morreram em combate, na Província de Moçambique, o furriel miliciano Manuel Ramos Pais, natural de Vila Nova de Gaia, filho do sr. Joaquim Francisco Pais e da sr. D. Adelaide Silva Ramos, e o soldado n.º 08317469, Fernando Manuel Agostinho Silva Luís, natural de Almoster, concelho de Santarém, filho do sr. Belmiro Silva Luís e da sr.ª Maria Justina Agostinho.

Na Província da Guiné morreram em combate o furriel miliciano pára-quedista José Luís Gonçalves Rancão, natural de Podence, concelho de Macedo de Cavaleiros, filho do sr. João Evangelista Rancão e da sr.ª D. Maria do Céu Gonçalves e os soldados n.º 05358767, João Martinho Monteiro Parra, natural de Vila Real de S. António, filho do sr. Diamantino Parra Félix e da sr.ª D. Clarménia Monteiro Raimundo, e n.º 82016270, Nicolau Tomás Cabral, natural de Bissau, filho do sr. Tomás Cabral e da sr.ª D. Linda Correia

Militares falecidos em Moçambique

LOURENÇO MARQUES, 3 (A. N. I e L.) — Faleceram por desastre em Moçambique, o furriel Miliciano Carlos Alberto Costa Marques, natural de Gouveia, filho de Antero Marques e de Iria Ressurreição Costa, e, por acidente de viatura, o soldado do recrutamento provincial Saboine Incoma, natural de Montepuez, filho de Incoma e de Amina, casado com Apissina Fihale.

FEIRA DO LIVRO NO BARREIRO

BARREIRO, 3 — No Parque Municipal, abre amanhã a I Feira do Livro do Barreiro, integrada nas comemorações conjuntas dos centenários das sociedades recreativas «Penicheiros» e «Franceses». O certame prolonga-se até ao dia 12.

INAUGURADA EM COIMBRA PELO MINISTRO DA EDUCAÇÃO NACIONAL UMA EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS DOS ALUNOS DA ESCOLA BROTERO

COIMBRA, 3 — Esteve aqui hoje o ministro da Educação Nacional, sr. prof. dr. Veiga Simão, acompanhado pelo subsecretário do Estado da Administração Escolar, sr. dr. Justino Mendes de Almeida e pelo director-geral do Ensino Técnico, sr. dr. Carlos Proença de Figueiredo, para visitar uma exposição de trabalhos dos alunos da Escola Industrial e Comercial Brotero e da secção do Ciclo Preparatório da Escola Eugénio de Castro que funciona naquele estabelecimento de ensino.

O sr. prof. dr Veiga Simão foi recebido pelo director da Escola sr. dr. António Henriques e pelos professores, pelo chefe do distrito pelo presidente da Câmara Municipal e outras individualidades.

Após os cumprimentos, aquele membro do Governo percorreu demoradamente a exposição, que abre com uma evocação das antigas instalações da Escola, numa magnífica colecção de desenhos e aguarelas de mestre António Victorino, que foi professor do mesmo estabelecimento de ensino, e ainda algumas reproduções do mesmo artista de plantas classificadas por Feliz Avelar de Brotero, patrono da Escola. Segue-se uma parte dedicada á vida escolar e circum-escolar dos alunos e ainda a apresentação das actividades didácticas e trabalhos de alunos nas várias disciplinas e dos diversos cursos professados na Escola, tais como de Mecanica, Modelação, Cerâmica, Electricidade, etc. e ainda trabalhos dos alunos do ciclo preparatório.

O sr. ministro da Educação Nacional que foi ouvindo os esclarecimentos dados pela direcção e professores, mostrou-se muito interessado pela exposição e no final, manifestou a sua satisfacção pela actividade desenvolvida na Escola Brotero durante o ano lectivo que agora finda.

Depois da visita, o sr. prof. dr. Veiga Simão e as entidades que o acompanhavam retiraram para Aveiro.

COMPANHIA PORTUGUESA DE PESCA

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital 75 000 000$00

Sede: Avenida 24 de Julho, 3-2.º andar — Lisboa

DIVIDENDO DE 1969

De 6 a 10 de Julho de 1970, estará a pagamento na sua sede, das 10 às 11.30 horas e das 14 às 15,30 horas, o dividendo do exercício de 1969, da importância ilíquida de 34$50, pela forma seguinte:

Dividendo Cativo	34$50
Impostos	4$50
	30$00

No Porto, aquele pagamento será efectuado pelo Banco Borges & Irmão.

Terminado aquele prazo, os pagamentos efectuar-se-ão às quintas-feiras, às horas e nos locais acima mencionados.

A assinatura dos recibos deverá ser reconhecida pelo notário ou abonada com selo branco

Lisboa, 2 de Julho de 1970

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

DE COIMBRA

Importantes problemas vão ser debatidos no Curso Universitário de Verão da Residência da Beira

Com um largo objectivo de convívio e benefícios culturais, debatendo-se problemas de alto interesse no panorama universitário, decorrerá nas instalações da Residência dos Estudantes da Beira, de 31 deste mês a 6 de Agosto, o XV Curso Universitário de Verão, destinado a estudantes do ensino superior das três Universidades portuguesas.

O referido curso subordinado ao tema «Universidade Portuguesa — Reformar, como ?», tem por objectivo promover uma ampla reflexão sobre as coordenadas da nova Universidade em ambiente de diálogo e investigação.

As inscrições podem fazer-se na secretaria da Residência dos Estudantes da Beira, na Avenida Bissaia Barreto, 85, onde prestam informações.

merecendo por isso a maior simpatia do publico.

A festa deste ano está marcada para segunda-feira, incluí a exibição do filme «A Segunda Verdade», e, como nos anos anteriores, espera-se que os habituais frequentadores do mais velho cinema da cidade acorram á festa da D Irene e do Manuel.

O 90.º aniversário do Orfeão Académico

Na primeira reunião de orfeonistas, que foi muito concorrida e se destinava á elaboraçção do programa do 90.º aniversário do Orfeão Académico de Coimbra, foram trocadas impressões quanto aos dias mais adequados em Novembro, ás celebrações. O programa incluirá algumas novidades muito sugestivas, de interesse académico, em relação ao esquema tradicional destas comemorações.

Foram apontadas e reconhecidas a necessidade e a urgência de se conseguir, para as comemorações e para além delas, da nomeação de uma rede de delegados do Orfeão em todas as terras do País, nas ilhas adjacentes e no ultramar, desde já se apelando para a apresentação voluntária de antigos orfeonistas para o desempenho de tais funções.

Hoje, ás 21 e 30, nas instalações do Orfeão, na Associação Académica, haverá nova reunião, esperando-se que apareçam ainda mais antigos orfeonistas.

MANIFESTAÇÕES DE ARTE NAS FESTAS DA RAINHA SANTA

Incluída no programa das Festas da Rainha Santa e promovida pela Cooperativa dos Gravadores Portugueses, foi inaugurada no Pavilhão Turismo, na Couraça de Lisboa, uma exposição de gravuras, que reune cinquenta trabalhos, devidamente seleccionados, alguns firmados por artistas como Almada Negreiros, Julio Pomar, Navarro Olgan, Carlos Botelho, etc.

A exposição foi desde logo, muito visitada e suscita desusado interesse.

Artes plásticas

Amanhã, ás 15 e 13 horas, na delegação do nosso prezado colega «O Primeiro de Janeiro», será inaugurada uma exposição de pintura a óleo da artista Maria Gabriela das Neves Algueiro. A exposição referida é guardada com muito interesse.

Espectáculos para hoje

CINEMAS

GIL VICENTE — Ás 21 e 30: «Yang-Tse, em chamas» (17 anos).

AVENIDA — As 21 e 30: «A baía do homem solitário» (12 anos).

Farmácias de serviço

SÃO SEBASTIÃO — Rua António Jardim (tel 28802).

SILCAR — Rua Ferreira Borges (tel. 22923)

UNIVERSAL — Praça 8 de Maio (tel 23744).

ADRIANA — Praça da República (tel 23609).

Auxílio às crianças sinistradas do Peru

Por iniciativa das senhoras do Nucleo Auxiliar Feminino da Delegação da Cruz Vermelha Portuguesa, foi colocado um posto na Rua Ferreira Borges, ao cimo das Escadas do Cego, para recolha de roupas, medicamentos, calçado, dinheiro ,etc., com destino ás crianças vítimas da catástrofe do Peru.

Como sempre, a população contribuiu generosamente.

A festa dos bilheteiros

Desde há muitos anos que os bilheteiros do Teatro Avenida, D. Irene e Manuel, fazem a sua festa, que o publico acarinha, pois os dois simpáticos empregados foram sempre dedicados servidores, correctos, amáveis,

Reunião científica

Numa clinica da cidade, o sr. prof. dr. Silva Raia, da Universidade de São Paulo (Brasil), fez uma conferência, subordinada ao tema: «A nova cirurgia do fígado».

Como a entrada era livre para médicos e finalistas de Medicina, foi grande a assistência que seguiu o trabalho do cientista com o mais vivo interesse.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

A Feira Popular abre amanhã

A cidade já não dispensa, durante as suas festas, a Feira Popular. O publico habituou-se ao animado certame, o qual, organizado sem pretensões—até mesmo porque o local não oferece condições excelentes para o efeito—, nos ultimos anos tem sido bem aceite, pois a organização a cargo dos srs. António de Matos e J. Garcia, tem procurado dar ao publico os melhores atractivos.

A abertura da feira está marcada para amanhã, e, este ano, apresentar-se-á em moldes mais modernos, até mesmo porque, ao contrário do que costumava acontecer mais cuidado e com mais nos anos anteriores, tudo foi tempo.

Diário do PORTO

O V Centenário de Vasco da Gama

Com um sarau musical e literário encerra-se, oficialmente, hoje, o ciclo de comemorações distritais do V Centenário do Nascimento de Vasco da Gama.

O sarau, precedido de uma alocução pelo presidente da comissão executiva das comemorações nacionais, sr. prof dr. Manuel Lopes de Almeida, decorrerá na igreja de São Francisco, ás 21.30 horas, com a colaboração da Orquestra Sinfónica do Porto. Serão, ainda, declamados trechos de Camões e Fernando Pessoa

Pena maior para um agressor da sua mulher

No 1.º Juízo Criminal, em tribunal colectivo, presidido pelo corregedor sr. dr. Fernando Pinto Gomes, respondeu José Magalhães Oliveira, casado, de 30 anos, trabalhador, do lugar das Laranjeiras, em São Mamede de Infesta, o qual tentou matar a mulher, a sr.ª Emília da Cunha, vibrando lhe sacholadas e esfaqueando-a, depois dela caída. A mulher ainda não está curada dos ferimentos que sofreu.

O réu foi condenado em doze anos e meio de prisão maior, 2 200$00 de imposto de justiça e a pagar a indeminização que for fixada em ascensão de sentença.

Eleições de dirigentes sindicais

A comissão promotora da «lista B» para as eleições dos dirigentes do Sindicato Nacional dos Profissionais da Industria Têxtil do Porto, promove uma reunião destinada á apresentação dos seus candidatos, no salão da F. N. A. T., no domingo, ás 15 horas.

Espectáculos para hoje

TEATROS

ANTÓNIO PEDRO — Às 21 e 30: «A Peliça» (12 anos)

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «Belos roubados» (17 anos).
COLISEU — Às 21 e 30: «Dois homens e um destino» (17 anos)
RIVOLI — Às 21 e 30: «Adeus, Gringo!» (12 anos).
TRINDADE — Às 21 e 30: «O Cardeal» (17 anos).
BATALHA—Às 21 e 30: «Gangsters em Roma» (17 anos).
ESTUDIO — Às 21 e 30: «A Fonte da Virgem» (17 anos)
OLIMPIA — Às 21 e 30: «Os Dias da Ira» (12 anos)
AGUIA D'OURO — Às 21 e 30: «A Internacional do Crime» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — Às 21: «O Monge da Máscara Negra» e «Sartana reza pela tua morte!» (12 anos).
CINEMA DO TERÇO — Às 21 e 30: «O motim» (12 anos).

Amanhã à tarde

CINEMAS

SÃO JOÃO — As 15 e 30: «Belos roubados» (17 anos)
COLISEU — Às 15 e 30: «Dois homens e um destino» (17 anos)
RIVOL — As 15 e 30: «Adeus, Gringo» (12 anos)
TRINDADE — Às 15 e 30: «O Cardeal» (17 anos)
BATALHA—Às 15 e 30: «Gangsters em Roma» (17 anos)
ESTUDIO — As 15 e 30: «A Fonte da Virgem» (17 anos).
OLIMPIA — As 15 e 30: «Os Dias da Ira» (12 anos)
AGUIA D'OURO — As 15 e 30: «A Internacional do Crime» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — As 15: «O Monge da Máscara Negra» e «Sartana reza pela tua morte!» (12 anos).
VALE FORMOSO — As 21 e 30: «No Reino dos Bikinis» (17 anos).
CINEMA DO TERÇO — As 21 e 30: «Cartouche» (12 anos).

Farmácias de serviço esta noite (7.º turno)

ALIANÇA, Rua da Conceição, 2 (Tel 2-4203) ✲ **BONFIM**, R. do Bonfim, 73 (Tel 5-2444) ✲ **CARDONA DOS SANTOS**, Rua D. Manuel II, 90 (Tel 2-7188) ✲ **CORREIA**, Praça Mouzinho de Albuquerque 77 (Tel. 6-0869) ✲ **COSME**, Rua Costa Cabral, 584 (Tel. 4-511) ✲ **FERREIRA**, Pr Afonso V, 55-B (Tel 68-1975) ✲ **FERREIRA DE CARVALHO**, Rua do Bonjardim, 354 (Tel. 2-7640) ✲ **GOMES FERREIRA**, Rua Faria de Guimarães, 449 (Tel. 41907) ✲ **HENRIQUES**, Pr da Batalha, 64-64-A (Telef 2-5173) ✲ **LUSO FRANCESA**, Rua Sá da Bandeira, 40 (Telef 2-6134) ✲ **MORENA**, L. S Domingos, 44 (Tel. 2-3545) ✲ **PORTO** Pr da República, 22 (Tel 2-0294) ✲ **PRELADA**, Rua C. de Francos, 316 (Tel. 6-4312) ✲ **S. DINIZ**, Rua de S. Diniz, 478 (Tel 4-228) ✲ **CAMPOS**, P.º L. Cabral, 943 — Foz (Tel. 68-0113).

DOM PEPE
encerra
às 2.as-feiras

Bolsa de Lisboa

AS COTAÇÕES DO DIA ANTERIOR

FUNDOS DO ESTADO	Ofer.	Compr.	Vend.
Consolidado 4 3/4%	—	—	506$
Consolidado 3%	—	—	576$
Consolidado 3 1/2%	—	—	—
Centenários 4%	—	—	440$
Obrigs Tesouro 5%	—	—	000$
Externo 1.ª Série	—	—	710$
Externo 1.ª Série C.	—	710$	—
Externo 3.ª Série	—	—	825$
Externo 3.ª Série C.	—	—	835$
Cautelas 3.ª Série	—	—	190$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	—	—
A P T 5% 56	880$	880$	900$
A P T 5% 58	—	880$	900$
C. P. 4 1/2% 65	890$	—	890$
C P S 1/2% 67	—	—	980$
C U F 6%	—	920$	930$
C. U F 6% 68	—	950$	958$
Gás Elect 4% 48	770$	770$	—
Gás Elect 4 1/2% 51	—	870$	—
Gás Elect 5% 52	—	850$	—
Gás Elect 5% 58	—	—	850$
Gás Elect 5% 59	—	—	870$
Gás Elect 5% 62	—	925$	—
Gás Elect 5% 63	—	925$	940$
Gás Elect 5% 65	—	900$	—
Gás Elect 5% 67	—	950$	970$
H E A Alentejo 5%	—	—	800$
H E Cávado 5%	—	—	—
H E Cávado 6%	975$	970$	980$
H E Douro 5%	—	—	—
H E Douro 6%	—	—	975$
H E Norte Port 5%	—	—	—
H E S Estrela 6%	—	—	—
H E Zêzere 5% 55	—	—	810$
H E Zêzere 5% 57	—	—	—
Lisnave 6%	—	—	970$
Metropolitano 4%	820$	800$	—
Metropolitano 5 3/4%	—	970$	—
Moçambique 5%	—	—	—
Nac Elect 5%	805$	805$	810$
Nitratos 5% 60	—	—	800$
Petroquímica 5%	—	—	800$
Port Celul 5%	—	865$	—
Sacor 5% 54	—	—	—
Sacor 5% 60	—	—	930$
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	880$
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	810$
Sonefe 5%	—	—	—
T A P 4%	—	—	850$
Termoelect Port 5%	—	785$	—
U E P 3 3/4%	—	80$	90$
U E P 4%	—	82$	88$
U E P 1/2%	—	88$	—
U E P 5%	—	78$	90$
U E P 5% 60	—	—	810$
U E P 5% 63	—	—	—

Ultramarino	Ofer.	Compr.	Vend.
	88$	89$5	88$
Cabinda	—	—	230$
Diamantes Angola	2 901$	2 901$	2 905$
H E Revué	—	735$	750$
Ilha do Príncipe	—	—	—
Moçambique	204$5	204$	204$5
Sonefe n.	—	—	—
Sonefe D	465$	464$	467$
Zambézia	82$5	82$	83$
Diversas			
Cidla	—	—	6.880$
Cim Leiria	—	—	—
Cim Tejo	—	7 100$	7.300$
Col Navegação	1.570$	1 550$	1.590$
C U F	—	1.600$	1.650$
Ind Aliança	—	850$	—
Nac Navegação	—	4 320$	4 400$
Petroquímica	1.930$	900$	1.930$
Port e Colónias	1.450$	450$	1.460$
Port Celulose	4 400$	4 350$	4.450$
Port Pesca	—	—	—
Port Tabacos	7 184	715$	720$
Sacor	4.630$	4 625$	4.640$
Siderurgia Nac	2 220$	2 200$	2.240$
Socel	3.380$	3 360$	3 390$
Tabacos de Portugal	—	—	—
Tabaqueira	7 050$	7 000$	7.100$
U E Azote	820$	818$	825$
Agua Elect e Gás			
Aguas Lisboa p	—	390$	—
Aguas Lisboa 34	—	398$	400$
Aguas Lisboa 36	—	390$	—
C P Electricidade	1.208$	205$	1.209$
C P Electricidade nom	1.200$	200$	1.205$
C P Electricidade 969	—	—	—
Eléct Beiras	—	750$	770$
Gás Electr	423$	422$	424$
H E Alto Alentejo	195$	195$	195$5
H E Norte Portugal	260$	250$	265$
H E S Estrela	—	1 790$	1.820$
U E P	192$5	92$	193$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F Atlântico	—	211$	—
F I D E S	—	128$	123$3

ÍNDICE BORGES & IRMÃO
COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65 100)

	25/6/70	1/7/70	2/7/70
GERAL	159,3	157,7	157,4
METROPOL.	149,0	147,3	147,1
ULTRAM.	234,9	233,9	232,8

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.ª
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS
Rua do Ouro, 52-54 — Lisboa — Tel 666066
Telegs ALMEIRO — Telex 47 ALBAPI P

AÇÇÕES			
Bancos			
Agricultura	2.340$	2.330$	2.345$
Alentejo	1.125$	1.120$	1.130$
Angola	—	3.700$	3.800$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	8.600$	8.600$	8.700$
E Santo	—	22.000$	23.000$
E Santo n	—	21 000$	22.000$
Fonsecas S p.	—	—	21.000$
Fomento	2.500$	2.480$	2.510$
L & Açores p	7.150$	7 150$	7.180$
L & Açores n	—	—	—
P Atlântico p.	5.800$	5 800$	5.820$
Portugal n	—	3.050$	3.080$
Portugal p	3.950$	—	3 970$
Totta Aliança	—	6.150$	6 350$
Ultramarino n.	3.610$	3.600$	3.620$
Ultramarino p	3.970$	3 970$	3 980$
Seguros			
Alentejo	139$	38$5	139$
Douro	—	1.200$	—
Mundial	920$	920$	925$
Sagres	—	1.700$	2 500$
Tranquilidade	—	55.000$	65.000$
Ultramarino	—	25 000$	—
Ultramarinos			
Açucar de Angola	—	—	840$
Ag Cosseque	640$	675$	685$
Ag Incomat	—	—	—
Ag Neves	—	—	—
Ag S Tomé e Príncipe	—	260$	285$
Boror	—	130$	—

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rand	35$50	38$00
América.		
— Dólares, de 1 a 4	28$20	28$70
— Dólares de 5 a 1000	28$50	28$90
Canadá — Dolares	26$90	27$50
Alemanha — Marco	7$70	8$00
Argentina — Peso	$05	$08
Austria — Schilling	$08	1$15
Brasil — Cruzeiro	4$50	6$50
Espanha — Peseta	$40,5	$42
Holanda — Florim	7$75	8$05
Inglaterra — Libra	68$00	70$00
Itália — Lira	$04,2	$04,65
Bélgica — Franco	$55	$58
França — Franco	4$90	5$30
Suiça — Franco	6$60	6$80
Marrocos — Dirham	4$80	5$40
Dinamarca — Coroa	3$65	3$95
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Ouro:		
Inglaterra—Libra Isabel	300$00	320$00
Inglaterra — 1/2 Libra	290$00	310$00
Ouro fino — Barra	34$50	36$50

J. BURNAY L.DA Notas estrangeiras Papéis de crédito
Tel 321273

Diário de Lisboa Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade
Rua Castilho,
Telef. 68 46 31-2-3-4
Redacção e Serviço
Rua Luz Soriano,
Telef. 32 02 71-2-3
End. Tel. DIBOA. Telex
Lisboa — Portugal

OS TRABALHOS EM BRAGA DO COLÓQUIO DE TURISMO E TERMALISMO DO NORTE

BRAGA, 3 — Na Biblioteca Pública prosseguiram hoje as sessões de trabalho e dos plenários do Colóquio de Turismo e Termalismo do Norte. Foram apresentadas as teses incluidas nos primeiro, terceiro e quarto grupos, dedicados, respectivamente, «A Promoção e Orientação das Actividades Turísticas», «Desenvolvimento Turístico Regional» e «Património Natural e Cultura».

O sr. dr. Licínio Cunha, economista e consultor técnico do Grémio Nacional dos Industriais de Águas, Refrigerantes e Sumos de Frutos, apresentou na sessão plenária, cerca do meio-dia, uma comunicação subordinada ao tema: «Termalismo — Novas Concepções de Utilização e Perspectivas», que foi seguida de debate.

O sr. eng.º Álvaro Roquete, director-geral do Turismo, apresentou na sessão plenária da tarde as «Cartas Turísticas», uma das mais importantes iniciativas ligadas ao Colóquio de Turismo e Termalismo. Dadas todas as explicações ao grupo de trabalho, este debateu o assunto, com vista ao levantamento de «Cartas Turísticas».

Durante a tarde, os congressistas partem para o Porto, onde a Câmara Municipal lhes oferece um programa social, que inclui uma visita breve á cidade, uma ceia nas caves da Real Vinícola, em Vila Nova de Gaia, e um sarau de arte na igreja de São Francisco, com música sinfónica e declamações.

o tempo

INFORMAÇAO DO SERVIÇO METEOROLOGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava pouco nublado ou limpo e o vento era fraco ou moderado de Norte

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 19°; Coimbra, 18°; Penhas Douradas, 16°; Portalegre, 21°; Faro, 27°; Funchal, 20°; Lisboa 21°

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Elvas, 34°,8; mínima: Pedras Salgadas, 8°,8.

TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SOL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Na água do mar: 16°; na atmosfera: 21°,5

PREVISAO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHA

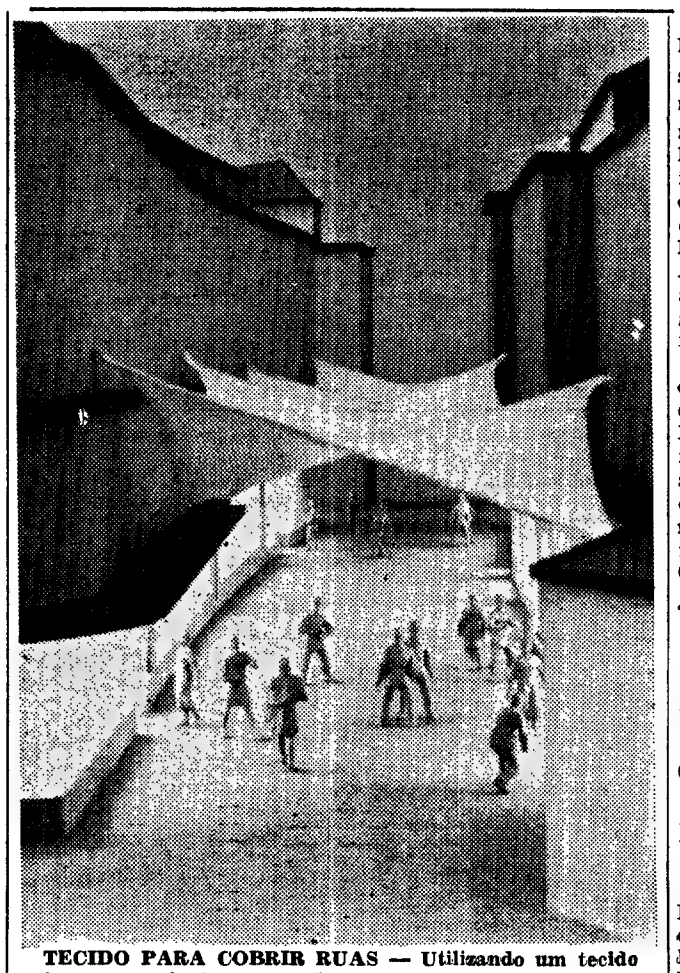
Céu pouco nublado ou limpo; vento moderado de Norte; nortada durante a tarde para Sul do cabo Carvoeiro; neblina ou nevoeiro matinal.

Amanhã
Nascer ás 6 e 17
Ocaso ás 21 e 5

Amanhã Dia 11 Dia 18 Dia 25

MARÉS

PREIA-MAR: **Hoje** — 4 e 04 (3,6 m); 16 20 (3,9 m). **Dia 4** — 4 e 49 (3,6 m); 17 e 2 (4 m). **Dia 5** — 5 e 23 (3,6 m); 17 e 36 (3,9 m). BAIXA-MAR: **Hoje** — 9 e 36 (1,2 m); 21 e 10 (1,1 m). **Dia 4** — 10 e 15 (1,2 m); 22 e 46 (1,1 m). **Dia 5** — 10 e 48 (1,2 m); 23 e 20 (1,1 m)



TECIDO PARA COBRIR RUAS — Utilizando um tecido leve, permeável ao ar e á luz, extremamente resistente e não-inflamável, os responsáveis pela cidade de Wuppertal, na Republica Federal Alemã, tencionam cobrir as ruas fechadas ao transito. No decorrer do presente ano, vão ser levadas a efeito as primeiras experiências que, se resultarem, abrirão uma nova era, certamente, no aspecto das cidades alemãs, pois muitas outras aguardam a ocasião de seguir o exemplo de Wuppertal

Ficou em estado grave o condutor de um automóvel que embateu numa camioneta na curva da Mealhada

Quando rodava na estrada Lisboa-Loures, um automóvel conduzido pelo sr. João Paulo Neto Geraldes Barba, embateu violentamente numa camioneta de carga que seguia em sentido contrário, ficando reduzido a um monte de ferros e lata amolgada. O acidente deu-se na curva da Mealhada, perto de Loures, em circunstancias ainda não suficientemente conhecidas. Eram quase sete horas.

Segundo um informador do Posto da G. N. R. de Loures, que tomou conta do acidente, *«o carro ia pela sua mão»*, nada mais se podendo acrescentar, por enquanto. O mesmo informador disse ainda que, de ontem para hoje, se verificaram quatro acidentes de viação na área do posto.

O sr. João Paulo Neto Geraldes Barba tem 26 anos, é casado, natural de São Domingos de Rana (Cascais) e reside na Avenida dos E. U. A., 134, 7.º, esq.º, em Lisboa. É filho da sr.ª D. Isaura Reis Neto Geraldes Barba e do sr. Sérgio Geraldes Barba, conhecido comerciante e industrial.

Mais de quatro mil contos rendeu o peditório da C.V.P. em Lisboa

O peditório nacional da Cruz Vermelha Portuguesa, realizado nos primeiros dias de Junho, rendeu 4 025 154$70 na cidade de Lisboa. Tão elevada quantia jamais fora atingida desde que a organização iniciou, em 1965, esta campanha.

De vez em quando

Vi ontem na estrada, pela primeira vez, os novos agentes encarregados de assegurar o cumprimento das regras de circulação rodoviária. Eu já sabia que eram elementos da G. N. R., mas fiquei desiludido na medida em que esperava vê-los exteriormente diferenciados, mais aptos nas suas novas funções. Refiro-me, claro, à questão do fardamento. Eu bem sei que, tal como vendo caras não se vêem corações, também não é a farda que faz a corporação. Mas não me parece azado, para percorrer em motocicleta as estradas do País, o «dolman» de linha militar, fechado até ao pescoço com reluzentes botões amarelos (atenção aos reflexos da luz) **e cingido à cintura por largo e pesado cinturão de cabedal. Acontece, ainda, que a cor cinzenta do caqui se confunde fàcilmente com o asfalto, podendo levar a pensar que se pretende uma camuflagem desnecessária para quem deve ter acção preventiva e não repressiva. Acontece também que, a manter-se o fardamento da G. N. R., muitos automobilistas, por associação de ideias, são capazes de ficar suficientemente intranquilos para guiar com prudência. Há que atender ao factor psicológico...**

V. D.

«Diário de Lisboa»

Os srs. major Ennes Ferreira e capitão Cravo Sanches, respectivamente comandante e 2.º comandante da extinta Polícia de Viação e Trânsito, vieram ao nosso jornal apresentar cumprimentos de despedida. Agradecemos.

PORTUGUÊS CONDECORADO PELA RAINHA DA HOLANDA

O embaixador da Holanda, sr. D. G. E. Middelburg, entregou, no dia 1 do corrente, numa cerimónia simples, ao sr. eng Fernando Meleiro de Souza, membro dos Conselhos de Administração da Philips Portuguesa, S. A. R. L., e da Fábrica Portuguesa de Artigos Eléctricos, S. A. R. L., as insígnias de Oficial da Ordem «Orange Nassau» com que recentemente foi agraciado por sua majestade a rainha da Holanda.

O sr. eng.º Fernando Meleiro de Souza, que ingressou ao serviço da Philips em 1938, foi um dos preciosos colaboradores do estudo de iluminação da Exposição do Mundo Português, realizado em 1940.

Foi um dos fundadores da Fábrica Portuguesa de Artigos Eléctricos, S. A. R. L., concessionária do fabrico dos produtos Philips em Portugal, tendo em Agosto de 1942, em plena segunda guerra mundial, produzido a primeira lâmpada de incandescência.

Em 1956 foi nomeado director-geral da Fábrica Portuguesa de Artigos Eléctricos. Quando esta fábrica, em 1949, recebeu, pela primeira vez, o prémio da melhor lâmpada, em concurso com 32 fábricas das Organizações Europeias Philips, foi nessa altura condecorado com o grau de Comendador de Mérito Industrial.

Em 1969 foi incumbido da supervisão industrial das Organizações Philips em Portugal e, em 12 de Março de 1970, foi condecorado pelo sr. Presidente da República.

Companhias Reunidas Gás e Electricidade

AVISO AOS CONSUMIDORES

Trabalhos inadiáveis para a boa conservação das redes obrigam-nos a interromper, durante algumas horas, o fornecimento, no próximo Domingo, nas seguintes Zonas:

1.º Sector — **Concelho de Lisboa:** Bairro Alto da Ajuda, Estrada dos Marcos e Restaurante Montes Claros. (Das 8 ás 12 horas).

3.º Sector — Rua Pereira e Sousa entre a Praça Afonso Paço e Rua Tenente Ferreira Durão e Praça Afonso Paço entre a Rua Pereira e Sousa até ao Lote 5 da mesma Praça. (Das 8 ás 12 horas).

4.º Sector — Largo de S. Domingos de Benfica, Rua S. Domingos de Benfica e Estrada do Barcal — Bombas de Monsanto. (Das 8 ás 12 horas).

6.º Sector — Rua Garrett de 106 a 120 e L.º do Chiado de 24 a 25. (Das 8 ás 12 horas).

6.º Sector — Rua Serpa Pinto de 12 a 16-B e L.º Rafael Bordalo Pinheiro n.º 1 e Trav. do Carmo 15. (Das 8 ás 12 horas).

6.º Sector — Rua das Pedras Negras de 1 a 33 e de 10 a 20, Cd.º do Correio Velho de 8 a 20 e 17 a 19. (Das 8 ás 12 horas).

9.º Sector — Rua Capitão Roby, Rua Silveira Peixoto, Rua G. á Cd.ª da Picheleira, Rua Luís Gonzaga Pereira, Cd.º do Carrascal, Rua Frederico Nery Vidal, Rua João Nascimento Costa, Rua Particular á Cd.ª do Carrascal, Rua Frei Fortunato S. Boaventura, Rua Silveira Peixoto, Rua Eng.º Maciel Chaves, P.º Sócrates Costa, Rua Sol a Chelas (parte), Quinta dos Embrechados, Pátio do Barbacena e imediações. (Das 8 ás 12 horas).

1.º Zona — **Concelho de Cascais:** Matos Cheirinhos, Das 8 ás 17 horas).

2.º Zona — **Concelho de Sintra:** PERO PINHEIRO (parte) / CARRASQUEIRA. (Das 6 ás 10 horas).

3.º Zona — PERO PINHEIRO (parte) / MORELENA, Casal do Paço. (Das 8 ás 15 horas).

4.º Zona — **Concelho de Oeiras: ALGÉS:** Rua Luís de Camões, Av.º dos Combatentes da G. Guerra, Cd.º do Rio, Rua Dr. Manuel de Arriaga, Rua Latino Coelho, Rua D. João de Castro, Rua Dr. António Granjo. (Das 8 ás 10 horas).

5.º Zona — **ALGÉS:** Parque Anjos — Lotes 1-2-3-4-5, e Rua João Chagas (parte). (Das 10 ás 12 horas).

6.º Zona — Portela da Ajuda Outorela. (Das 8 ás 15 horas).

7.º Zona — **SANTO AMARO DE OEIRAS:** Av.º Duarte Pacheco, Rua José Falcão, Rua Vasco da Gama, Rua Afonso de Albuquerque. (Das 8 ás 15 horas).

8.º Zona—LINDA-A-VELHA: Av.º Tomaz Ribeiro, Av.º Dr. Oliveira Salazar, Cd.º do Chafariz, L.º do Chafariz, Rua Fontes Pereira de Melo, Rua Eng.º José Frederico Ulrich, Trav.º do Faria. (Das 8 ás 15 horas).

9.º Zona—**Concelho de Arruda dos Vinhos:** ARRUDA DOS VINHOS e Quinta do Laranjeiro. (Das 5 ás 14 horas).

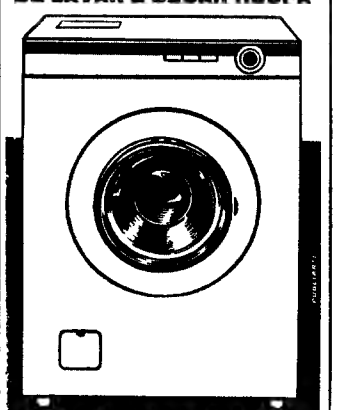
Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

FIM
DE SEMANA

O REI das MEIAS,
informa as suas clientes que está autorizado por despacho do Ministério das Corporações e Previdência Social, o encerramento do seu estabelecimento, abrangido pelo Grémio dos Comerciantes de Camisaria e Malhas de Lisboa, aos sábados às 13 horas, agradecendo que façam as suas compras da parte da manhã.

O REI das MEIAS

Becchi
MÁQUINAS AUTOMÁTICAS DE LAVAR E SECAR ROUPA



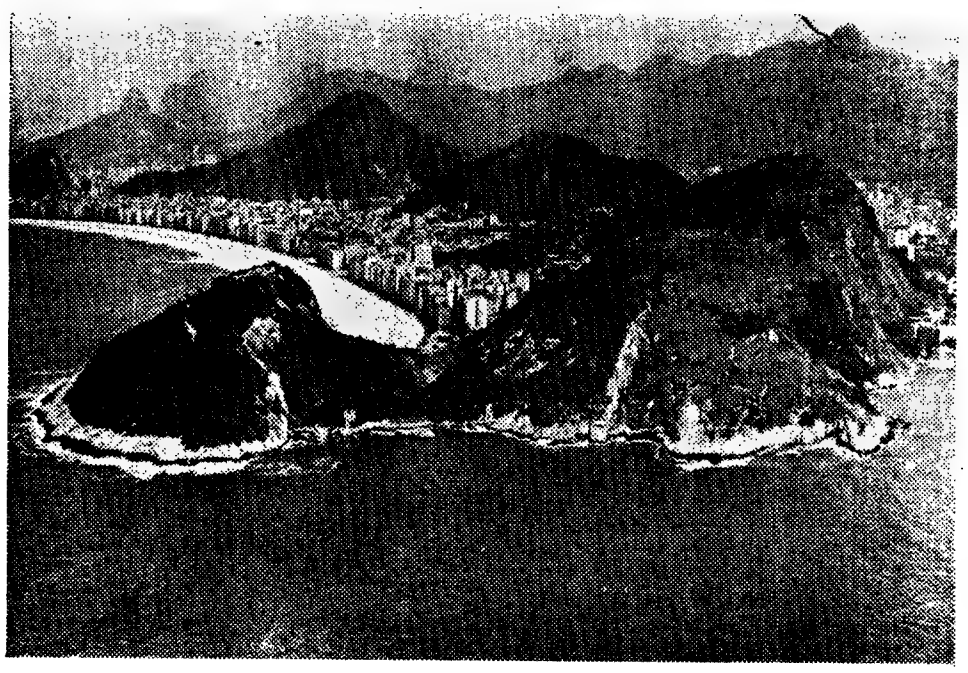
MAIS SIMPLES
MAIS VANTAGENS
MELHOR QUALIDADE
VÁRIOS MODELOS
Becchi
RECOMENDA O USO DO DETERGENTE
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
RAFAEL BURGUETE, LDA.
LISBOA — PORTO
À VENDA NAS BOAS LOJAS

RIO DE JANEIRO:

CIDADE VOLTADA AO FUTURO ESTÁ TAMBÉM AO ALCANCE DOS QUE PARTICIPAM NO NOSSO CONCURSO

2.º caderno

férias no MUNDO



Vista aérea do Rio de Janeiro

O Rio de Janeiro é constante sonho de grandeza, afirmação permanente de vitalidade fremente, de evidência de recursos, de capacidade realizadora. O ritmo com que se erguem os grandiosos edifícios faz acreditar que o futuro é já amanhã, tal a pressa evidente de atingir nova fase de progresso.

A antiga capital do Brasil, grande metrópole do continente americano, é hoje uma cidade de mais de quatro milhões de habitantes. Foi fundada há quatro séculos e possui três Universidades, inúmeras instituições culturais, vários museus, inúmeras bibliotecas publicas e semipublicas (a Biblioteca Nacional possui cerca de dois milhões de volumes), 12 jornais, entre estes vários em idiomas estrangeiros; 14 estações de rádio e cinco de televisão (TV-Rio, TV-Continental, TV-Excelsior, TV-Tupi e TV-Globo); numerosos teatros, entre os quais o Teatro Municipal (onde são levadas á cena as óperas líricas); duas orquestras sinfónicas, Jardim Botanico, Hipódromo, Jardim Zoológico e muitos outros motivos de interesse.

A maior parte das igrejas do Rio de Janeiro foi construída no século XVIII, quando a arte barroca brasileira atingiu o máximo esplendor. O Estádio de Maracanã, um dos maiores do mundo, com capacidade para 150 000 espectadores sentados, é o palco dos grandes encontros nacionais e internacionais de futebol disputados no Brasil.

O porto do Rio de Janeiro é o segundo do país, e a cidade, servida por numerosas linhas rodoviárias e aéreas (aeroportos do Galeão e de Santos Dumont), tornou-se, graças ás suas belezas naturais e ao seu famoso Carnaval, um dos maiores centros do turismo internacional.

Descoberta em 1502, a enseada do Rio de Janeiro permaneceu, durante a segunda metade do século XVI, abandonada á ambição dos aventureiros e flibusteiros em busca de pau-brasil e outras riquezas e á pirataria dos normandos e bretões. As preocupações dos portugueses orientavam-se para outros pontos da nova colónia, principalmente a Baía, onde se instalara a sede do Governo-Geral.

Vencidas sucessivas tentativas de incursões estranhas, que se prolongaram por dezenas de anos, a civilização do Rio de Janeiro começou, então, de maneira evidente.

A primeira casa

As primeiras residências dos povoadores do Rio de Janeiro foram simples e frágeis: choupanas de pau a pique, autênticas construções rudimentares.

No entanto, os mais antigos documentos sobre a cidade fazem referência, como a um monumento excepcional, a uma famosa (e sob certo ponto de vista misteriosa) «Casa de Pedra», a primeira e, durante muito tempo, a única construção de alvenaria da cidade que nascia. Ficava situada na praia de Sapucaitoba (Flamengo), entre o morro chamado da Viúva e a margem direita do rio Carioca, e nela morou Pedro Martins Namorados, um dos vicentinos que se uniram a Estácio de Sá para fundar a cidade, da qual foi o primeiro juiz.

Dessa construção, cuja origem os historiadores ainda não conseguiram precisar, já em meados do século XVIII não restavam senão vagos vestígios, que desapareceram totalmente. Teve, porém, importância fundamental, histórica e administrativamente para o Rio de Janeiro, pois serviu de marco inicial para o desenvolvimento das terras municipais.

A luta pelo espaço

Mercê de um desenvolvimento progressivo, que superou todas as expectativas, o Rio de Janeiro viu-se forçado a travar luta pela ampliação do seu espaço vital. A cidade, apertada entre o morro e o mar, com um aumento de população cada vez mais expressivo (centro migratório interno e externo) precisava encontrar solução.

(Continua na página seguinte)

Um cortejo carnavalesco numa rua do Rio

Carnaval carioca é assim

Alguns esclarecimentos acerca do Concurso «FÉRIAS NO MUNDO»

Respondemos hoje a algumas das perguntas que os leitores do «Diário de Lisboa» têm feito para a redacção acerca do concurso FÉRIAS NO MUNDO, que tanta atenção vem a despertar em todo o País.

As perguntas a que respondemos são as que mais frequentemente nos têm sido feitas, mas aproveitamos a oportunidade para lembrar que os nossos leitores têm toda a vantagem em acompanhar diàriamente o noticiário e os esclarecimentos que publicamos acerca deste concurso dia a dia mais popular.

1) Onde é que os concorrentes começam a beneficiar dos prémios referentes às viagens?

Em Lisboa. As viagens, por outras palavras, têm o seu início e o seu término em Lisboa. A não ser que se verifiquem casos especiais, como, por exemplo, o de um concorrente do Porto que opte por quinze dias de férias em Vidago. Os concorrentes que optarem pelo prémio que consiste em quinze dias de férias em qualquer localidade de Portugal metropolitano á sua escolha, também terão de se apresentar na sede do «Diário de Lisboa» para começarem a beneficiar deste prémio.

2) Os concorrentes que tiverem ganho um prémio «de viagem» também ficam habilitados aos restantes prémios?

Todos os concorrentes ficam habilitados a todos os prémios, já que terminado o sorteio das viagens proceder-se-á ao sorteio dos restantes prémios entre todos os concorrentes, incluindo os que tiverem sido beneficiados no primeiro sorteio.

3) Que deve entender-se por «acompanhante»?

O regulamento do concurso é claro: o premiado com uma viagem á cidade da sua escolha deverá fazer-se acompanhar ou pelo seu conjuge, ou pelo seu pai, ou pela sua mãe, ou por um seu irmão ou filho.

4) Se um concorrente premiado não puder efectuar imediatamente a sua viagem, poderá fazê-la mais tarde?

Pode escolher a data que mais lhe convier, dentro de um ano, a partir da data da concessão do prémio.

MORADIA

SÃO JOÃO DO ESTORIL

Junto à marginal, construção de luxo, composta de 8 div. soalhadas, cozinha, copa, 3 casas de banho, lavabo, garagem, grande jardim, duas entradas, pronta a habitar.

Preço — 1,500 contos.

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rossio, 3-2.º — Telefones 369384/5/6 - 328232/3 - 361756

VIAGENS, AUTOMÓVEIS E MATERIAL DE SOM

PARA OS PARTICIPANTES NO CONCURSO

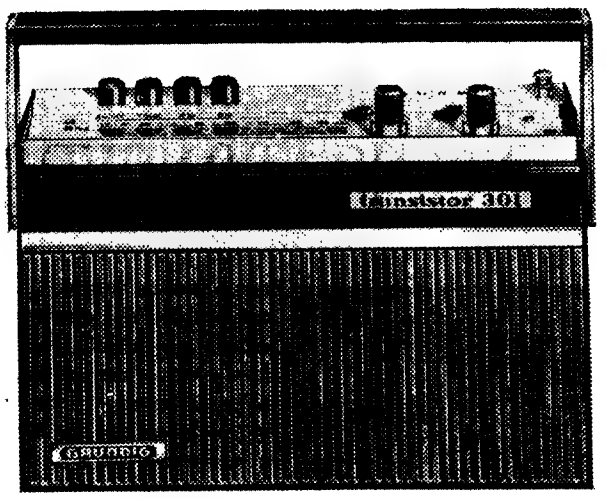
«FÉRIAS NO MUNDO»

(Continuação da pág. anterior)

E cresceu «para cima»: ergueram-se arranha-céus, que possuiam, também, grandes andares subterrâneos. E seguiu-se a batalha contra o mar, roubando-lhe terreno, numa tarefa gigantesca, para acudir ás prementes necessidades de descongestionamento do tráfego que determinaram a construção do maior túnel urbano do mundo — que liga os bairros do Rio Comprido a Lagoa — com perfuração de terreno em quase três quilómetros de extensão.

Vários viadutos e pontes já construídos contribuem, igualmente, para facilitar o acesso e a saída da cidade, sempre voltada para o futuro, com mil e uma formas de atrair e prender quem a visita, mercê dos seus encantos naturais e de inúmeras diversões. Quem não conhece de ouvir falar no Corcovado, na Barra da Tijuca, na Baía de Guanabara, no Pão-de-Açúcar? E quantos outros encantos para desvendar? E quantos contrastes a estabelecer? Um entre muitos: a velha Rua do Ouvidor e a modernissima Avenida Atlântico, agora com oito pistas de rodagem, construída em terreno conquistado ao mar.

Muito mais haveria que dizer. Muito mais dirá, certamente, o leitor premiado com esta viagem á cidade maravilhosa, imortalizada em poemas de sambas que não envelhecem, e não morrerão nunca.



Mais um rádio portátil «Gruding»

Um dos frigoríficos da reputada marca «Kelvinator»

SALVADOR RESPONDE A JOSÉ VIANA

«SEMPRE AJUDEI E INCITEI OS ARTISTAS MAIS JOVENS»

«Sempre ajudei e incitei os artistas mais jovens», afirma Eugénio Salvador em resposta ás declarações de José Viana publicadas nas nossas edições de 20 do corrente, e que por sua vez respondiam a palavras do primeiro destes dois actores reproduzidas no «Diário de Lisboa» de 15. O diferendo é claro e, segundo nos parece, revelador de um momento peculiar do teatro musicado português, razão também por que passamos a transcrever a seguinte carta que Salvador nos fez chegar ás mãos:

«No passado dia 15 de Junho publicou o «Diário de Lisboa» uma entrevista que me foi solicitada, onde, entre outras perguntas, se pretendeu saber a razão do meu afastamento voluntário do Teatro Maria Vitória. Respondi, sem a mais pequena ofensa a quem quer que seja, com os factos objectivos que são do domínio público e podem ser confirmados pelo empresário sr. Giuseppe Bastos e por toda a companhia do referido teatro.

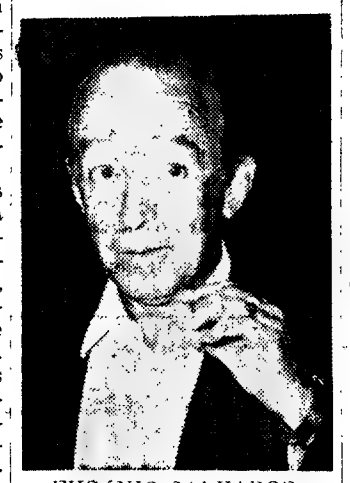
Em resposta (?) ás minhas declarações o sr. José Viana lançou contra mim, no «Diário de Lisboa» de 20 de Junho, um violento ataque, acusando-me, como ele próprio diz, de toda a espécie de prepotências e injustiças. Deixando de lado as falsas insinuações de carácter pessoal que, se alguém as julgasse dignas de crédito, mereceriam, por si sós, a instauração dum processo por difamação, passo a responder ás acusações que me são feitas por aquele senhor.

Diz o sr. José Viana que me servi da minha *«qualidade de patrão-empresário para assim salvar a minha mediocridade»*. Esquece-se, é claro, que ao iniciar a minha carreira de empresário, em 1952 era já primeira figura na empresa de Vasco Morgado.

Acusa-me em seguida de nunca ter escrito uma só linha (!) das mais de trinta peças que assinei, integrado em quase uma dezena de parcerias diferentes desde 1938. A afirmação é suficientemente disparatada e não necessita qualquer resposta. Quanto á insinuação de que eu me encontro abusivamente a receber direitos de autor que não me pertencem pela revista «O prato do dia», actualmente em cena, penso, que se impõem os seguintes esclarecimentos:

— A revista em questão foi encomendada pelo sr. Giuseppe Bastos á parceria de que então eu fazia parte;

— Durante cerca de dois meses colaborei na elaboração da revista, sem que qualquer objecção me fosse levantada; por ser pequena a minha colaboração se justificava a baixa percentagem de direitos de autor que, por comum acordo, me cabia;



EUGÉNIO SALVADOR

— Fui informado, a 2 de Abril, pela Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses, da percentagem que me encontro neste momento a receber e me foi atribuída por acordo dos meus ex-colaboradores.

Diz mais adiante o sr. José Viana que na revista *«Na brasa»* proibi aos meus colegas *«que viessem agradecer e receber os aplausos do publico»*. A verdade, evidentemente, é outra: na estreia dessa revista experimentou-se, com o assentimento geral, e com vista a aumentar o ritmo e continuidade do espectáculo, limitar os agradecimentos aos finais dos dois actos (limitação essa a que, como não podia deixar de ser, também eu estava sujeito). Essa medida foi aliás elogiada pela crítica.

Procurando sugerir por meio de interrogativas, pergunta-me o sr. José Viana: quantos artistas jovens ajudei? E quantos artistas tenho procurado destruir? Respondendo á primeira pergunta, posso apenas afirmar que sempre ajudei e incitei os artistas mais jovens, e que por mais de uma vez têm vindo a público entrevistas em que colegas o declaram, por vezes com considerável exagero. Quanto á segunda pergunta, basta-me recordar que depois de quarenta anos de teatro continuo em óptimas relações de amizade com todos os meus colegas, não existindo um único que comigo não aceite trabalhar, coisa de que o sr. José Viana se não pode gabar, como toda a gente ligada ao teatro muito bem sabe.

Aconselha-me o sr. José Viana, nas suas declarações, *«que pense apenas na missão do actor: servir»*. Servir os que apenas pretendem servir-se? Servir as pessoas ou grupos que se pretendem instalar, de qualquer modo, mesmo que para isso atropelem os colegas que sabem não estar em situação de protestar?

(Continua na 27.ª página)

ASSINATURAS PELO PERÍODO DO CONCURSO

Aceitam-se assinaturas pelo período do concurso, como pagamento antecipado, em selos, vale do correio ou cheque.

ora diga-nos...

— O Terreiro do Paço podia ser «zona para habitar»?

É opinião de muitos arquitectos urbanistas e paisagistas que a Praça do Comércio (Terreiro do Paço) é bela de mais (desenho arquitectónico, o rio aos pés, o amplo espaço...) para nela funcionarem as secas burocracias dos ministérios.

● Acho que não, — *entendeu o sr. António Serpa Gil, funcionário da Caixa Geral dos Depósitos* — Parece-me que os ministérios deviam sair do Terreiro do Paço e ser ali a sala de visitas de Lisboa, com instalações para congressos, pequenas «boutiques» e, sobretudo, tirar dali os automóveis!...

● *O sr. Jordão França, agente comercial declarou:*

— Desde que o Governo cedesse os terrenos... acho que seria possível criar uma zona habitacional. Ou então para esplanadas, o que resultava um bem para o visitante e para o próprio País.

● *A sr.ª D. Helena Rodrigues, colaboradora de um vespertino disse-nos:*

— Francamente acho que não. Agrada-me como está, pois tenho a impressão que se as pessoas fossem para lá viver iam estragar tudo pendurando roupas ás janelas... Todavia a zona do Tejo é tão linda que é uma pena estarem ali os ministérios, já que os funcionários são pessoas que nunca vêm á janela, nunca gozam devidamente o panorama...

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

AUTOMOBILISMO

NA PISTA DE VILA REAL ESTÃO A DECORRER OS PRIMEIROS TREINOS OFICIAIS

Na pista de Vila Real, começaram hoje os primeiros treinos para a prova dos «500 Quilómetros de Vila Real» e restante corrida integrada no programa. Amanhã á tarde disputam-se a corrida de Fórmula V, Fórmula Ford e Turismo (Grupos 1 e 2). Finalmente no domingo, os «500 Quilómetros de Vila Real», prova destinada a carros de Grande Turismo, Desporto e Protótipos e constituem o grande motivo de interesse e expectativa para o numeroso público que de toda a parte do País se deslocam á capital trasmontana.

Alguns nomes famosos, como David Piper, Maufedini, Teddy Pilette e outros, fazem parte do elenco seleccionado pelos organizadores de Vila Real. Do mesmo modo o público terá ensejo de ver em actuação máquinas modernissimas e potentes, como é o caso dos Porsche 917 e Ferrari 512. Porém, no âmbito estritamente nacional, a prova reveste-se de grandes motivos de interesse pois, além de ser o primeiro circuito da temporada e, simultâneamente, o melhor de todos, adivinha-se uma luta empolgante entre alguns dos nossos mais cotados pilotos que, uma vez mais, estarão presentes em grande número. Pode mesmo afirmar-se que as corridas tanto dos turismos (Grupos (1 e 2) como de Fórmula Ford podem vir a ser as mais emotivas de todo o programa. O automobilismo português através de seus mais cotados pilotos, estará em massa uma vez mais na pista de Vila Real, considerada uma das melhores do seu género que existem na Europa. Filipe Nogueira, Carlos Santos, Luís Fernandes, José Lampreia e muitos outros formam o elenco português para o importante conjunto de provas.

Os mais apetrechados encontram-se já desde há alguns dias em Vila Real, que neste fim-de-semana se transformou em capital do automobilismo português.

No que diz respeito a máquinas as mais competitivas e válidas são, sem qualquer dúvida, as Porsche 917 e da Ferrari 512 S, duas marcas que este ano prolongam a luta por todos os circuitos do Mundo.

De todos as partes do País chegam constantemente entusiastas para assistir ás corridas e os hotéis e pensões, tanto em Vila Real como nas povoações próximas, encontram-se completamente esgotados. Muita gente terá que dormir na rua ou dentro dos automóveis o que, para alguns, especialmente os mais jovens e mais entusiastas, não representará qualquer problema visto que estas três noites são tradicionalmente outras tantas noites de divertimento.

Américo Silva, em pleno retorno á «forma» que o distinguia como ciclista de primeiro plano, é uma das esperanças bonfiquistas para a Volta a Portugal

Por AVELÃS COELHO
e AUGUSTO VILELA
nossos enviados especiais

VOLTA À FRANÇA

Merckx entrará na Bélgica vestido de amarelo

• Agostinho está a 3 m. e 58 s. do «guia»

VALENCIENNES—Na véspera da visita do «Tour» á Bélgica, Eddy Merckx, mesmo sem ganhar a etapa ou ter vibrado qualquer dos seus golpes sensacionais, reconquistou a «camisola amarela» — enquanto Zilioli, ex-guia, se viu atirado para a 6.ª posição, a 57 segundos do seu compatriota.

Deste modo, as etapas de hoje deverão constituir autêntico festival de consagração para o «numero um» do ciclismo mundial — embora se espere a mesma luta que tem vindo a caracterizar as etapas precedentes.

Aliás, quaisquer duvidas sobre a dureza da corrida ficariam absolutamente desfeitas pela simples observação das médias extraordinárias realizadas até ao momento — quase todas acima (e muito) dos 40 kms/h. Efectivamente, só estradistas de reais possibilidades poderão corresponder ao esforço intenso e contínuo a que são chamados.

A tirada de ontem, entre Amiens e Valenciennes, foi corrida sob céu bastante nublado e alguma chuva a tornar as estradas particularmente ingratas. Não obstante as tentativas de fuga verificaram-se, como sempre, obrigando o pelotão a reacções frequentes. O francês Catieen foi o primeiro a romper as hostilidades, logo seguido por outros — mas o grande herói da etapa foi o belga De Boever, que chegou a levar 3 minutos de avanço e só veio a ser ultrapassado nos ultimos quilómetros.

Os ultimos quilómetros foram dramáticos, com um empedrado irregular a obrigar os ciclistas a um esforço tremendo. O pelotão «partiu»: Merckx ficou na primeira unidade; Zilioli, Ocaña e outros ficaram no segundo grupo — e isso condicionou a mudança da «camisola amarela».

Sobre o risco, o belga Roger de Vlaeminck (que poucos quilómetros antes tentara isolar-se), foi mais rápido que os adversários e ganhou a etapa.

Agostinho perdeu mais algum tempo e está agora no 32.º lugar a 3 m. e 58 s. de Merckx. No entanto, não pode dizer-se que as possibilidades do ciclista português se encontrem muito diminuidas — atendendo a que, até agora, a corrida tem sido mais propícia a ciclistas rápidos. Depois de amanhã, com o início das chamadas etapas difíceis, Joaquim Agostinho terá já ocasião de impor as suas qualidades — e por certo não deixará de o fazer.

Entretanto, a classificação geral é a seguinte

1.º, Eddy Merckx (Bélgica Driessens), 27 h. 12 m. 29 s.; 2.º, Godefroot (Bélgica-Pezzi), a 5 s.; 3.º, R. de Vlaeminck (Bélgica-Schotte), a 11 s.; 4.º, Janssen (Holanda-De Muer), a 18 s.; 5.º, Van Springel (Bélgica-Cooles), a 42 s.; 6.º, Zilioli (Itália-Driessens), a 57 s.; 7.º, Poulidor (França-Caput), a 1 m. e 2 s.; 8.º, Zoetemelk (Holanda-Schotte) a 1 m. e 3 s.; 9.º, Pintes (Bélgica-Coois), a 2 m. e 8 s.; 10.º, Grosskost (Bélgica-De Muer), a 2 m. e 16 s.; 32.º, Agostinho (Portugal), a 3 m. e 58 s.

Sábado desportivo

ANDEBOL — Campeonato Nacional da 2.ª Divisão, fase final. Em seniores: Padroense-Almada, no recinto da Efacec, ás 22 e 30 horas; em juniores: Sp. Braga-Benfica, no recinto «Flavio Leite», ás 22 horas.

ATLETISMO — Campeonato regional de equipas, 1.ª jornada, no parque de jogos da F. N. A. T., ás 17 e 30 horas.

AUTOMOBILISMO — 17.º Circuito Internacional de Vila Real, 1.ª jornada, em Vila Real.

FESTIVAIS — De inauguração de melhoramentos, no campo do Grupo Desportivo dos Telefones, na Picheleira.

HALTEROFILISMO — Prova de encerramento, 1.ª jornada, no G. S. Carcavelos, ás 21 horas.

PATINAGEM — Festival do Benfica, no Pavilhão da Luz, ás 21 horas.

XADREZ — Taça «Prof. dr. Vítor Buescu», na sede do Sporting, ás 21 horas.

Acontecimentos DE ONTEM

TÉNIS DE MESA

Prosseguiu o Torneio Popular de Seniores, tendo-se efectuado, apenas, dois encontros, cujos resultados foram os seguintes:

F. Ciências-C. Económica 5-1
Palmeiras-Ac. 1.º Junho 3-5

O Económicos averbou uma vitória por f. c. do Cova da Moura. O comando da classificação continua a pertencer á Academia 1.º de Junho, que continua invicta.

Falcos
FILTROS
para viaturas italianas
ISQUEIROS 6/12v.
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
AUTO-LUSITANIA
AVENIDA DA LIBERDADE, 73-77
LISBOA

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

Ténis

Terminou o Torneio «Challenge Movierecord»

Nos «courts» do Clube Internacional de Futebol terminaram as provas do torneio de ténis «Challenge Movierecord Portuguesa»: Sagraram-se vencedores, em pares, Virgílio Coutinho e José Dias e, em singulares, Virgílio Coutinho.

Teve especial interesse o encontro de singulares entre José Dias e V. Coutinho, o qual terminou com o resultado de 6-4 e 7-5 a favor do ultimo.

O torneio de «Consolação» entre os vencidos na primeira eliminatória de singulares foi ganho por Rui Marcelino.

A cerimónia de distribuição de prémios realiza-se na próxima segunda-feira durante um jantar de convívio em Alfama, ao qual assistem, além de todos os participantes, o presidente da Federação Portuguesa de Ténis, elementos directivos da entidade organizadora e representantes da Imprensa desportiva.

OFERTA!... AGORA!...

Black & Decker

Berbequim D-500-S 10 m/m
Preço normal 510$00 AGORA 425$00
c/ conjunto de brocas incluído no preço

Berbequim D-400 6 m/m
Preço normal 430$00 AGORA 350$00
Acessórios adaptáveis para SERRAR—POLIR—LIXAR, etc.

Pedidos a ALFREDO ANTÓNIO MOREIRA, LDA.
OFERTA ATÉ 31 DE JULHO
Ferragens — Ferramentas — Utilidades
Rua Ferreira Borges, 16 — LISBOA-3
Telef. 662146 - 668656

CORTE O TALÃO E COLE-O NUM POSTAL

Queiram enviar-me pelo correio, à cobrança, sem mais despesa:
☐ Berbequim D-500-S 10 "/" 425$00
☐ Berbequim D-400 6 "/" 350$00
☐ Folheto explicativo GRÁTIS
Faça um sinal × no que interessar

NOME .....
MORADA DL-2

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

SÉRGIO PÁSCOA NA HORA DO PRIMEIRO EXAME

LEONEL MIRANDA EM DÚVIDA PARA A «VOLTA A PORTUGAL»

• «Não concordo com a presença de Agostinho na Volta à França»

Por saída de Manuel Graça, o ciclismo sportinguista **estreia** esta temporada um novo técnico: Sérgio Páscoa (31 anos), **«que anda a apalpar o terreno»** mas já tem algumas ideias próprias.

— Realmente, a posição desempenhada pelo Sporting no «Grande Prémio Philips» não estava dentro dos meus planos. Mas, quase à hora da partida, deixei de contar com Leonel Miranda, e tudo teve de ser alterado.

«Leonel Miranda anda doente do estômago. Queixa-se bastante de dores. Tem sido radiografado e, neste momento, não sei se posso contar com ele para a «Volta». Se estiver ausente é (sem dúvida) uma falta de muita monta.

Sérgio Páscoa apresenta, em seguida, a provável equipa do Sporting para a «Volta»:

— O campeão nacional Joaquim Agostinho (que será, á partida, o lógico «chefe-de-fila»), Firmino Bernardino, Emiliano Dionísio, Vítor Rocha, José Vieira, Manuel Luís, Leonel Miranda (se estiver em condições de sustentar o ritmo da corrida) e três rapazes novos, que, em princípio, serão Manuel da Silva, Manuel Mendes e João Curto.

«Um caso curioso: João Curto (natural de Sesimbra) é sobrinho de Emiliano Dionísio. Considero-o, sem dúvida alguma, um excelente ciclista, que poderá atingir o brilhantismo já na próxima «Volta».

Um francês com a camisola do Sporting?

E Sérgio Páscoa continua:

— Se Leonel Miranda não alinhar, penso que virá um corredor francês, da «Frimatic». De qualquer maneira, e mesmo com alguns rapazes inexperientes, a equipa do Sporting é de respeito: e vai jogar para os melhores lugares, disso ninguém pode duvidar...

Fala da sua posição de treinador:

— Nunca fui uma «vedeta» do ciclismo, mas sempre me esforcei por cumprir. Poderia correr durante mais uma ou duas épocas, mas o Sporting ofereceu-me o lugar de técnico, e eu quis experimentar. Assinei o contrato por uma temporada. No fim da época penso ir ao estrangeiro, frequentar um curso de ciclismo. Creio que isso seria muito útil: ao Sporting (se continuar aqui) e a mim próprio, já que quero fazer vida como técnico profissional.

Sérgio Páscoa diz-nos, em seguida, que em competições vulgares todos os componentes da equipa sportinguista trabalham para o mesmo bloco, reunindo os seus prémios e dividindo-os equitativamente.

— Só na «Volta» haverá uma percentagem-extra para os melhores classificados, como se impunha. — esclarece.

E o «responsável» pelo ciclismo «leonino» prossegue:

— Acentue que quero agradecer aos dirigentes do Sporting que me nomearam. Por nada deste mundo desejo que fiquem de mal com a sua consciência. É uma missão difícil: mas eu estou a cumpri-la com o maior entusiasmo, com toda a alegria de um estreante muito feliz.

— Apesar dos altos e baixos da equipa?

— Apesar de tudo. Porque neste «princípio de vida» eu não poderia exigir mais de nenhum ciclista, até porque estamos sempre a alinhar desfalcados, não é verdade?

«Mas, o que é «doping»?

Entra-se num capítulo muito dissecado: o «dopping». Sérgio Páscoa dá a sua opinião:

— Olhe: ou faz-se a sério um controlo do «dopping» ou entendo que é melhor acabarem-se com os «espantalhos», com as fantochadas».

Adianta:

— Em consciência, acho que tudo pode ser resolvido entre dirigentes e atletas, sem interferências estranhas e sem necessidade de passar-se o ano a meter medo aos corredores e, em troca, exigir-lhes o maior esforço.

Explica o seu ponto de vista:

— Fazem etapas com partidas no pino do calor, por estradas más, em pleno Verão. O corpo precisa reagir e daí, é natural, que alguns tomem vitaminas ou remédios que os podem ajudar a suportar as grandes tiradas. Em Portugal, até hoje, ainda não aconteceu nada de muito prejudicial a nenhum ciclista português. Logo, eu penso que tudo o que eles tomam é benéfico para a sua saúde. Mesmo porque, que me conste, ainda ninguém sabe, exactamente, o que deve ser tomado pelos ciclistas antes do esforço que são obrigados a despender e o que não pode ser ingerido, porque alguns médicos acham que isso pode prejudicar a saúde.

Rápido, Sérgio Páscoa afirma:

— Na minha carreira nunca tomei nada que me debilitasse. E cada homem sabe aquilo que o ajuda a vencer a fadiga: para uns, dá efeito o café; noutros, a cerveja é um estimulante... Ora isso é «dopping»?

«A defesa do atleta não está em criar um regulamento anti-«dopping». O principal, neste momento, é reverem-se as quilometragens das provas e abolirem-se as duas etapas no mesmo dia, que normalmente só beneficiam as bilheteiras das organizações.

Sobre Agostinho na «Volta á França», o técnico do Sporting é concludente:

— Em minha opinião, e dada a proximidade da «Volta a Portugal», ele não teria ido. Seis dias de diferença entre as duas provas não são o suficiente para repouso. E a nossa «estrela» pode ou não recuperar: o «Tour» provoca um desgaste espantoso e Joaquim Agostinho, como ciclista do Sporting, é imprescindível que se apresente em boas condições na «Volta a Portugal».

NEVES DE SOUSA

Sérgio Páscoa: o depoimento do mais jovem técnico do ciclismo português

HOJE À NOITE

ASSEMBLEIA — Do Sporting Clube de Braga, para votação das contas e eleição dos novos dirigentes, ás 21.

HÓQUEI EM PATINS — Campeonato de Lisboa da I Divisão: C. Ourique-Sintra, Oeiras Benfica, C. U. F.-Sporting, Parede-Cascais e Futebol Benfica-Salesiana, ás 21 e 15 (reserva) e ás 22 e 15 (honra), nos rinques dos primeiros.

Campeonato de Lisboa da II Divisão: Cimentos Tejo-Física, Algés-Belenenses, Sporting de Torres-Vila-franquense e Queluz-Académica da Amadora, ás 22, nos rinques dos primeiros.

REUNIÃO — Dos dirigentes do Belenenses com a Imprensa na secretaria, ás 18 e 30.

TÉNIS

Taça Geza Torök, no Clube de Ténis do Estoril, ás 21 e 30. Campeonato de Lisboa de Pares-Senhoras, nas mesas do Benfica e do Ávila, ás 21 e 30.

XADREZ — Campeonato de Lisboa de 3.ª categoria: Alekhine-Benfica e Associação dos Surdos-Sporting, ás 20 e 30, nas salas dos primeiros.

ASSIM VAI O TOTOBOLA...

Prognósticos dos Órgãos de Informação para o Concurso N.º 44 – 9.ª Época

Comércio de Portidão — 112 121 112 2211; Correio dos Açores — X12 12X 111 1X12; Correio do Vouga — 112 212 112 1111; Defesa de Espinho — X12 1XX 1X2 2X11; Diário da Manhã — 1X1 2X1 1X2 2X11; O Distrito de Setubal — 1X2 22X X12 11X1; Ecos de Cacia — 122 111 112 2211; Ecos do Desporto — X11 X1X 1X2 1111; Estrela da Manhã — 222 121 XX2 2111; Folha do Domingo — 12X 12X 112 1111; Jornal do Fundão — 1X2 1X1 221 2211; Jornal da Lixa — X12 121 112 2211; Linhas de Elvas — 1X2 112 1X2 2211; Mundo Desportivo — X21 2X2 X22 2X11; Notícias de Chaves — 212 X11 112 X211; Notícias de Felgueiras (SD) — X22 21X 1X2 2X11; Notícias de Felgueiras (Tot) — 122 2X1 X22 X1X1; Povo Algarvio — 222 X22 1X2 2211; Rádio Altitude — 112 211 1X2 2211; Rádio Sports — 121 212 112 1111; Renovação — 122 111 1X2 2111; República — 212 222 122 2211; O Templário — X21 112 112 2111; A Voz de Palmela — 122 121 2X2 221X; Peça Que Não Maça — X21 112 1X2 X111; Programa das Forças Armadas (RD) — 122 121 X12 X211; A Rabeca — 121 111 112 X111; Sporting — XET 1X1 X12 2X11; Terra Alta — 122 1X1 112 2X11; A Voz — 121 2XX 1X2 1111; Ideal Rádio — 12X 2X1 1X2 2111; Auto Rádio — 122 121 112 2211; Boletim Desportivo do R. P. — 122 111 122 2211; Cantinho Ricardo Lemos — 121 21X 1X2 2X11; O Comércio de Leixões (DTUP) — 121 111 1X2 2X11; O Comércio de Leixões (Desp.) — 12X 11X 112 2211; De Tudo Um Pouco — 212 X21 1X2 2X11; Às 10 Espere por Nós — 222 X12 X22 2111; Dos Fracos não Reza a Tistória — X2X 21X 2X2 X111; A Lição do Meu no Quim — 1X2 2X1 112 X111; Momento do Totobola — X22 222 222 2211; Notícias do Douro — 1X2 X11 1X2 2X11; Penalti — 122 111 112 1111; Prog. Electro Mecanico — 1X2 X21 122 2211; Prog. Sem Nome — 222 211 112 2111; Rádio Clube do Norte — 221 121 21X 2X11; Rádio Placard (ENR) — 222 11X 112 2211; Rádio Placard (RCP) — 222 111 112 2211; Rádio Placard (ROP de Lx.) — XX2 111 112 2211; Repórter do Dia — X22 121 112 X111; Repórter do Dia (Angola) — 12X 221 122 2211; Resenha Desportiva — 221 X1X 212 2111; Sorriso da Hora do Almoço — 1X1 111 212 1111; A Voz dos Ridículos — 221 222 122 2111; Norte Desportivo — XX2 111 X12 XX11, Jornal de Notícias — 122 221 122 221X; A Ordem — X11 211 1XX 22X1; Colina Sagrada — 2X2 1X1 2X2 2XX1; Vamos á Bruxa (Adesivo) — 121 X22 XX2 2111; Vamos á Bruxa (D. Conchita) — X21 222 122 2111; Diário de Coimbra — 121 121 112 2111; Diário do Minho — 1X2 121 112 2211; Emissora Oficial da Guiné Portuguesa — X22 1X1 1X2 X211 Eu Sei Tudo — 12X 121 122 2X11; Jornal do Barreiro — XX2 11X 212 X111; Bondiazinho — 1X2 2X1 112 21X2; Brado Africano — X22 1XX 122 221X; Cidade 70 — X22 111 122 21X1; Domingo Alegre — X12 111 122 2211; Passatempo — 112 X11 X22 21X2; Roteiro Sonoro 1X1 221 X12 11X2; Terceiro Programa — 2X2 111 X12 2122; Emissor Regional da Zambézia — X1X 111 1X2 X1X1; Litoral — 2X2 121 112 X111; Maria da Fonte (Desp.) — 121 221 112 1211; Maria da Fonte (VP) — 122 111 1X2 XX11; Notícias de Evora (VD) — X12 111 1X2 X11X; Notícias d'Évora (VJT) 1X2 1X1 X12 21X1; Notícias de Guimarães — 12X 112 1X2 211X; Voz do Casa Pia — 1X2 1X1 112 2X11; Diário de Lisboa — 1XX 222 122 2111; Diário de (Luanda) — 112 X12 1X2 X111; A Nossa Chave — X22 1XX 122 211X; Comércio — 121 2X2 112 X111; Angola Norte — 2X2 122 X12 221X; Apostolado — 212 1X1 1X2 2X11; Novidades — X12 121 2X2 2211.

RESUMO

CONCURSO N.º 44

N.º	JOGOS	1	X	2	BOLAS 1	X	2 (a)
1.	Vizela-Famalicão	45	25	17	6	4	2
2.	Braga-Guimarães	20	21	46	3	3	6
3.	Leça-Porto	20	9	56	3	1	8
4.	Leixões-Salgueiros	50	11	26	7	1	4
5.	Lamas-B. Mar	38	19	30	5	3	4
6.	T. Novas-Marinhense	54	15	18	8	2	2
7.	Tramagal-Peniche	63	14	10	9	2	1
8.	Sintrense-Atlético	39	29	19	5	4	3
9.	Oriental-Benfica	2	2	83	1	1	10
10.	Luso-Cuf	11	17	59	1	2	9
11.	Montijo-Barreirense	40	18	29	6	2	4
12.	Farense-Seixalense	76	10	1	10	1	1
13.	Portimonense-Seixal	75	7	5	10	1	1

E o prognóstico lógico será: 122 111 112 2111

(a) — Nos termos do Art.º 10.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

AVISO AO PÚBLICO

Dardo

Comunicamos a todos os nossos clientes e ao público em geral que as nossas lojas e as das nossas associadas abaixo indicadas, a exemplo do que praticaram o ano passado, **encerram às 2.as-feiras de manhã**, até 30 de Setembro

Continuamos assim a seguir a tradição dos grandes centros turísticos do mundo, **abrindo aos sábados durante todo o dia**, para maior facilidade e comodidade da clientela, sem privar o nosso pessoal de maior descanso durante o Verão.

●

Visite nas nossas lojas durante o mês de Junho a nossa espectacular feira de FRIGORÍFICOS.

●

DARDO — Avenida da Liberdade, 131 a 137
ULTRA-LAR — Praça de Londres, 7-A e 7-B
FAROL — Av. Almirante Reis, 124-B
DINÂMICA — Rua de S. Bento, 53 a 57
DISCOTECA POPULAR — R. 1.º de Maio, 146-A (St.º Amaro).
CASA MAX — Rua D. Estefânia, 193

A MÚSICA NOVA EM ROYAN (3)

Por JORGE PEIXINHO

Quarto dia do Festival. De manhã, um recital de órgão na igreja de Notre-Dame de Royan, a cargo do organista francês Xavier Darasse. A igreja do Notre-Dame, admirável exemplar de arquitectura contemporânea, dominando a cidade de Royan quase totalmente reconstruída, possui infelizmente uma acústica deficiente, plena de ressonâncias e de reverberações.

O recital principiou com a *Missa dos pobres* de Erik Satie, obra datada de 1895 e inacabada, que compreende dois trechos apenas: *Kyrie* e *Prière des orgues*. Trata-se de uma obra da primeira fase do compositor, caracterizada por um misticismo «sui generis», esotérico e arcaizante, que nada possui ainda da futura verve e do singularíssimo humor que celebrizaram as melhores produções de Satie, não se descortinando muito bem, por conseguinte, as razões que levaram o organista a incluí-la num festival de música contemporânea.

A 1.ª obra realmente nova neste concerto, *Récit*, do compositor belga Pierre Bartholomée (1937), revelou-nos uma personalidade muito particular, um gosto muito requintado pelo equilíbrio da forma e pela constituição de uma linguagem pessoal; quis-me parecer, no entanto, que *Récit* (muito longe de se situar entre o melhor da obra de Bartholomée), que se baseia sobre materiais originais do canto gregoriano, não conseguiu atingir uma região de expressão musical realmente inexplorada e se quedou, um pouco tímidamente, no limiar apenas dessa região.

Em seguida, Xavier Darasse apresentou uma transcrição para orgão, realizada por ele próprio, das *Variações op. 27* para piano de Webern. Explica-nos o próprio Darasse, nas notas do programa que «invejava os pianistas que podiam tocar a opus 27». Esta espécie de confissão, nostálgicamente ingénua, não era de forma alguma satisfatória. E o resultado foi que a bela peça webernlana resultou frouxa, mutilada nos seus principais valores, irrelevante; em benefício de não se sabe que ilusórios feitos tímbricos e espaciais, perdemos todo o seu rigor rítmico, a estrita proporção dos seus andamentos, o jogo admirável dos graus dinâmicos, finalmente os próprios volumes criados pelo jogo equilibradíssimo dos valores de duração.

Organum I, do próprio Xavier Darasse (1934), escrito especialmente, como nos diz o próprio autor, para o órgão e para a igreja de Royan, foi executada por Darasse com a colaboração de dois assistentes. Peça virtuosística explora hábilmente o jogo de volumes sonoros e de registos do órgão, mas não possui grande coesão nem uma estrutura interna de suficiente solidez.

Quanto a *Modulos V* de Luis de Pablo, trata-se de uma obra quase barroca nos seus contrastes profundos de luminosidade e de volume, mas, ao mesmo tempo, sem uma «face» verdadeiramente definida e original.

*

A noite teve lugar um dos melhores momentos do Festival: o concerto do Domaine Musical, sob a direcção de Michel Tabachnik. Este jovem chefe de orquestra suíço, discípulo de Boulez, revelou-se de maneira surpreendente, tanto pela sua extrema musicalidade, como pela segurança técnica sempre irrepreensível e pela inteligência interpretativa demonstrada ao longo das obras que dirigiu.

Abriu o concerto com a pequena obra-prima de Stravinsky *In Memoriam Dylan Thomas* para tenor, quatro trombones e quarteto de cordas, composta após a morte do grande poeta americano em 1953, isto é, no início da ultima fase da produção do compositor russo. *In Memoriam Dylan Thomas* é uma obra que concilia admirávelmente uma escrita vocal muito ornamental com uma escrita instrumental bastante depurada, numa linguagem directamente tributária da técnica serial post-weberniana. Essa austeridade não exclui, no entanto, uma força dramática envolvente e perturbante, rara na poética stravinskyana. Actuou como solista o tenor John Thomas, senhor de boa técnica vocal, sóbrio e muito eficiente.

Tivemos seguidamente uma curiosa obra do compositor francês Alain Blancquart (1934), violetista da Orquestra Nacional da O. R. T. F. e conhecido sobretudo como notável instrumentista: *Une et désunie* para dois trios de cordas, um dos quais afinado um quarto de tom acima. Uma obra admirávelmente bem escrita para os instrumentos, explorando todas as suas virtualidades expressivas e desvendando, com singular mestria, o universo microcromático sobre o qual se desenrolou e desenvolveu. Podemos dizer que *Une et désunie*, peça oriunda de uma via serial ortodoxa levada ás extremas consequências, nos revelou um compositor sóbrio, com um ofício seguríssimo e uma mestria na obtenção de climas sonoros bem singulares, a partir de meios extremamente limitados.

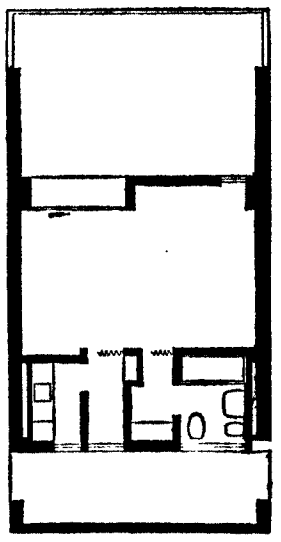
Fresque, de Michel Tabachnik (1942), revelou um compositor de grande solidez técnica, que compôs uma obra de inegável coesão interna e de belos resultados instrumentais, numa técnica derivada de uma linha serial, desenvolvida com uma força e um impulso criador deveras notável. A obra destina-se a duas harpas solistas (soberbamente executadas por Francis Pierre e por sua mulher Jacqueline) e três pequenas orquestras de câmara. A sua férrea organização interna é sempre consequência de um pensamento de base coerente e unificador.

A melhor peça do programa foi no entanto, na minha opinião, os *Contos del pozo artesiano* do espanhol Tomás Marco (1942), uma das maiores revelações da música europeia da novíssima geração. Obra extremamente original, concebida sobre um texto curiosíssimo de Eugenio de Vicente, revelando um humor acre, ora poético ora sombrio, com subtis referências ou alusões aos mitos e submitos da cultura espanhola, os *Contos* revelam-nos um compositor que soube encontrar uma via profundamente pessoal, realizando um equilíbrio perfeito entre os meios musicais e os valores expressivos ou a exprimir (musicais, cénicos, etc.) e atingindo, não já uma coexistência ou sobreposição desses valores, mas sim uma verdadeira síntese e integração. Mais do que uma «autobiografia» (cujos caracteres específicos não são nunca negados por T. Marco), é de uma verdadeira «psicossociologia» musical de experiências pessoais e de uma sociedade particular, amalgamadas numa unidade espaço-tempo, que trata, de forma lapidar, esta obra. Para o êxito que ela obteve contribuiram, de modo decisivo, além do regente Tabachnik, a esplêndida actriz Bulle Ogier e os solistas do Domaine Musical.

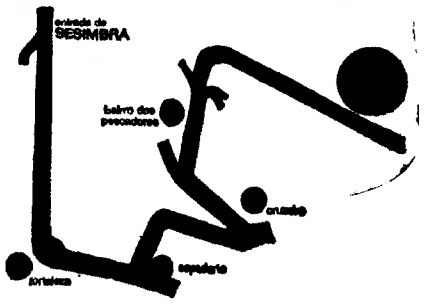
A ultima obra deste concerto impressionou também muito favoràvelmente. Trata-se de «*Cette étoile enseigne á s'incliner*» do compositor francês Gilbert Amy, concebida a partir de um título poético de Klee, e destinada a um conjunto instrumental, coro masculino e uma banda electroacustica. Partindo das ultimas obras de Amy, cuja ascendência boulezlana não levantava qualquer equívoco, desenvolveu-se uma via muito pessoal, na qual os elementos expressivos de uma particular «mitologia poética» (para citar uma expressão cara ao compositor) se foram pouco a pouco evidenciando. É a mais recente trajectória de Amy, na qual se inclui, curiosamente, a obra *Trajectoires* para violino e orquestra. Em «*Cette étoile enseigne á s'incliner...*» o rigor e um gosto sonoro muito requintado, valores típicos da musica de Amy, continuam subsistindo, mas a poética do compositor enriqueceu-se com um novo gesto quase expressionista de um inesperado vigor. Como reservas a pôr, apenas um certo maneirismo no tratamentto das vozes do coro e uma banda electroacustica pouco rica e quase irrelevante no contexto global.

BULLE OGIER

No final do 4.º dia, já de madrugada, teve lugar a actuação de uma companhia de teatro iraniano—o «Kargahe Mamayeche» (oficina de pesquisas tetrais)—apresentando uma curiosa peça do dramaturgo Abbas Naalbandian, com um título bastante insólito: «*Uma pesquisa nova, profunda e importante sobre os fósseis da 25.ª era geológica*». Realizando uma síntese dos elementos tradicionais da arte persa com os do teatro moderno mais arrojado, Naalbadian concebeu uma obra baseada nos valores existenciais de um grupo de personagens míticas e simbólicas. O encenador, Arby Ovanessian, realizou um belo espectáculo, fascinante cheio de rigor no plano cénico e valorizando sàbiamente as características e a função ritual latentes na obra.



os nossos APARTAMENTOS, equipados com "KITCHENETTE" e ar condicionado, dominam um dos mais belos panoramas do país



VISITE-NOS e veja os preços e condições excepcionais de amortização que lhe OFERECEMOS

REALTUR

EXPOSIÇÃO E VENDAS: no local e na Av. da Republica, 36 - lado B - 6º Dto - LISBOA 1

os exames do ensino técnico

ENSINO TÉCNICO PROFISSIONAL

Cursos de Formação Industrial

(Excepto formação feminina).

SOLUÇÃO

PORTUGUÊS
INTERPRETAÇÃO

1 — Não. «Mandavam-me para aquele degredo sòzinha, e eu tinha de me calar, a comer pão duro com o molho dos olhos que é o molho mais amargo que se pode comer. Nem vinagre, nem fel nem ervas do campo sabem pior do que as lágrimas choradas às escondidas... sem ninguém».

2 — *a)* Percebendo tudo, punha-se á sua beira, olhando-a de esguelha como se tivesse medo de a ofender. Logo que ela se sentava, lambia-lhe as mãos, punha-lhe as patas em cima do braço, que depois abocanhava, mal ela lhe fazia uma festa. E a pequenina pastora já sabia: estava a convidá-la para a brincadeira. E daí a pouco, a alegria voltava para ambos.

b) Com certeza. Tinha a intenção de ser um verdadeiro amigo tornando menos dura a solidão daquela criança de quem era companheiro.

3 — A tia Elvira, na sua simplicidade, atribui aos cães uma dimensão humana bem larga até acabando por concluir que *os cães têm alma.*

É verdade que os cães são fidelíssimos companheiros e a sua fidelidade, verdade de amor é bem expressa pela tia Elvira.

— Os olhos dum cão nunca enganam...

Eu estou de acordo com ela, quem pode negar fidelidade aos cães, devoção de amigo, a sua qualidade de verdadeiro companheiro do homem?

4 — Fiquei. Uma infância desprotegida, sem escola sem uma afectividade familiar durante um longo dia de solidão, uma alimentação deficiente. A solidariedade dos animais, a beleza calma dos montes serão — e são — carregadas de poesia, mas como a poderá receber, como um bem, uma criança à qual é negado o essencial a que a infância tem direito?

Este retrato da antiga pastora ficou aqui, repito, bem definido neste pequeno texto.

II
A PALAVRA

1 — Primeira frase — Conjunção subordinativa integrante.

Segunda frase — Pronome relativo.

2 — *a)* Perifrástica activa.

b) Convidava-me para a brincadeira.

c) Menor. Dava menos a impressão do decorrer do tempo naquele gesto de convidar.

3 — *a)* Não sei se não empregaria pois hoje ainda a palavra *degredo* não perdeu a sua força expressiva, embora subsista mais na linguagem popular das pessoas mais idosas.

b) Talvez *exílio, solidão.*

c) Justamente pelo que já apontei na alínea *a):* pela idade e condição de mulher do povo da Tia Elvira.

III
A FRASE

1 — *a) Assim que eu me sentava.* — Oração subordinada conjuncional temporal (ou subordinada adverbial conjuncional temporal).

«*Lambia-me as mãos* — oração principal ou oração subordinante da anterior.

b) eu — 1.ª oração
ele (o cão) — 2.ª oração.

2 — Complemento directo
Complemento indirecto.

3 — Ela disse que ninguém lhe tirava da cabeça que eles arranjavam maneiras de falar uns com os outros.

IV
REDACÇÃO
De resolução subjectiva.

Curso Geral do Comércio e de Formação Feminina

1.ª chamada

Francês

TEXTE

La dernière victoire

Jacques Villon, ancien champion de courses d'automobiles, n'est plus capable de conduire son auto à la même vitesse prodigieuse des autres concurrents. Les larmes aux yeux, il doit abandonner la course. C'est son fils, Jean-Pierre, qui le remplace.

La témérité de Jean-Pierre n'avait plus de bornes. Il roulait à présent è plus de deux cents à l'heure, laissant derrière lui les adversaires les plus redoutables. La course était pratiquement gagnée.

Tout à coup, à l'entrée de la longue ligne droite, l'auto zigzagua dangereusement, ralentit, essaya de repartir, zigzagua de nouveau... que se passait-il?

Jean-Pierre sauta sur le sol:

«Je ne peux plus continuer!» souffla-t-il.

Il tenait une main sur son oeil droit et une grimace de douleur tordait sa bouche:

«Une poussière dans l'oeil. J'ai resisté tant que j'ai pu. Mais à présent, je n'y vois plus!»

Il se tourne vers son père:

«Je regrette, mais il faut que tu prennes ma place».

6 . shrdll

Déjà le directeur poussait le vieux champion en avant:

«Alors, Villon, cria-t-il, qu'attendez-vou pour sauter dans la voiture?».

Jacques Villon ne se le fit pas dire deux fois. Sans casque et sans lunettes il bondit sur le siège. Il ne sentait plus la fatigue ni son âge...

Quand il termina, une demi-heure plus tard, il avait réussi à prendre encore un tour d'acance. Il retrouva les applaudissements, les ovations, le tour d'honneur avec des gerbes de fleurs sur le capot. Des larmes de joie coulaient sur ses joues: sa carrière s'achevait sur une victoire retentissante.

Le médecin qui s'occupa de Jean-Pierre ne réussit pas, cependant, à trouver dans son oeil la poussière qui avait obligé le conducteur à abandonner...

Certain que la course ne pouvait plus être perdue, Jean-Pierre avait simplement choisi ce prétexte pour procurer une dernière fois à son père, le vieux champion, les joies et les honneurs d'une grande victoire.

Serge Thomas.
Francs-Jeux. (Adapté).

Vocabulaire

Témerité — Courage, audace.
Bornes — Limite.
Grimace — Contorsion du visage.
Bondir — Sauter, se précipiter.
Capot — Couverture métallique du moteur d'une automobile.
Retentissante — Vibrante, éclatante.

I
Les idées

Attention! — Écrivez toujours des réponses complètes aux questions posées.

1 — Tel que son père, Jean-Pierre n'a pu continuer la course.

a) Quelle a été la cause apparente de cette impossibilité?

b) Qu'est-ce qu'il faissait pour montrer sa douleur?

2 — Jacques Villon reprend la place qu'il avait abandonnée, mais il hésite d'abord...

a) Comment le savez-vous?

b) Et puis, a-t-il changé d'attitude?

3 — Jacques Villon réussit; il obtient une fois de plus la victoire.

a) Comment le public s'est-il manifesté?

b) Quels sentiments a éprouvés le vieux champion en recevant ces honneurs?

4 — Vous, qui avez lu le texte attentivement, songez-y e répondez maintenant:

a) Comment expliquez-vous l'attitude de Jean-Pierre envers son père?

b) Qu'en pensez-vous, Justifiez votre réponse.

II
La composition

Une course d'automobiles est un spectacle qui attire toujours beaucoup de spectateurs.

Vous aussi, vous avez déjà assisté à un spectacle sportif: le football, une course d'autos, de bicyclettes, etc. Et si vous n'aimez pas les sports, vous avez certainement assisté à d'autres spectacles (dans votre école, par exemple) ou à des fêtes publiques dans une ville ou un village.

Décrivez, alors, *un* de ces spectacles.

Voilà quelques idées pour votre composition:

a) Où et quand vous avez assisté au spectacle que vous allez décrire.

b) Ce que vous avez *vu* et *entendu* avant, pendant et après le spectacle.

c) Les impressions qu'il vous a laissées.

III
Les problèmes du langage

1 — Répondez aux questions suivantes, en remplaçant les mots en caractères différents par les pronoms convenables:

a) Est-ce qu'*une grimace de douleur* tordait *sa bouche?*

b) Jacques Villon a-t-il reçu *des fleurs?*

2 — Mettez les verbes entre parenthèses à la forme convenable:

a) Quand il (avoir) une auto, il fera une course.

b) S'il (recevoir) des applaudissements, il sera tout joyeux.

3 — Répondez aux questions suivantes:

a) «J'ai resisté tant que j'ai pu. Mais à présent, je n'y vois plus!».

— Qu'est-ce que Jean-Pierre a dit?

Il a dit que...

b) «Je regrette, mais il faut que tu prennes ma place».

— Qu'est-ce que Jean-Pierre a dit à son père?

IV
La correspondance commerciale

Après sa dernière victoire, Jacques Villon a abandonné les courses d'autos et il est devenu homme d'affaires. Il est marchand d'automobiles. Il annonce, dans une circulaire, l'ouverture de la maison Villon & C.ª, 80, Boulevard Saint-Germain, Paris-VI.º. Il y vend des voitures neuves, depuis la plus puissante et confortable jusqu'à la plus économique, et des voitures d'occasion, de toutes marques, qui ont été revues et mises au point dans ses ateliers. Il indique le mode de paiement et invite les clients à visiter son exposition d'autos.

Rédigez cette circulaire.

SOLUÇÃO

I
Les idées

1 — *a)* Ce fut un grain de poussière dans son oeil.

b) Il tenait une main sur son oeil droit et laissait voir dans sa bouche une grimace de douleur.

2 — *a)* Par le cri du directeur, lorsqu'il dit «qu'attendez-vous»?

b) Qui, il a santé dans la voiture pour remplacer son fils.

3 — *a)* Il s'est manifesté par des applaudissements, des ovations et aussi par les gerbes de fleurs sur le capot de la voiture.

b) Il était très heureux: il a même laissé couler des larmes de joie.

4 — *a)* Il a voulu une dernière fois lui procurer les joies et les honneurs de la victoire.

b) Je pense qu'il a très bien agi, en montrant qu'il n'était pas égoïste et qu'il aimait bien son père.

II
La Composition
Une fête dans un village d'Afrique

On dit souvent: «La nuit, toute l'Afrique danse».

J'ai voulu assistir à une de ces fêtes où les noirs se livrent au plaisir de faire la musique ou, simplement, du bruit. Cette fois-ci, il s'agissait de la fête des semailles.

On écoutait déjà le son lointain du tam-tam qui rythmait la danse.

Après, viennent les danseurs avec leurs instruments, quelques uns très drôles, tels que les trompes faites avec des défenses d'éléphants. Les sons sortent parfois discordants mais le peuple est joyeux et il perce des cris.

Un cercle s'est formé. Au milieu se placent les matrones qui battent les mains en cadence et qui chantent des louanges à la terre, pour lui demander de bonnes récoltes.

Autour d'elles, pironettent les hommens, parfois déguisés, le visage couvert d'un masque.

On devine le sorcier et on sent une sorte de frisson.

Les corps ondulent. On ne comprend pas la mélopée, mais on sent par le mouvement et par la sueur qui coule que quelque chose de très serieux vient de se passer.

Le clair de lune aidera à fixer dans notre mémoire ce spectacle inoubliable, cette nuit de rêve, cette nuit des tropiques...

III
Les problèmes du langage

1 — *a)* Est-ce qu'*elle* le tordait?

b) Jacques Villon *eu a-t-il* reçues?

2 — *a)* Quand il aura une auto, il fera une course.

b) S'il reçoit des applaudissements, il sera heureux.

3 — *a)* Il a dit qu'il avait résisté tant qu'il avait pu. Mais, à ce moment-là, il n'y vouyait plus.

b) Jean-Pierre a dit à son père qu'il regrettait, mais qu'il lui fallait prendre sa place.

IV
La correspondance commerciale

Paris, le 1 Juillet 1970
Monsieur:

Ainsi que vous l'annonce la circulaire ci-contre, j'ai le plaisir de vous dire que nous avons pris sur nous l'ouverture de la maison

VILLON & C.ie

située au 80, Boulevard Saint-Germain, Paris VI.e, consacrée à la vente en commission de voitures neuves de toute sorte, depuis la plus puissante et confortable jusqu'à la plus économique et des voitures d'occasion de toutes marques, revues et mises au point dans nos ateliers.

Vous pouvez donc y choisir la vôtre à des prix exceptionnellement favorables qui vous permettent la possibilité d'un choix rapide.

Dans l'attente de votre visite à notre exposition, veuillez, Monsieur, avec nos offres de vous servir, nos respectueuses civilités.

Jacques Villon

CURSOS DE FÉRIAS
cial CENTRO DE LINGUAS — RUSSO, INGLES, ALEMÃO
AVENIDA DA REPÚBLICA, 14 — TELEFONE 533733

CRISFAL
3.º CICLO — INSTITUTOS
AVENIDA DA REPÚBLICA, 83 — TELEFONE 779047

CEPELT
2.º CICLO DO LICEU
RUA D. ESTEFANIA, 48 — TELEFONE 42959

EXTERNATO TÉCNICO PITÁGORAS
Rua Conde de Redondo, 56, 1.º-Esq.º — Telef. 536380
ADM. INSTITUTOS — SECÇÃO PREPARATÓRIA
CURSOS DE VERÃO PARA ADMISSÃO INSTITUTOS

LICEU — INSTITUTOS
CICLO PREPARATÓRIO
ESCOLA SÃO VICENTE:
Rua do Paraíso, 28 — Telef. 805904
EXTERNATO MARQUES DE POMBAL:
Rua Edith Cavell, 8 (ao Chile) — Telef. 820221
EXTERNATO ÁLVARES CABRAL:
Av. Grão Vasco, 1 (fte. à Igreja de Benfica) — Tel. 706974
CURSOS DE FÉRIAS
Julho, Agosto e Setembro

Sá de Miranda
PRIMÁRIO ★ PREPARATÓRIO ★ LICEAL
Rua Alexandre Braga, 17 (à Estefânia)
Telef.: Secret. 45310 — Direcção 537532

os exames do ensino técnico

ENSINO TÉCNICO PROFISSIONAL

Cursos de Formação Comercial

1.ª chamada

Ponto de Inglês

The manager waved his hand towards the chair on the other side of the desk and told Henry to sit down. «*I'm waiting for a long distance call*» he explained. The telephone rang as he spoke. He picked up the receiver and for some minutes he spoke quickly and impatiently into the telephone. When at last the manager had dinished, a secretary came in with a pile of letters. «*I really won't keep you waiting much longer*» the manager said as he began to read the first letter.

About half an hour later he rang the bell for his secretary to take the letters away. Then he took off his glasses and rubbed his eyes. «Now let me see», he said, «You have come about our advertisement for a clerk in the account secton, haven't you?» Henry nodded. His interview had begun.

A) Prove you have understood what you have read by answering the following questions. Write complete answers.

1) What did the manager tell Henry to do?"

2) Why didn't the interview begin at once?

3) For how long did the manager speak?

4) Who brought in the letters?

5) Whom did the manager keep wainting?

B) The following is half the interview between the manager and Henry. Can you write down what the manager might have asked him?

1) Manager:

Henry: My name is Henry Brown.

2) Manager:

Henry: I am 18 years old.

3) Manager:

Henry: Yes, sir, I do. I speak and write French.

4) Manager:

Henry: I live in London.

C) Henry had to wait for a long time at the office. As he was sitting near a window he could see the street. Write down four sentences describing what he saw.

D) After the interview Henry told a friend of his what had happened at the office. Based on the sentences in italics in the text, complete Henry's words.

1) «The manager said that...».

2) «Two minutes later he said that...».

E) Put the correct form of the verbs in these sentences:

1) Every morning Henry (read) the advertisement section of the newspaper for a new job while he is having breakfast.

2) The manager (talk) to you tomorrow.

3) They (have) an interview right now.

F) Complete the following sentences using your own words. The sentences must be related to the text.

1) The manager was talking to Henry when...

2) The manager was tired of reading the letters so...

3) Henry was so nervous that he could say nothing, he only...

4) It was only thirty-two minutes after Henry coming into the office that the interview...

II

After the interview the manager decided to engage Henry as a book-keeper but first he wrote to J. Walker & C.º (43, High Street, Plymouth) asking for some references about his character and for what reason he had left the job.

Will you write this letter? Don't forget to include all the essential parts of a business letter and to mention that the subject is confidential. Finish the letter as it is usual but don't sign it, the manager himself will do it later.

SOLUÇÃO

A) 1 — He told him to sit down.

2 — The interview didn't begin at once because the telephone rang as the manager spoke.

3 — He spoke for some minutes.

4 — A secretary did.

5 — He kept Henry waiting.

B) 1 — Manager: What's your name?

2 — Manager: How old are you?

3 — Manager: Do you speak any foreign language? or Do you speak French?

4 — Manager: Where do you live?

C) Possible answers:

1 — He saw a child looking at a shop-window.

2 — He saw an old woman carrying a cat in her arms.

3 — He saw a gentleman smoking a cigar.

4 — He saw a policeman helping an old man across the street.

D) 1 — The manager said that he was waiting for a long distance call.

2 — Two minutes later he said that he wouldn't really keep him waiting much longer.

E) 1 — Every morning Henry *reads* the newspaper for a new job while he is having breakfast.

2 — The manager will talk to you tomorrow.

3 — They are having (or they had) an interview right now.

F) 1—...the telephone rang.

2 — ...he rang the bell for his secretary to take them away.

3 — ...nodded.

4 — ...began.

III

2nd July, 1970

Messrs. J. Walker & C.º,
43, High Street,
Plymouth.

Dear Sirs,

Mr. Henry Brown has applied for the post of book-keeper vacant on our staff at this moment and I should be very much obliged if you would send me accurate information respecting this gentleman.

I am especially interested in knowing the reason why he left his last job and in obtaining particulars about his character and ability.

Needless to say that your kind information will be treated in strict confidence.

Thanking you in anticipation and assuring you that I shall be pleased at any time to render you a similar service,

I remain,
Yours faithfully,

Cursos de Formação Industrial
(De índole mecânica)

Matemática — B

I

Calcule o valor numérico da expressão:

$$\frac{a-b^2}{b}+a \quad \text{para} \quad \begin{cases} a=2 \\ b=-\frac{1}{2} \end{cases}$$

II

Decomponha em factores a seguinte expressão:

$$2a\,(x+y)-a\,(x+y)$$

III

Efectue as seguintes operações e simplifique o resultado:

$$\frac{1-\frac{1}{x^2}}{1-\frac{1}{x}}$$

IV

Resolva as seguintes equações em ordem a x.

A)

$$\frac{2}{x}-\frac{x+1}{4x}=\frac{1}{2}$$

B)

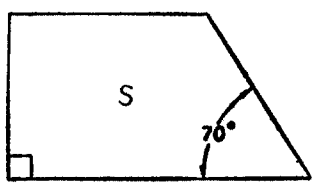
$$m=r\,(1-\frac{1}{x})$$

V

Escreva a expressão que dá a área S deste trapézio rectângulo, em função da base maior B, atendendo a que:

A base menor mede $\frac{3}{4}$ da base maior.

A figura leva a indicação de um ângulo.



Observação: Se empregar qualquer razão trigonométrica, é escusado substituir esta razão pelo seu valor.

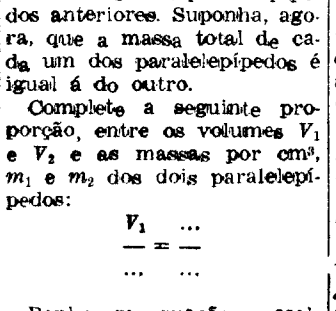
VI

Observe atentamente a figura, em que:

$\overline{AB}$ é paralelo a $\overline{CD}$.

Os ângulos rectos estão marcados com o sinal ⌐

As cotas estão expressas em milímetros.



Calcule a cota y marcada no desenho.

VII

Um paralelepípedo rectângulo de arestas a, b, c tem um volume $V_1=10$ cm³.

A) calcule o volume V_2 de outro paralelepípedo rectângulo cujas arestas, em relação ás do primeiro, são $2a$, $3b$, $4c$.

B) Se pensa que o problema anterior é de proporcionalidade, escreva, no seu ponto, a seguinte afirmação devidamente completada: «Os volumes de paralelepípedos rectângulos são... proporcionais... arestas».

C) Designe por m_1 e m_2 as massas por centímetro cúbico dos dois paralelepípedos anteriores. Suponha, agora, que a massa total de cada um dos paralelepípedos é igual á do outro.

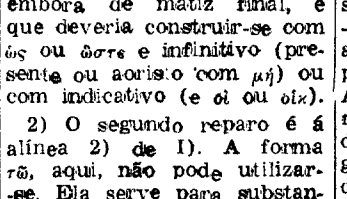
Complete a seguinte proporção, entre os volumes V_1 e V_2 e as massas por cm³, m_1 e m_2 dos dois paralelepípedos:

$$\frac{V_1}{\ldots}=\frac{\ldots}{\ldots}$$

Ponha em equação e resolva o seguinte problema:

VIII

Ao trabalhar uma peça, perdemos 8 % do seu comprimento primitivo. Qual deve ser este, para que a peça venha a ficar com 460 mm de comprimento, depois de trabalhada?



exames para amanhã

ENSINO TÉCNICO

1.ª chamada
(4 DE JULHO — SÁBADO)

Curso de Formação Comercial
Cálculo Comercial — 10 horas

Dois reparos à solução do ponto escrito de Grego

Do nosso leitor sr. Adriano Nunes de Almeida, de Coimbra, recebemos a seguinte carta:

Com os meus respeitosos cumprimentos, permita-me V. dois reparos á solução do ponto escrito de Grego, publicada nesse jornal em 23 de Junho corrente.

1) A primeira diz respeito á retroversão. Em rigor, a oração subordinada põe em relevo, até pela forma, o valor consecutivo (e não o integrante — revelado na solução com «ἐπιμέλεῖται» e «ὅπως».) Do que se trata é de uma oração consecutiva, embora de matiz final, e que deveria construir-se com ὡς ou ὥστε e infinitivo (presente ou aoristo com μή) ou com indicativo (e οἱ ou οἷς).

2) O segundo reparo é á alínea 2) de I). A forma τῶ, aqui, não pode utilizar-se. Ela serve para substantivar o particípio, o qual, nesse passo, não pode ter valor substantivo, *mas simplesmente adjectivo* (de um verbo), a concordar com o dativo «κωμῇ».

Queira V. desculpar a liberdade que tive de chamar a atenção desse jornal para o facto que afecta o publico, sobretudo o publico estudantil interessado, e desculpar-me também o tempo que lhe roubei.»

Em resposta á carta acima transcrita a pessoa que elaborou a solução do ponto informou o seguinte:

«V. tem razão ao reparar que, na grafia de ὅπως não está presente nem o espírito nem o acento, facto que imputamos ou á precipitação com que o ponto teve de ser resolvido ou a sinalização pouco visível e, por isso mesmo, não captada na reprodução fotográfica.

Pelo facto apresentamos as nossas desculpas.

Quanto aos outros reparos, mais graves, sem duvida, permitimo-nos discordar de V.

1) Sobre a retroversão:

A redacção da frase portuguesa, de certo modo ambígua, presta-se, de facto, ás hipóteses de *consequência* e de *finalidade*, mas só aparentemente. Se a submetermos a uma análise mais profunda e, sobretudo, se nos libertarmos da visão rígida e estreita do puramente formal, para, em vez dela, reconhecermos que cada língua tem a sua índole própria (e graças a Deus porque isso só significa riqueza humana) e que, por isso, em exercícios deste teor, se torna necessário *pensar em português* quando se trata de língua portuguesa e *pensar em grego* se se trata de língua grega, para não escravizer uma língua á outra, temos de aceitar que está certa a construção utilizada na solução do ponto. Na verdade, a oração subordinada indica o *objecto* sobre que recai a vigilancia do cão.

2) Sobre o segundo reparo devemos igualmente esclarecer que está correcto o emprego do artigo a acompanhar o particípio: a proposição relativa é substituível pelo *particípio precedido de artigo*, tal como aparece na solução do ponto. Consulte-se, para efeito, o § 269 — a) da «Grammaire Grecque» pág. 203, de Jean Allard. Aliás, desnecessário se torna recorrer a esta autoridade, pois no próprio texto grego do ponto se encontra documentada esta construção: *... τοῖς ... παρεχούσαις.*

Antes de terminar, e em prol da precisão gramatical, ousamos fazer o reparo de que, na citada carta de V., se nota um pequeno desvio de concordancia sintáctica: no início da carta, V. escreve: «... permita-me V. dois reparos...», mas logo a seguir, ao discriminá-los, continua: «1) A primeira...» Ora, parece-nos que, em vez desta forma, se deveria usar: «O primeiro...».

Eis o que, de momento, se nos oferece dizer sobre o assunto.»

«Festa do Mar» em Cascais

Com uma regata de «dusitos» e «snipes» inicia-se, amanhã, ás 14 horas, em frente da praia da Ribeira, a tradicional «Festa do Mar», em Cascais. O programa estende-se até ao dia 12.

Amanhã, á noite, haverá arraial e baile, exibindo-se a Marcha de Alfama. O programa de domingo é o seguinte: ás 11, missa na igreja dos Navegantes; ás 14 e 30, procissão; ás 16 e 30, embarque do Presidente da Republica; ás 17, início do cortejo marítimo; ás 20, jantar a bordo dos arrastões a convite dos mestres e, ás 22, fogo-de-artifício, arraial e baile.

Durante toda a próxima semana haverá, com início ás 22 horas, arraial, com exibição de diversas marchas populares lisboetas.

ODETE MENDES: FADOS NA TV

Começam a ser mais frequentes as rubricas de fados apresentadas pela Radiotelevisão Portuguesa. Os artistas populares seleccionam o repertório que interpretarão frente ás camaras. Odete Mendes foi indigitada para gravação de um programa no próximo dia 10. Entre vários poemas, interpretará um de que é autora a actriz Maria do Céu Guerra, «Lamentos» é o título.

ODETE MENDES

LISBOA DIA E NOITE

MADELINE BELL (A «HIPPY» DA CANÇÃO) —NO FESTIVAL DA FIGUEIRA

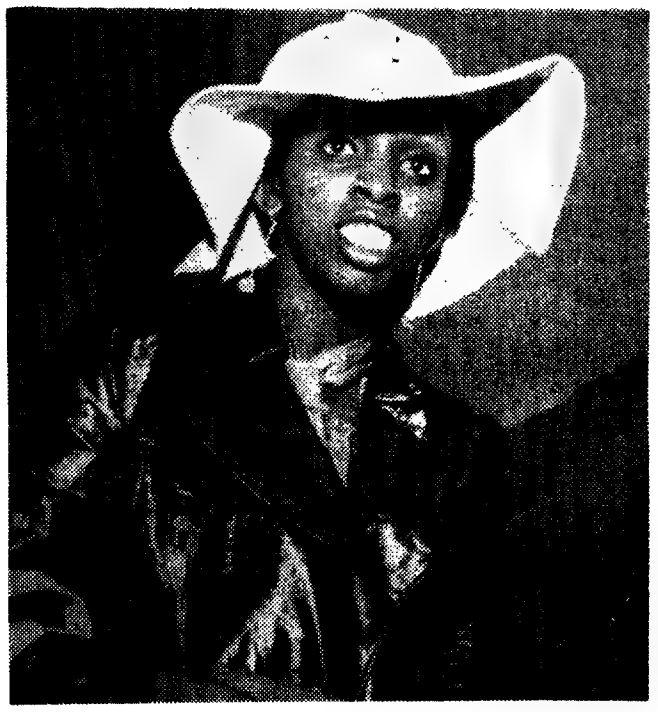
Encerrada a recepção de composições candidatas ao décimo «Festival da Canção Portuguesa» (que vai desenrolar-se na Figueira da Foz, a 18 e 19 do corrente) começa a delinear-se o programa de variedades que a Comissão Municipal de Turismo apresenta no Grande Casino Peninsular, no decorrer desse Festival.

Assim, pode já anunciar-se que actuam na Figueira da Foz a famosa cançonetista norte-americana Madeline Bell, o intérprete inglês Bobby Hanna, «Los Cinco Musicales», Antónia Tonicha e o conjunto de guitarras de Raul Nery.

Bobby Hanna estove presente em Knokke (na Bélgica) no Festival de canções ali organizado, onde interpretou a melodia inglesa que triunfou no ano passado. «Los Cinco Musicales» foram atracção principal no recente certame musical de Benidorm. Madeline Bell (nascida em New Jersey, a 23 de Julho de 1942) é um dos nomes mais famosos dos palcos internacionais da canção e, ainda recentemente, no Festival do Rio de Janeiro, teve apresentação como «vedeta extra» de um programa de «estrelas».

Madeline começou a carreira cantando hinos Gospel. Aos 18 anos ingressou no «Alex Bradford Singers» com o qual participou no filme «Black Nativity». Acompanhou o conjunto numa digressão de muitos meses por Filadélfia, Washington, Chicago e Nova York. Depois, partiu para a Europa, acabando por se radicar em Londres.

Cantou ao lado de Manfred Mann, Lulu, Joe Cocker e The Small Faces, numa «tournée» que durou dois anos. Em seguida tornou-se vocalista feminina dos Rolling Stones, passando (no ano transacto) a actuar «solta», logo criando êxitos como «I'm gonn a make you love me» (de Jerry Ross e Kenny Gamble). Madeline Bell, que também pertenceu aos «Blue Minh» (grupo famoso através da interpretação de «Good morning») apresenta-se pela primeira vez em palcos ibéricos. Apontada como *«a mais aplaudida cançonetista «hippy» dos Estados Unidos»*, veste exóticamente (na base da transparência audaciosa ou dos grandes blusões de couro). O cabelo é penteado como lhe apraz, pois viaja com uma colecção de perucas que selecciona consoante o ambiente em que vai aparecer.



MADELINE BELL

7.ª COLECÇÃO

LISBOA DIA E NOITE

Boletim do dia 3 de Julho de 1970

* aceite o nosso CONVITE *

TERMINA HOJE O PRAZO PARA RECEPÇÃO DA SEXTA COLECÇÃO DE CUPÕES DO NOSSO CONCURSO

Termina hoje o prazo para a recepção da sexta colecção de cupões do nosso concurso, em que estão a participar milhares de leitores de todos os pontos do País. O sorteio referente a esta colecção realiza-se na próxima segunda-feira e irá proporcionar a mais de três dezenas de concorrentes algumas horas agradáveis nos melhores restaurantes típicos e «boîtes» de Lisboa, Sintra e Costa do Sol.

Os premiados (e respectivos acompanhantes) poderão jantar, ouvir o fado e divertir-se num destes estabelecimentos: Adaggio, Adega Machado, Arabita de Alfama, Archote Club, Baiuca, Bonapart Bar, Casino Estoril, Folclore, Forte Velho, Galeria Real, Hippopotamo, Kaverna, Lar Português, Lord, Maxime, Márcia Condessa, Mil e Um, O Forcado, Parreirinha de Alfama, Pop-Fado, Solar da Madragoa, Snob, Tágide, Taverna do Embuçado, Timpanas, Terraço das Estrelas, Fragata Real, Severa, Guitarra da Madragoa, Solar do Minho e Sanzala.

Aceite o nosso convite e divirta-se também sem gastar dinheiro.

O FADO EM LISBOA: RESTAURANTES TÍPICOS

ADEGA MACHADO

cantam: Esmeralda Amoedo, Ivete Pessoa, Tina Ferreira, Nazaré Maria, João Queirós, José Vilela e o «Trio Melodia». Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Tocam: Jorge Fontes e Américo Silva * Cons. mínimo 60$00 * Rua do Norte, 91 * Telefs. 30095-328713 * Encerra á segunda-feira.

O ARABITA DE ALFAMA

cantam: Berta Cardoso, Julieta Reis, Celeste Maria, José Teixeira e Julio Vieitas. Tocam: José Luís Nobre e Costa e Amadeu Ramos * Cons. mín. 40$00 * Rua da Adiça 19 * Telef. 86345

O FORCADO

cantam: António Rocha, Isabel de Oliveira, Vicência Lima, Miguel Silva e João Sobreira. Tocam: Acácio Gomes e Miguel Silva * Cons. mín. 40$00 * Rua da Rosa, 219 * Telef. 368579.

A KAVERNA

cantam: «Os 3 de Portugal», Beatriz da Conceição, Filipe Duarte, Tina Santos e Zélia Lopes. Tocam: Armandino Maia e José Maria Carvalho * Cons. mín. 90$00 * Travessa dos Fiéis de Deus, 37 * Telef. 35593

LAR PORTUGUÊS

cantam: José Borges, Cecília de Jesus, Armando Miranda, Selma Fernandes. Folclore pelo Conjunto Típico do «Lar Português». Tocam: António Bessa e Fernando Reis * Cons. mín. 50$00 * Rua da Barroca, 133 * Telfs. 369760 e 30532 * Encerra ás Terças-feiras.

SOLAR DA MADRAGOA

cantam: César Morgado, Maria Amália Proença, Maria de Lourdes e Laurindo Gonçalves. Tocam: Sales Correia e Agostinho Dias * Cons. mín. 30$00 * Rua das Trinas, 67 * Telef. 669857 * Encerra ao domingo

MIL E UM

cantam: Moisés Campelos, Maria Eva, Adriano Franco, Rosa de Jesus, José Barros, Maria de Fátima e Henrique Manuel. Tocam: António Valentim e Joaquim Pinto * Cons. mín. 40$00 * Travessa da Espera, 8 * Telefone 35464 * Encerra ás 5 da madrugada

TIMPANAS

cantam: Trio Odemira, Alcindo de Carvalho, Luís Braga, Benvindo Cruz. Tocam: Armando Ferreira e Torquato Lopes * Cons. mín. 61$50 (taxas incl.) * Rua Gilberto Rola, 24 * Telefs 676655-67341

SOLAR DO MINHO

cantam: Eduarda Maria, Natália dos Anjos, Tucha Mascarenhas, Rossana Lima, João Nunes, e Artur dos Santos. Tocam: Hermenegildo Lopes e José Meneses * Rua do Vigário, 60 * Telef. 866811.

VIELA

cantam: Sérgio, Beatriz Ferreira, Alfredo Duarte Junior * Tocam: Domingos Camarinha e Joaquim do Vale * Cons. mín. 50$00 * Rua das Taipas, 14 * Telef. 327256

TAVERNA DO EMBUÇADO

cantam: Teresa Silva Carvalho, Ana Rosmaninho, Vicente da Câmara, João Ferreira Rosa e João Braga. Tocam: Fontes Rocha, Carlos Gonçalves e Pedro Leal * Cons mín 90$00 * Beco dos Cortumes 10 * Telef 860816

PARREIRINHA DE ALFAMA

cantam: Maria da Fé, Argentina Santos, Julio Peres, Lina Maria Alves, Natalino Duarte, Flora Pereira e Susana da Conceição. Tocam: António Proença e Miguel Ramos * Cons. mín. 40$00 * Beco do Espírito Santo 1 * Telef 868209

GUITARRA DA MADRAGOA

cantam: Alice Maya, Carlos Zel, e Emílio dos Santos. Tocam: António Parreiro e José Inácio * Rua da Esperança, 174 * Telef. 661915 * Cons. mín 50$00.

MARCIA CONDESSA

cantam: Teresa Nunes, Norberto Martinho, Fernando Manuel e António Reis. Artistas convidados: Beatriz Fragoso e Julieta Maria. Tocam: Alberto Vilar e António Pessoa * P. da Alegria, 58 * Telef. 367093 * Encerra á segunda-feira.

FRAGATA REAL

cantam: Celeste Rodrigues, Mariano Silva, Maria José Ramos, Fernando Maurício. Tocam: João Alberto e Manuel Martins * Cons. mín. 50$00 * Travessa de S. Miguel, 22 * Alfama * Telefone 868552

FOLCLORE

elenco: Arminda Vidal, Fernando Guerra, Julieta Brigue, Lídia Ribeiro, Marina Rosa, Américo Lima, António Chainho, Fernando Ribeiro, José Maria Nóbrega e «Os 3 de Portugal». Corpo de baile dirigido por António Gonçalves

TODOS OS RESTAURANTES TÍPICOS ENCERRAM AS 3.30 HORAS DA MADRUGADA

*** Cons mín 120$00 * Taxas incluídas * Rua Nova da Trindade, 22-A * Telefs 35007-323406 * Encerra ao domingo**

LUSO

cantam: Augusta Ermida, Fernando Pinto, Tristão da Silva, Plínio Sérgio, Glória e Vítor Duarte. Tocam: Pedro Teixeira Cabral e Fernando Alvim. Conjunto folclórico dirigido por António Cunha * Travessa da Queimada, 10 * Telfs. 328503-322889

FLOR DE LIZ

Bar Fado «vadio» ás sextas-feiras, depois das 22 h * Cons. mín. 20$00 * Rua da Atalaia 18 (Bairro Alto) * Tel. 367136.

A SEVERA

cantam: Florinda Maria Candida Ramos, Maria Amorim, Maria Portugal, Manuel Fernandes, António Pires e José Amaro. Tocam: Carvalhinho e Pais da Silva e ainda o conjunto «Aguarelas de Portugal» * Cons. mín 50$00 * Rua das Gáveas, 57 * Telef. 34006 * Encerra á quinta-feira.

RESTAURANTES, BARES — «BOÎTES» E «DANCINGS»

ADAGGIO

Carlos Portugal no seu novo repertório e Discos recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil * Rua Carlos Reis, 51-A * Telef 775695.

CASINO DO ESTORIL

Jogo autorizado * Variedades internacionais * Telefs.: 260729-260730-260731-263221-262363

FORTE VELHO

Paço * S. João do Estoril * Telef. 261337

HIPOPPÓTAMO

Av. Ant.º Augusto de Aguiar, 3-A Telef. 48384 — Mário Simões e o seu conjunto. Encerrado aos domingos.

POP-FADO

R. Ferreira Lapa, 38-D * T. 561949

MAXIME

Conjunto 6 * Reacção e Maximiliano * «Show» turístico * Variedades internacionais * Praça da Alegria, 58 * Telef. 55366.

ARCHOTE-CLUB

Discos * Rua D. Filipa de Vilhena.

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto Manuel Viegas * Avenida Duque de Loulé, 73 * Telef 530171.

ENCERRAM AS 5 HORAS DA MADRUGADA

BONAPART CLUBE

Música de discos * R. de S. Miguel, 70 (Alfama) * Tel. 872761 6-D * Telef. 49960

TAGIDE

Conjuntos José Pedro e «Os Duques * Variedades com José Manuel, Maria José Valério, Alice Maya e conjunto de folclore «Belezas de Portugal» * Largo da Biblioteca, 18-22 * Aberto ao domingo.

SNOB

Rua de «O Século», 178 * Telef. 33723.

TAMILA

Mourão e s/ Conjunto Avenida Duque de Loulé, 69 — Telef. 534117 * Matinnées todos os dias * Encerra aos domingos.

SANZALA

Av. Marechal Carmona, 2 * Campo Grande * Telef. 790177 * Encerra ás 3,30.

BAIÚCA

R. da Barroca, 86 * Telef. 34700

LORD

Rua Victor Cordon, 14-A * Telef. * 323098.

GALERIA REAL

Estrada de São Pedro * SINTRA * Telef. 981661.
Encerra á meia-noite.

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — Às 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: «Nós, as mulheres»; 20 e 15: Cartaz TV; 20 e 30: Concerto; 21: Cinema sem estrelas; 21 e 30: Telejornal; 22: Yô-Yô; 23 e 30: Resumo filmado da etapa do dia da Volta á França em Bicicleta; 23 e 45: Marcha do Mundo e Fecho

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22: Noite de Cinema — «A Dama Desconhecida»; 23 e 30: Fecho

SIEMENS ESTORIL

AMANHÃ — I Programa — Às 12 e 46: Desenhos animados; 13: O caso da semana; 13 e 15: «Uma mãe para Eddie»; 13 e 45: Telejornal; 14: Dó, lá «i»; 14 e 25: Decoração; 14 e 50: «Daktari»; 15 e 45: TV Educativa; 16 e 10: «Skyppy»; 16 e 35: Automobilismo (XVII Circuito Internacional de Vila Real. Transmissão directa de parte da corrida do Grupo 1); 17 e 05: Teledesporto; 17 e 20: TV Infantil; 17 e 50: Automobilismo (Circuito de Vila Real); 18 e 10: Desenhos animados; 18 e 20: Automobilismo (Circuito de Vila Real); 18 e 45: Discorama; 19 e 15: E a vida continua; 19 e 30: Telejornal; 19 e 40: Automobilismo (Circuito de Vila Real); 19 e 55: TV 7; 20 e 30: Automobilismo (Circuito de Vila Real); 21. «Os Cavaleiros do Céu»; 21 e 30: Telejornal; 22 e 05: Simpósio para a paz; 22 e 35: «Festival para a Juventude de 1970»; 23 e 20: Resumo filmado da etapa do dia da «Volta á França»; 23 e 35: Marcha do Mundo; 23 e 45: Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22: TV 7; 22 e 30: «Raquel»; 23 e 30: Fecho.

TUDOR
pilhas para transistores

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

«Nós, as mulheres»

Na edição de hoje de «Nós, as mulheres», a transmitir pelas 19 e 45, estará presente o dr. Artur Ernesto Moniz, director dos serviços de Medicina no Trabalho da Misericórdia de Lisboa, que será entrevistado sobre um assunto de actualidade e interesse: «O Trabalho Feminino a Medicina no Trabalho.» «Nós, as mulheres», incluirá, ainda, a rubrica «A criança perante a vida», na qual Ana Maria Varela Cid falará sobre «Disciplina e os seus métodos.»

O programa terminará com uma passagm de modelos femininos e masculinos.

Ainda se lembram de Margaret Lockwood?

«A VOLTA À FRANÇA»

É da etapa corrida entre Valenciennes-Forest da «Volta á França em Bicicleta», o resumo filmado que a R. T. P. apresenta cerca das 23 e 30.

CINEMA SEM ESTRELAS

Baptista Rosa, o produtor de «Cinema sem Estrelas», seleccionou para o programa desta noite, um documentário realizado pelo holandês Herman Van Der Horst.

«YÔ-YÔ»

Os produtores de «Yô-Yô», apresentam no seu 4.º programa (que vai ser transmitido hoje, pelas 22 horas) um nome da canção francesa, em estreia no nosso País. Trata-se de Francesca Seleville.

A parte musical deste «Yô-Yô» será preenchida, ainda, pelo brasileiro Márcio Ivens e pelo jovem António Macedo.

Haverá, também, um momento teatral a cargo do Grupo Experimental de Teatro do Liceu de Cascais.

A realização deste programa é de Félix Ferreira.

TV JUVENIL

Esta rubrica coordenada por Maria do Sameiro Souto, será preenchida pelo programa «Os Homens, os Livros e as Coisas». O seu autor (o dr. Joaquim Manuel Magalhães) fará a apresentação dos três jovens melhor classificados no Concurso Literário, estando a leitura das produções premiadas a cargo de Helena Gusmão.

II PROGRAMA NOITE DE CINEMA

Pelas 22 horas será exibido o filme «A dama desconhecida» («The Lady Vanishes»), de Hitchcock, já apresentado na rede nacional em 27-6-68. São intérpretes principais: Michael Redgrave, Margaret Lockwood e Paul Lukas.

«AMANHÃ À HORA DO ALMOÇO» PODE VER...

Da emissão de amanhã salientamos a transmissão, pelas 13 horas, do «Caso da Semana», além de mais um filme da série «Uma Mãe para Eddie» e da rubrica «Dá, Lá, Si», onde serão apresentados alguns dos êxitos musicais da actualidade.

canal da crítica

A MEDULA COM A BOLHA DE AR

Não vimos a «Castro» que devíamos ver mas vimos o recital de piano que não devíamos ver. Vimos o «Dr. Welby» que não devíamos ter visto primeiro porque não estava no programa e segundo porque estas fitas me deixam sempre muito amargurado, armazém de secos e olhados de angústias de cordel. Francamente, uma pessoa já tanto com que se ralar e ainda por cima vêm os doentes mais estranhos com as doenças mais estranhas. Imaginem só que ontem derivámos para o drama de um coiso que sofria de «bolha de ar na medula»! Quando cheguei aqui, pus-me a pensar noutra coisa, por acaso pus-me a pensar na «convergência», magazine literário, e se calhar nem foi por acaso, foi até obedecendo a uma lei segundo a qual as coisas tristes arrastam as tristes coisas na razão directa da massa cinzenta e na inversa do quadrado da bolha de ar na medula. Por este ficámos de olhos baixos a saber que Almada Negreiros, enquanto pelo primeiro soubemos que Almada Negreiros, embora, como bem se compreende, inferior, a Amadeu Sousa Cardoso e a Fernando Pessoa, é claro que nestas circunstâncias, e ainda há as gerações, e a influência na sociedade portuguesa e a dispersão, a dispersão é que foi o diabo!

O que faz falta é uma camara de descompressão. Alto! Onde é que eu já vi isto? Agora me lembro: foi no «Dr. Welby», com aquela história do Barton que era mergulhador, a mulher bem se aproximava, bem gatinhazinhava, nhã, nhã, amo-te muito, mas o Barton, como é que vou dizer..., o Barton andava muito nervoso... oiçam lá: percebem ou quê? Eu sei que é difícil avaliar as pessoas. As pessoas que temos diante dos olhos, quanto mais as outras, as antigas e obscuras. Estou a lembrar-me de Vasco da Gama, de quem Matilde Rosa Araujo falou em termos tão eruditamente estreitos, tal banalmente retóricos, tão desenfreadamente poéticos, tão conhecidamente vulgares, tão pouco dela mesmo, tão despido daquela ternura, daquela verdade de coração que fazem das palavras de Matilde Rosa Araujo, quando ela própria, um autêntico esvoaçar de alma. Está provado: este caminho não lhe serve. Foi um equívoco. E no que respeita á História, os equívocos são mais perigosos do que em qualquer outro domínio. O José Luís Maia, por exemplo, estudante de germanicas, veio iniciar uma rubrica musical dedicada aos jovens e á responsabilidade de Leonor Leitão Cadete. Veio tocar (digamos) Bach e a propósito (?) contou-nos a história do piano desde pequenino: «*o piano é um instrumento que...*» Inguenuidades juvenis, sem grandes consequências, está claro. Somos jovens uma vez na vida. Nenhum jovem é ridículo. Aproveitem, meus amigos, aproveitar a idade. Pois esse aos 32 anos resolvera licenciar-se em Biologia e achava que estava demasiado velho para isso, daí o seu desequilíbrio interior. Além do mais, receava que a mulher o deixasse, e a mim, que estou de fora, não me admirava absolutamente nada. O sonho da Carol consistia em desempregar-se para se tornar apenas dona de casa, mas só podia donacasar-se se o marido passasse no exame e arranjasse uns mergulhos no Hawai, onde se ganhavam boas coroas. Resultado: o Barton não morre, Carol gosta dele, ele vai estudar cálculo, a bolha de ar vai desaparecer, Barton está muito mais descontraído, Carol sorri das perspectivas, a mulher americana é formidável, compreensiva que eu sei lá e o mais engraçado é que tudo, tudo aquilo, aquilo tudo já nós sabíamos que ia acontecer desde as primeiras imagens do filme. É assim a vida.

MÁRIO CASTRIM

«O Vison Voador»

Espectáculo alegre, moderno, picante, «O Vison Voador», que se encontra em cena, há mais de 7 meses (no Villaret), conta com a presença de Raul Solnado, um nome que o grande público tanto aprecia.

Trata-se de história de um vison, simples pretexto para criar toda uma série de situações que prendem a atenção do espectador. O elenco é constituído por Yola, Fernanda Borsatti, Georgina Cordeiro, Maria Paula, Artur Semedo, Vasco de Lima Couto, David Silva e Rolando Alves. A encenação é de Paulo Renato. Todas as noites ás 21 e ás 23 horas. Domingos, também ás 16 horas.

Rádio

PROGRAMA DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 5: O Orfeão de Castelo Branco; 16 e 30: Roteiro Musical Português; 17: Ginástica de pausa, pelo dr. Marques Pereira; 18 e 05: No mundo da canção; 18 e 20: Uma gota de sangue e renasce uma vida, programa do Instituto Nacional de Sangue; 18 e 30: No mundo da canção; 19 e 45: Rádio rural — Musica, só musica; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Melodias por orquestras; 20 e 40: 23.º episódio do folhetim «José Bálsamo»; 21 e 05: Canconetas portuguesas; 21 e 30: Novidades em discos, texto e selecção de Paulo Medeiros; 22 e 05: O homem e a sociedade, pelo prof. dr. Ferreiro de Almeida; 22 e 30: Fados, por Corina Maria e Alcindo Carvalho; 22 e 50: Musica, só musica; 23 e 05: Programa da noite; 24: Fecho.

2.º Programa — 397 m—755 kc/s — Às 16: Folclore do mundo (5.º programa de uma série de canções folclóricas do Japão, em gravações cedidas pela NHK, Radiodifusão Japonesa); 16 e 17: Kamarinskaia (Glinka). Orquestra dos Concertos Lamoureux, sob a direcção de Ohan Dourina; 16 e 25: Curiosidades musicais — Requiem Ortodoxo Russo, Côro do Capelo Ortodoxo Russo, sob a direcção de Nicholas Afonsky; 17: Musica de piano; 17 e 10: Musica de câmara; 18: Musica portuguesa — Obras de Francisco de Lacerda; 19: O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 19 e 45: A Orquestra «I Musici» com os violinistas Felyx Ayo e Walter Gollozzi, violista Giuranna e violoncelista Enzo Altobelli — Concerto Grosso n.º 2, op. 7, em ré menor (Gemianini); 20: Diário sonoro; 20 e 20: Barcarola (Chopin); 20 e 30: Concerto Brandeburguês n.º 1, em fá maior (Bach) pela Orquestra da Academia de Santa Cecília de Roma, sob a direcção de Arturo Basile; 21: Musica sinfónica; 22: Teatro dos nossos dias: «O amor e a morte no teatro de Graham Greene», pelo dr. Leopoldo de Araujo; 22 e 40: Concerto em sol menor op. 12 n.º 1, para violino e orquestra (Vivaldi), Orquestra da Sociedade de Concertos do Conservatório de Paris, sob a direcção de André Vandernoot com o violinista Leonid Kogan; 22 e 58: Fecho.

Programa MF 2 — 94,3 mc/s — Às 23: A ópera em um acto «Electra» (Strauss); 0 e 42: Sonata n.º 11 em lá maior K. 331 (Mozart) Piano, Wilhelm Backhasu; 1: Fecho.

Emissão estereofónica— Às 21: Dez minutos com a orquestra de Ray Conniff — Joan Manuel Serrat, canta António Machado — Alguns minutos com o pianista Errol Garner — Lugar para a musica portuguesa; 22: «Pieta Signore», de Alessandro Stradella, pelo tenor Richard Verreau, ao piano: John Newmark — Preludio n.º 1, em dó maior, de Bach, pela harpista Annie Challan — Sinfonia n.º 5 em mi menor, op. 64, de Tchaikowsky pela Orquestra Filarmónica de Israel, dirigida por Zubin Mehta; 23: Fecho.

Rádio Universidade: 451 m — 665 kc/s — Às 19 e 10: Abertura; 19 e 12: Panorama das ideias contemporâneas; 19 e 25: Byrds — há cinco minutos; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m— 1034 kc/s — Às 6 e 04: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 21: Dois ritmos; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio-jornal; 20 e 07: 45 Rotações; 20 e 30: Semana 5; 20 e 45: Canções de Portugal; 21 e 08: O Olavo fala consigo 21 e 15: Musica para meditar; 21 e 32: Vector; 22 e 30: Quando o telefone tocar; 23 e 05: Grande roda 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 2: Diário rural; 7 e 03: Talismã

Modulação de frequência—97,4 mc/s — Às 6 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô: 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 02: Banda sonora; 2 e 02: Perspectiva; 3 e 02: Fecho

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 08: Miscelânia; 19 e 17: Conjunto; 19 e 30: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 02: Orquestras; 21 e 15: Só-rádio; 21 e 45: Mensageiro do evangelho; 22 e 02: Primeiro plano; 22 e 15: Novas de alegria; 22 e 30: Carrossel-3; 23 e 04: Clube da juventude

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 1286 kc/s — Às 16: Radioramo; 18: Canções portuguesas; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires, 19 e 05: Transmissão da extracção da lotaria da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa; 19 e 15: Musica seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando, 21: Programa dos sócios; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora e Fecho

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m— 1594 kc/s — 94,4 mc/s. **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22. **Rádio Voz de Lisboa** — Das 17 ás 19 e 30 e das 22 ás 2. **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 12 ás 14 e 30 **Rádio Graça** — Das 8 ás 10 e das 14 e 30 ás 17.

Propriedades

— VENDAS —

ANDARES

SE PRETENDE

COMPRAR UM ANDAR COM GARANTIA DE CONSTRUÇÃO, PRONTO A HABITAR, OU A DAR RENDIMENTO

TEMOS:

150-175 c. com 2 e 3 soalhadas na Rua Bastos Nunes, Lote 3-B em Queluz.

180 c. 4 boas soalhadas no Cacém, Praceta D. Nuno Álvares Pereira, Lote D-1.

2500 c. — 4 grandes soalhadas, 1 boa arrecadação e terraço, Av. Infante D. Henrique, Lote B — Rio de Mouro, frente á Estação.

280 c. — 3 grandes soalhadas, espaçosa cozinha numa imponente torre de 14 pisos — no Bairro Girassol, Lote 24 junto posto Polícia Trânsito de Benfica.

385 c. — 4 luxuosas soalhadas com 2 casas de banho num prédio de 9 pisos — Travessa dos Arneiros, Lote 6 — Benfica.

Para rendimento e já alugados temos andares desde 150 c. em Algés, Carnaxide, Sassoeiros, Oeiras, Paço de Arcos, Parede, Queluz e Damaia.

LARANJO, ALEGRE & GARCIA, LDA.

Mediador Oficial desde 1951
PRAÇA DA ALEGRIA, 58, 2.º SALA 8 — LISBOA
TELS. 326718/327803/328567

Contacto
H. NUNES
PUBLICIDADE
Telef. 847260

PRÉDIO
(Junto á Av. Almirante Reis)

Antigo, 12 inquilinos. Vende-se por 1.500 contos.

Trata o próprio. Resposta ao D. L. ao n.º 472.

PRÉDIOS
ANDARES
MORADIAS
TERRENOS
não compre sem consultar a
PREDIAL
ROBREL
Rua Rodrigues Sampaio, 69

CASAS
para alugar

Procure V. Ex.ª nos n/ escritórios onde temos sempre dezenas de andares e lojas para alugar em Lisboa e arredores. Não cobramos qualquer importância a título de comissão aos inquilinos

Trata: SOC. CONST. INVICTA, Rua do Ouro, 292, 1.º — Telefs.: 36259-34755.

LOTES
TERRENOS
EM LOURES
500 C.

Para construção de prédios de 10 inquil. de habitação, magnífica situação e vista panorâmica.

ORCOSI
Rua 1.º de Dezembro, 45, 3.º Esq.º — Telefs. 367444-323172 — LISBOA

CARAVANAS INGLESAS

VIKING — ASTRAL
BESSACARR — BAILEY

Vende: Largo Hintze Ribeiro, F. A. (S. Bento-Rato) — Tel. 65 09 67

ANDAR
NO CONDE REDONDO

Melhor local, em prédio de construção de luxo, hab. composta de grande salão, 4 quartos, cosinha, despensa, marquise, 2 casas de banho e hall.

Preço — 950 contos.

MOSTRA E TRATA
«A CONFIDENTE»
Rossio, 3-2.º — Telefones 369384/5/6 - 328232/3 - 361756

PAPELARIAS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita consulte a Papelaria Ferros — Rua de S. Julião, 64-66

Capitais

TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE JÁ A
ORCOSI
Telefs. 367444/323172
Rua 1.º de Dezembro, 45

Contacto
H. NUNES
Telef. 847260
PUBLICIDADE

Automóveis

VENDAS:

Automóveis e Furgonetas de diversas marcas e modelos. Não compre, sem consultar. Floriado M. Coelho — R. António Pedro, 40, cave. Tel. 44846.

Furgonetas Nissar Cabal, a gasóleo, caixa aberta, carrega 1300 kg, último modelo de 70, custa novo 130 contos, vendo por esc. 85 000$00; Mercedes 220, último modelo, 78 000$; Thames, a gasóleo, utilitária, 55 000$; Austin Cooper S, último modelo, esc. 55 000$00.

Recebo trocas e facilito o pagamento.

ALBERTINO H. DA SILVA, LDA., R. Garrido, 73-A — Telfs. 72 72 01 — 72 87 93

ALUGUER:

SERVIÇOS DE NÚMEROS TELEFÓNICOS PARA AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR:

- 534657 — L. St.ª Bárbara, 5-B
- 49612 — Jomil Auto — Rua Ponta Delgada, 40-A-B.
- 769848 — EUROCAR — Av. Barbosa du Bocage, 1.
- 42890 — Táxis Universo, Lda.ª — Av. República, 26
- 727654 — Auto Monumental do Areeiro, Lda. — Av. Padre Manuel da Nóbrega, 10-E.
- 539169/539345 — BRUNAUTO, Rua Joaquim Bonifácio, 10-A.
- 714391 — OLIVAUTO — Av. de Madrid, 16-B.

CARROS USADOS
NSU **LUSOLANDA** NSU
Aproveite a excepcional oportunidade
PREÇOS E CONDIÇÕES ESPECIAIS - FACILIDADES DE PAGAMENTO E TROCA
Av. da República, 84-C — Telef.: 778073 — Av. Ant. Aug. Aguiar, 25-C — Telef.: 537074 — LISBOA

PIANOS
VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

Pequenos anúncios • Pequenos anúncios • Pequenos

Vasto plano de actividades da Siemens no nosso País

A próxima realização de um vasto plano de actividades que tornem mais expressiva ainda a presença da Siemens no nosso País, foi anunciada, durante uma conferência de imprensa, efectuada na sede daquela organização. Saudou os jornalistas o sr. dr. Jorge Gonçalves Pereira, presidente do conselho de administração, ladeado pelos srs. Wolfgang Georg Buhler, novo administrador-delegado e dr. Filipe Nobre Guedes, novo membro do conselho de administração e ainda pelos directores-técnicos da empresa, srs. eng.os Helmut Stobing e João Franco.

Sendo uma das mais antigas empresas estrangeiras a desenvolver actividade em Portugal, a Siemens amplia consideràvelmente o seu programa de trabalho, estendendo-se ao Porto, Setúbal, Évora e Sabugo, com particular importância para a economia portuguesa — como salientou o sr. dr. Jorge Gonçalves Pereira. A Siemens pode já, aliás, ser considerada empresa nacional e, portanto, deve participar nos interesses e problemas do País, onde se radica.

Apresentou depois o novo administrador-delegado da Siemens, sr. Wolfgang Georg Buhler, que durante largos anos administrou a Siemens do Brasil e, mais tarde, na Europa, dirigia os sectores de produção de Portugal, Espanha e Itália junto da adminstração da empresa-mãe. O sr. Buhler forneceu elementos elucidativos sobre a importância da Siemens no Mundo: fundada em 1847, a empresa iniciou a sua actividade em Portugal em 1905. Em 1972, completará, portanto, 125 anos de existência, facto que será assinalado com um grande programa de realizações. A Siemens dispõe em todo o mundo de 272 mil colaboradores e funcionários, pelo que podia revelar estar assegurado, para o ano corrente, que as transacções em relação a valores comerciais, atingissem o valor de 400 milhões de escudos, incluindo, nesta previsão, uma percentagem de aproximadamente 20 por cento para exportações. E o sr. Buhler acrescentou: «as tendências futuras neste campo vão elevar-se a cerca de 50 por cento do valor total previsto para as transacções da Siemens em Portugal.»

O sr. Buhler referiu ainda a importância da entrada de aparelhos Siemens no nosso País, especialmente dos que se referem à investigação científica e energia nuclear e atingem verbas de grande relevo.

Estágio na Alemanha

Afirmou ainda: «No que se refere aos temas inerentes à pesquisa espacial, a Siemens além de possuir departamentos especializados para estes assuntos, aliou interesses, através da comparticipação de outras organizações.» E como resultado do plano de acordo atingido, orgulhava-se de revelar que o satélite alemão «Azur» é dirigido por elementos de transmissão, medição e cálculo fornecidos pela Siemens. Em Portugal, dirigentes da companhia já contactaram com os círculos mais vivamente interessados neste sector de actividades. E como pormenor também de grande interesse: as exigências do «mercado» da energia eléctrica levaram a Siemens e a AEG a associarem-se nestes sectores, sendo as duas empresas representadas no nosso País pela Siemens — Companhia Nacional de Electricidade — S. A. R. L.

O sr. Buhler manifestou muito apreço pela mão-de-obra portuguesa e anunciou que a realização do vasto plano de actividades previsto pela Siemens dependia, em grande parte, da competência dos profissionais portugueses a quem a Siemens proporciona cursos de especialização que vão tornar-se mais regulares e com mais numeroso grupo de participantes, consoante as necessidades. Paralelamente, a Siemens organiza estágios na Alemanha, por um período nunca inferior a três anos, para um engenheiro recém-formado, que se especializará em telecomunicações e ficará, ou não, ao serviço da empresa. A medida revela o espírito que [illegible] no sentido de contribuir para a formação de técnicos especializados. Divulgou igualmente o convite endereçado a profissionais portugueses radicados na Alemanha e com conhecimentos de actividades praticadas na empresa, no sentido de promover o seu regresso à Pátria, com colocação assegurada, após lógico exame prévio das suas habilitações técnicas.

Dois mil funcionários em 1972

Foi divulgado que, muito brevemente, a Siemens admitirá o 1000.º colaborador. Efectivamente, ao seu serviço, a companhia possui neste momento 960 pessoas assim distribuídas: sede em Lisboa, 360; fábrica do Sabugo, 360 e unidade fabril de Évora, 180. Com o plano de actividades previsto, admite-se como certos os números de funcionários a admitir, e que totalizarão 2000 em 1972 e 4000 em 1974.

A terminar a reunião, promovida com o propósito de tornar mais íntimas as relações da empresa com os órgãos de Informação, no terraço do edifício, foi servido um almoço volante aos convidados.

SINDICATO NACIONAL DOS CAIXEIROS E PROFISSÕES SIMILARES DO DISTRITO DE LISBOA

CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO

Avisam-se todos os Sócios e Contribuintes deste Sindicato Nacional, do ramo de Armazenistas de Drogas e Produtos Químicos e Farmacêuticos do Sul, que no próximo dia 8 do corrente, pelas 21 horas, se realiza na Sede deste Organismo um colóquio para apreciação do projecto do respectivo Contrato Colectivo de Trabalho, sugerindo como pontos importantes a discutir a actualização de vencimentos, férias, atribuições de subsídios e outros pontos de alto interesse para os profissionais deste ramo de actividade.

DIRECÇÃO SECÇÃO PRAÇA E VIAJANTES
DIRECÇÃO SECÇÃO DE ARMAZÉM

SERVIÇO INTERNACIONAL

HORÁRIO DOS COMBOIOS

LISBOA PORTO GALIZA

Previne-se o Público de que, no período de 1 de Julho a 5 de Outubro de 1970, é estabelecida ligação para e de Vigo às automotoras n.os 5015 e 5016, com o seguinte horário:

1/5015 — 1.ª e 2.ª		Estações		5016/6 — 1.ª e 2.ª
H. M.				H. M.
8-30	P.	Lisboa (Santa Apolónia)	C.	23-40
9-55	P.	..... Entroncamento	C.	22-13
11-20	P.	..... Coimbra-B	C.	a 20-42
11-38	P.	..... Pampilhosa	C.	20-22
a 13-25	C.	... Porto (Campanhã) ...	P.	18-45
13-35	P.	... Porto (São Bento) ...	C.	18-06
13-44	P.	... Porto (Campanhã) ...	C.	17-56
15-25	P.	.... Viana do Castelo	C.	16-18
16-47	C.		P.	14-58
16-55	P.	..... Valença	C.	14-38
17-04	C.	..... Tuy	P.	14-28
17-21	C.	..... Guillarey	P.	14-13
17-49	C.	..Redondela de Galicia...	P.	13-45
18-03	C.	..... Vigo	P.	13-31

a — Sujeito ao pagamento de suplemento.

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreia de hoje: ALFREDO O GRANDE — CONDES

CONDES
(M. 12 anos) Tel. 322523
Às 15, 18.30 e 21.45
ESTREIA de um filme gigantesco!
ALFREDO O GRANDE
com David Hemmings

TIVOLI
(M. 17 aos) Tel. 50595
Às 9.30 da noite
O LEÃO NO INVERNO
com Peter O'Toole

Às 3 e 6.15 da tarde (p. red.): (Maiores de 6 anos)
A CONQUISTA DA LUA
APOLO 11

ODEON
(Adultos) Tel. 326281
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
UM ÊXITO SENSACIONAL
com a famosa
GINA LOLLOBRIGIDA
ADRIANA, UMA RAPARIGA DE ROMA
A sua beleza foi a causa da sua perdição... Todos os homens foram vítimas dos seus encantos...

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779098
Às 15.30, 18.30 e 21.45
Um filme de antologia cinematográfica de H. G. Clouzot
O SALÁRIO DO MEDO
com Yves Montand e Charles Vanel

AVIS
(Adultos) Tel. 47162
Às 15.30 e 21.45
11.ª SEMANA
A paixão de dois amores desencontrados
BAMSE
PAIXÃO IMPOSSÍVEL
com Grynet Molvig
EASTMANCOLOR

CASINO ESTORIL
Às 21.30 (M. 12 anos)
SUBLIME TENTAÇÃO
com Gary Cooper

ROMA
(M. 12 anos Tel. 727775
Às 15.30 e 21.45
Quatro «ratos» do deserto desafiam o destino!
PORTO MASSACRE
com Christopher George Garm Raymond e Claudine Longet — Cor de Luxe

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Tel. 54151
Às 15.15, 18.15 e 21.30
A INICIAR O CICLO NO RITMO DA AVENTURA
1000 BOMBARDEIROS
com Christopher George e Laraine Stephens

[illegible]
(M. 17 anos) Tel. 553131
Às 15.15 e 21.30
Ele ama. Ele acaricia. Ele sofre. Ele luta. A sua arena é a vida!...
UM SONHO DE REIS
com Anthony Quinn

NO PROGRAMA:
LISBOA É SEMPRE LISBOA
Doc.º col. Prod. e real. de Francisco Saalfeld

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
Às 9 da noite
(VII CICLO DA CASA DA IMPRENSA)
O FANTÁSTICO E O MARAVILHOSO NO CINEMA
GRAU DE DESTRUIÇÃO
O JARDIM DA TORTURA

ALVALADE
(Adultos) Tel. 717480
Às 9 da noite
O FANTÁSTICO E O MARAVILHOSO NO CINEMA
(VII CICLO DA CASA DA IMPRENSA)
O JARDIM DA TORTURA
GRAU DE DESTRUIÇÃO

LIDO
Às 21.30 (M. 17 anos)
Misteriosa e perigosa como a própria cidade de Alexandria!
JUSTICE
com Anouk Aimée

IMPERIAL
(M. 12 anos) Tel. 45963
Às 21 horas
SERVIÇO SECRETO X-77

LUMIAR
(M. 17 anos) Tel. 661016
A MORTE NÃO TEM SEXO E TUDO O VENTO LEVOU

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538745
Às 18.30 e 21.45
Suzanne Pleshette, Ian McShane e Senta Berger
no filme mais «fresco» do ano!
EM 4.ª SEMANA
de gargalhada!
ESTES TURISTAS AMERICANOS...
Uma sensacional comédia em Technicolor
AR CONDICIONADO

POLITEAMA
(Adultos) Tel. 326305
15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
2.ª SEMANA DE UM ÊXITO EXTRAORDINÁRIO
com a escultural KITT SWAN
A VIRGEM DA FLORESTA
O misterioso destino de uma jovem como deusa branca de uma tribo selvática
(Col.)

LIZ
(M. 17 anos) Tel. 48560
Às 21 horas
O URSO E A BONECA
A MULHER DESCONHECIDA

ROYAL
(Adultos) Tel. 365937
Às 21.30
AQUELE DIA FRIO NO PARQUE
A CIDADE SUBMARINA

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Tel. 320917
AS NOITES QUENTES DE LADY HAMILTON
A CASTA SUSANA

RESTELO
Às 21.30 h. M/ 17
A mais divertida e maliciosa comédia dos últimos tempos
SARILHOS CONJUGAIS

[illegible]
(Adultos) Tel. 555134/5
Às 15.15 e 21.30
A irresistível Monica Vitti num filme de Jean Valere
2.ª SEMANA
DILEMA DE UMA MULHER
c/ Maurice Ronet e Robert Hossein
Às 18.30 (Para todos) — Colorido
O MEU AMIGO ROCK

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 55134
15.30, 18.30 e 21.45
7.ª SEMANA
com Jean Louis Trintignant
A MINHA NOITE EM CASA DE MAUD

ÉDEN
(M. 12 anos) Tel. 320768
15.15, 18.30 e 21.45
Quando a emoção é espectáculo!
George Hilton
e Gilbert Roland em
O ÚLTIMO FICA VIVO

EUROPA
(Adultos) Tel. 661016
HOJE, às 21.30
Technicolor — 70 mm
WEST SIDE STORY
(AMOR SEM BARREIRAS)
com Natalie Wood, George Chakiris e Rita Moreno

VOX
Às 18.30 e 21.45
Techniscope — Technicolor
Virna Lisi e George Segal vivem uma divertidíssima e original história de amor em
UMA «INGÉNUA» MUITO ESPECIAL
AR CONDICIONADO

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

VARIEDADES — Às 21.45: «Tahau» (17 anos).
MONUMENTAL — Às 21 e 45: «Pobre milionária» (17 anos).
MARIA MATOS — Às 21 e 45: «A relíquia» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 15 e ás 23: «O prato do dia» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e ás 23: «O vison voador» (17 anos).
CAPITÓLIO — Às 20 e 45 e ás 23: «Sara Montiel» (17 anos).

CINEMAS

OLIMPIA — Às 14 e ás 19: «A guerra secreta de Harry Frigg» (12 anos)
IDEAL — Às 15 e ás 21: «As diabólicas» (17 anos).
PROMOTORA — Às 21: «O pirata do rei» (12 anos).
CINEARTE — Às 21: «Um homem para Ivy» (12 anos).
PARIS — Às 21: «Quanto mais fria... melhor» (12 anos).
SALÃO LISBOA — Às 21: «O último triunfo» (17 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «Zorro, o rebelde» (12 anos).
ARCO ÍRIS — Às 21: «Homens marcados» (17 anos).
JARDIM — Às 21: «Ninho de espiões» (12 anos).

● Linha de Cascais

PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Madigan» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «Sublime tentação» (12 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Pêndulo» (17 anos).

● Linha de Sintra

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — «O caso de Lady Chaplin» (12 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 15: «West Side Story» (17 anos)

● Outra Banda

COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACABANA — Às 21: «Noites de outros tempos» e «Carnaval de Assassinos» (17 anos).
LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E RECREIO — Às 21 e 30: «Um ingénuo diabólico» (17 anos).

EUGÉNIO SALVADOR RESPONDE A JOSÉ VIANA

(Continuação da 18.ª página)

Pode estar descansado, sr. José Viana. Não pretendo, nem é essa a intenção desta carta, detalhar os frequentes atritos que me conduziram, não me dizendo respeito, á demissão do meu cargo de director de cena, e mais tarde ao ver-me eu próprio envolvido e desrespeitado, ao abandono puro e simples das minhas actividades no Teatro Maria Vitória, com cuja empresa, de resto, permaneço nas melhores relações.

Para terminar direi apenas que nunca dei ao caso a importância que ele não merece, porque sei que esta espécie de conflitos não é nova (já dizia há mais de setenta anos Sousa Bastos em «*Coisas de teatro*»: «se é um actor de merecimento aliado a actriz, formam um potentado que é dificílimo aturar dentro do teatro»). Claro que tudo muda de figura quando me vejo atacado com toda a espécie de calúnias.

Apesar disso, não quero lançar mão de expedientes tão fáceis e, com as breves considerações que precedem dou o assunto por encerrado, reservando-me, como é óbvio, o direito de tomar as medidas que considerar necessárias para defender a minha integridade moral e profissional».

EUGÉNIO SALVADOR

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno A
(Ver pelos bairros das imediações e telefones entre parênteses)

ALCÂNTARA — Beirrão, R. Prior do Crato, 25 (661821).
ALMIRANTE REIS — Confiança, Av. Almirante Reis, 46 (42453)
ALVALADE — Zil, Av. da Igreja, 9-D (711780) ✲ São João de Deus, R. Pedro Ivo, 1-A e 1-B (725140)
AMOREIRAS — Britânica, Travessa Légua da Póvoa, 5 (689250)
ANJOS — Renascença, R. Damasceno Monteiro, 104-A-B (831504)
AREEIRO — Roma, Av. de Roma, 85-B (772466) ✲ Garantia, Av. Padre Manuel da Nóbrega, 5-A e 5-B (727300) ✲ Imperial, Av. Guerra Junqueiro 30-B (726860)
ARROIOS — Veral, R. Morais Soares, 109 (40632).
AVENIDAS NOVAS — Alcântara, Av. Republica, 74-A (771379) ✲ Vale, Av. Marquês de Tomar, 45-49 (773043) ✲ Dalva, Av. Duque d'Ávila, 125 (45225) ✲ S. Sebastião, Largo S. Sebastião, 7-9 (48642)
BAIRRO ENCARNAÇÃO — Ascenso, R. 27, nº 41 (311216)
BAIXA — Teixeira Lopes, R. Áurea, 154 (324816) ✲ Oliveira, R. Prata, 240 (321415).
BELÉM — Moura, T. da Memória, 55 (630944).
BENFICA — UNIÃO, Est. Benfica, 592 (700092) ✲ Alegria, Est. Benfica, 180-A-B (780511).
CAMÕES — Barreto, R. Loreto, 30 (327284).
CAMPO DE OURIQUE — Lobel, R. Infantaria 16, 98-B (688807) ✲ União, R. Saraiva Carvalho, 119 (663643)
CAMPOLIDE — Salutar, R. B, 75, A-B (Bairro da Liberdade) — (683694) ✲ Pinto, R. Campolide, 11 (682610).
CONDE REDONDO — Sousa Martins, Rua Sousa Martins, 25 (553468).
ESTEFÂNIA — Mundial, L. D Estefânia, 9 (45578)
ESTRELA E LAPA — Andrade Ribeiro, Av. Infante Santo, 66-B (666971) ✲ Paiva da Costa, R. Lapa, 105 (664414).
GRAÇA — Ziler, R. de S. Tomé, 54-56 (862835)
LUMIAR — Central, R. Lumiar, 77 (790480) ✲ Douro, Al. Linhas Torres, 93-A-B (791131)
OLIVAIS — R. Alves Gouveia, 9 (311237).
Nascem Costa, 16-A (728395 - 720703).
REGO — Baptista, Rua Francisco Tomás da Costa, 3 (771873).
DE ST.ª APOLÓNIA AO BEATO — Freitas, R. Zófimo Pedroso, 11 (381136) ✲ Banha, Est. Chelas, 173 (33224) ✲ Frazão, Rua Cruz de Santa Apolónia, 90-92, (847019) ✲
SANTA MARTA — Fernandes, R. S. José, 187 (326476).
SANTO AMARO — Biotitar, R. D. João de Castro, 27-B (638824) ✲ Correia Azevedo, R. Luís de Camões, 42-B (638625).
S. BENTO — Castro, R. S. Bento, 199 (660518).
MOSCAVIDE — Banha, Av. Moscavide, 22 (251851).

● Linha de Cascais

ALGÉS — Almeida Nifo — Av. Comb. G. Guerra, 64 (Telef. 212070).
CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (242839).
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás, R. Costa Pinto, 186 (2432034).
OEIRAS — Godinho — R. Cândido dos Reis, 98 (Tel. 2430090).
PAREDE — Macau, Rua J. Elias Garcia, 62-B (2471785).
ESTORIL — Parque — Arcadas do Parque, 3 (Tel. 260191).
CASCAIS — Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40 (280170) ✲ Nova, Est. de Alvide — Fontainhas (281044).

● Linha de Sintra

AMADORA — Amadora — P. 28 de Maio, 3-A (Tel. 9355188); Carmele — R. Elias Garcia, lote 28 (Tel. 933303); Helénica — R. Elias Garcia, 2 (Tel. 938613); S. Jorge — S. Pedro del Negro, 5 — Reboleira (Tel. 938703).
DAMAIA — Damaia — P. Alexandre Gusmão, 9-A (Tel. 970523).
QUELUZ — Gil — Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 9501117) ✲ Simões Lopes — Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 9501231).
CACÉM — Central — Rua Elias Garcia, 55 (Tel. 2940084).
MEM MARTINS — Química — Est. Mem Martins, 285 (T. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel 980456).
SINTRA — Marrazes — L. Afonso de Albuquerque, (Tel. 980058)
VENDA NOVA — Nova — Rua Elias Garcia, 10 (Tel. 933920)
COLARES — Colares, Abreia (Tel 299088).

● Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (2341376).
ALHOS VEDROS — Gusmão — Rua Cândido dos Reis, 30 (Tel. 274020)
ALMADA — Macedo Henriques — R. Bernardo Francisco da Costa, 1 (Tel. 271297)
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Est. Nacional 174 (T. 2243002).
BARREIRO — Moderna — R. D. Henriqueta Gomes de Araújo, 12 (Tel. 2273443)
COVA DA PIEDADE — Atlântica, Quinta do Pombal, 1 (274365).
MOITA — Silva Rocha — P. da Republica, 16 (Tel 239029).
MONTIJO — Diogo, R. Almirante Reis, 42 (Telef. 230032).
SESIMBRA — Lopes — Av. Salazar (Tel. 229471)
SETUBAL — Bocageana — R. do Romeu (T. 23475) ✲ Bairres — B.º Santos Nicolau (Tel. 23880).
SEIXAL — Godinho — L. da Igreja, 51 (Tel. 221580)

SERVIÇOS URGENTES

POLÍCIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 ✲ Segurança Publica, 866141 ✲ Judiciária, 535380 ✲ Marítima, 326456 ✲ Internacional, 362721 ✲ Viação e Trânsito, 42205 ✲ G.N.R. (área rural), 36865.
TRANSPORTES — Aeroporto, 72011 ✲ Caminhos de ferro (C. P.), 869029 ✲ Caminhos-de-ferro (Estoril), 861121 ✲ Estação fluvial (T. Paço), 325345 ✲ Estação Marítima de Alcântara, 663195 ✲ Estação Marítima da Rocha, 672445 ✲ Estação fluvial (Belém), 638511.
BOMBEIROS — Sapadores, 32222.
ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas, 36135 ✲ Companhias Reunidas, 53701 ✲ Gazcidla, 538821 ✲ Gazcidla. Idem e feriados, 382069.
SAÚDE — Cruz Vermelha, 86534 ✲ Enfermagem permanente, 766161 ✲ Enfermagem de urgência, 43738 ✲ Hospital de Santa Maria, 775171 ✲ Hospital de S. José, 860131 ✲ Sangue, oxigénio e soros, 77116 e 771169 ✲ Transfusões, soro e oxigénio, 538524 ✲ Centro de Intoxicações (informativo), 767777, 761176 e 763450.

BOM APETITE

JANTE NA TARANTELA
EM AMBIENTE FAMILIAR
Largo D. Estefânia, 22
SALA NO 1.º ANDAR PARA LANCHES DE CASAMENTOS.

RESTAURANTE TATU
Campo Grande, 80
Telef. 76 51 88
AMANHÃ
FEIJOADA À BRASILEIRA
DOMINGO
ARROZ A VALENCIANA

NO RESTAURANTE SALÃO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA-SETÚBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZÍVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef 790211 (M/ 15 anos)
JANTARES DANÇANTES AOS SÁBADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
PREMIADO PELO SNI

Solar do Minho
Rua do Vigário, 6D — Alfama (St.º Estêvão) — Tel. 866811
FADOS — FOLCLORE
Jantar COMPLETO 50$00 por pessoa
M/17 anos

O mais típico restaurante do Algarve é
A Toca do Caracol em ALCANTARILHA
(a 2 km de Armação de Pêra)
— Cozinha regional —

TONY DOS BIFES
AMANHÃ
FEIJOADA À PORTUGUESA
SEGUNDA-FEIRA
DOBRADA À TONI
Av. Praia da Vitória, 50-E
(Junto do Monumental)
Telef. 536080
ENCERRADO AOS DOMINGOS DURANTE OS MESES DE JULHO, AGOSTO E SETEMBRO

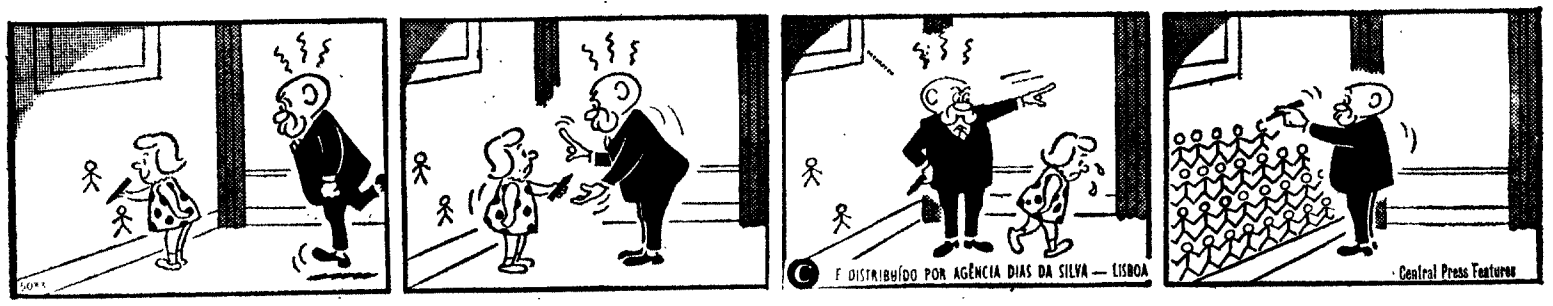
ESTALAGEM E RESIDENCIAL DE SANTA MARIA DA ARRÁBIDA
33 Quartos c/ casa de banho
RESTAURANTE
Telefone 228927 — Portinho da Arrábida

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 3 de Julho de 1940 publicava:

«**MADRID, 3 — Alguns antigos políticos franceses e espanhóis continuam a abandonar o território francês. Consta que Alcalá Zamora, Manuel Azaña, dr. Negrin, Casares Quiroga, Mendes, Aspe, coronel Romero e outros membros do antigo Governo republicano espanhol saíram de França a bordo de um navio de guerra inglês.**»

Novas Comissões Concelhias da A. N. P. de Aveiro

AVEIRO, 3 — Doze comissões concelhias da Acção Nacional Popular foram eleitas no distrito. São 108 nomes a substituir 74, e só 45 por cento pertenciam aos anteriores quadros dirigentes.

Assumiram a presidência das comissões os seguintes filiados: António de Bastos Xavier (Águeda), dr. Manuel Lourenço Ribeiro de Campos (Albergaria-a-Velha), dr. Luís Carlos da Conceição (Anadia), dr. Joaquim de Pinho Brandão (Arouca), dr. Manuel Marques da Silva Soares (Aveiro), dr. António Duarte de Oliveira (Estarreja), dr. Abel da Silva Lindo (Mealhada), dr. Ernesto Soares dos Reis (Oliveira de Azemeis), prof. Manuel da Conceição Filipe (Oliveira do Bairro), Hamilton Fernando Costa Oliveira Figueiredo (S. João da Madeira), dr. Agostinho José da Silva Furtado (Vagos) e dr. Abel Augusto Gomes de Almeida (Vale de Cambra).

Prémios literários conferidos no Brasil

Distinguidos os seus romances «Uma flor sobre o muro» e «Loja das ilusões», respectivamente, com os prémios da Academia Mineira de Letras e da Academia Brasileira de Letras, além de galardoada com o «Prémio Nacional da Academia Paulista de Letras», a escritora brasileira Bárbara de Araujo que conquistou posição de relevo entre os valores predominantes da novelística, alcançou, agora, outra significativa distinção, o «Prémio João Alphonsus, da Secretaria de Estado de Minas Gerais», com um admirável livro de contos: «O Bezerro de Ouro». Celebrando o valor do livro de Bárbara de Araújo (de Belo Horizonte), diz Ayres da Matta Machado Filho que «palpitantes pedaços de vida são as suas novelas e os seus contos que ferem fundo a alma do leitor».

Em CASTELO BRANCO o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por António de Sá Rodrigues, Suc., Rua Mousinho Magro, 46

Palavras cruzadas

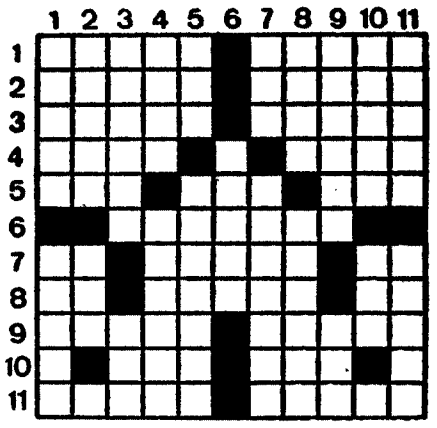
COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 5583

HORIZONTAIS: 1 — Nome de mulher. Dividir ao meio. 2 — Realiza. Raspadeira. 3 — Moves os remos. A parte do chapéu que cobre a cabeça. (pl). 4 — Povo mongol do Sul da China e da Indochina. Ceifa. 5 — Estava. Medida de líquidos usada na Alemanha. Chefe etíope. 6 — Picante. (fig). 7 — Prefixo de negação. Viatura. Rio da Rússia. 8 — Ruim. Já. Aqui. 9 — Entrada. Despachar. 10 — Interjeição da Ilha das. Flores o mesmo que ah! oh! Médico dinamarquês que recebeu o Prémio Nobel da Medicina em 1943. Artigo definido. 11 — Lavrais. Querido.

VERTICAIS: 1 — Acabamento. Cruel. 2 — Desmontar. Negativa. 3 — Sanavas. Artéria. 4 — Após. Respeitai. 5 — Colina ou duna na Suécia. Inundais. 6 — Pouco rendoso. 7 — Heroína francesa que foi queimada viva. Turra. 8 — Extremidades dos braços. Transmitiam (bens) gratuitamente a outrem. 9 — Aguarda. Magnete natural. 10 — Safa. Vazila. 11 — Nivelas. Homem ilustre.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5582

HORIZONTAIS: 1 — Mot.m. Mamam. 2 — Urral. Imuto. 3 — Icaro. Roiam. 4 — Taça. Antro. 5 — Orassem. São. 6 — Olá. 7 — Fãs. Merende. 8 — Atara. Pior. 9 — Lotos. Minar. 10 — Alais. Acará. 11 — Rosse. Corar.

VERTICAIS: MUITO FALAR. 2 — Orçar. Atalo. 3 — Traça. Satãs. 4 — Ianas. Rois. 5 — Mio. Somasse. 6 — Ele. 7 — Miramar. Mac. 8 — Amon. Épico. 9 — MUITO. Ninar. 10 — Atara. Doara. 11 — Momos. ERRAR.

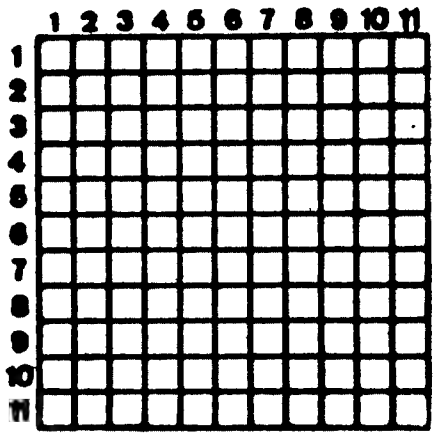
Provérbio: MUITO FALAR MUITO ERRAR

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9426

HORIZONTAIS: 1 — Sepultura. Pelos das faces do homem. 2 — Composição poética. Liguei. Apelido. 3 — Rio do Egipto. Mamífero desdentado espécie de tatu. 4 — Cova própria para apanhar feras. Destemida. 5 — Irmão de Moisés. Apelido. 6 — Mãe de Rómulo e Remo. 7 — Perseguir. 8 — A folhagem das plantas. Agita. 9 — Antepassados. Acrescentar. 0 — Um milhar. Igual. Patrão. 11 — Separo. Naipe das cartas de jogar.

VERTICAIS: 1 — Cálculo. Estrondeei. 2 — Acrescentaram. Vila e concelho do distrito de Portalegre. 3 — Adoçar ou untar com mel. Afio. 4 — Capa sem mangas. Uma das Espórades. 5 — Ouro (s. q). Gorgulhos tropicais. Rio de Itália. 6 — Laço. Pertences. Bario. (s. q). 7 — Bismuto (s. q). Inflamação. Letra grega. 8 — Pedra de altar. Falda. 9 — Raspam. Soldado de uma milícia persa encarregado de proteger os viajantes. 10 — Valentes. Lama. 11 — Encolerizas. De preços elevados.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9425

HORIZONTAIS: 1 — Madalena. AC. 2 — Agro. Caia. 3 — Tua. Ata. Mar. 4 — Aa. Prada. H. 5 — Marreta. 6 — Paro. Seis. 7 — Casotas. 8 — Um. Morri. Me. 9 — Rol. Saá. Sir. 10 — Nios. Arar. 11 — Aa. Amornara.

VERTICAIS: 1 — Matar. Furna. 2 — Água. Mofa. 3 — Dra. Mac. Ló. 4 — Ao. Param. Sa. 5 — Airosos. 6 — Estar. Orago. 7 — Adestra. 8 — AC. Ateai. An. 9 — Am. Ais. Sra. 10 — Alai. Miar. 11 — Caria. Perra.

DEFESA NACIONAL

SERVIÇOS SOCIAIS DAS FORÇAS ARMADAS

SECRETARIADO

ALUGUER DE CASAS DE RENDA ECONÓMICA EM PONTA DELGADA

Faz-se público que se encontram abertas as inscrições para o aluguer das casas de renda económica dos S. S. F. A., construídas na Rua D. João III, em Ponta Delgada, com quatro assoalhadas por fogo.

O prazo de entrega das primeiras inscrições, para efeitos de ordem de preferência, está fixado até 31 de Agosto p. f.

A preferência na atribuição de casas é estabelecida pelos seguintes escalões:

1.º — Oficiais e Sargentos de qualquer ramo das Forças Armadas, do quadro permanente;
2.º — Oficiais e Sargentos de qualquer ramo das Forças Armadas, do quadro de complemento;
3.º — Funcionários públicos civis;
4.º — Outros civis.

Dentro de cada um dos dois primeiros escalões antes referidos, a ordem será estabelecida primeiro pela antiguidade de sócio dos S. S. F. A. e depois — como para os dois últimos escalões — pela ordem da data da inscrição.

Qualquer informação pode ser prestada na sede dos S. S. F. A., Rua Pedro Nunes, 8, em Lisboa, ou na Delegação daqueles Serviços, em Ponta Delgada, Comando Militar dos Açores.

O Secretário-Geral,
ANTÓNIO MANUEL CARNEIRO PACHECO
Coronel do CEM

FOTÓPTICA
Lusarte
Lentes — Armações e todo o receituário médico
R. do Arsenal, 170-172
LISBOA

AUTO-MONUMENTAL DO AREEIRO, SARL
AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA
VOLKSWAGEN
AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8, 8C e 8D
(AO AREEIRO) TELEFS. 727654-727665-713057
Carros e furgonetas
amplas facilidades
de pagamento,
peças legítimas
estação de serviço
e oficinas

EDGARD MORIN

Temas em debate

- **Que pensa das marchas «populares» de Lisboa?**

  — Inquérito a que respondem Manuel da Fonseca, Joaquim Benite, José Carlos Ary dos Santos e Carlos Paredes (pág. 3)

- **As comunicações no distrito de Viseu**

  — Artigo de Jaime Gralheiro (pág. 5)

- **Conceitos de contestação e de repressão**

  — José Fernandes Fafe e Jorge Trigo de Sousa entrevistaram Edgard Morin (pág. central)

- **A vitória eleitoral de Servan Schreiber e entrevista com um dirigente cooperativista chileno**

  (pág. 12)

REATADAS AS NEGOCIAÇÕES INGLATERRA-C. E. E.

Torna-se menos clara a posição portuguesa

CARLOS CARVALHAS

1 *Há sete anos a Espanha apresentou o seu primeiro pedido de admissão à C. E. E. como membro associado. As oposições políticas e económicas que lhe eram postas, especialmente pela Bélgica (que não esqueceu fàcilmente a ocupação nazi), Holanda e Itália, foram-se atenuando, a tal ponto que Madrid pôde ver esta semana concluído um acordo preferencial.*

Mas mantiveram-se ainda as dificuldades da inclusão da Espanha como membro associado, pelo que este acordo é uma convenção do estilo das já realizadas pelo Mercado Comum, por exemplo, com Marrocos, Argélia e agora Israel.

No fim de Janeiro deste ano as negociações não foram coroadas de êxito, pois a condição imposta pela C. E. E. da anulação, até 1971, da taxa de 20 % de depósito sobre o valor das importações, a que estavam obrigados os importadores espanhóis, desde Dezembro, não foi aceite pelo Governo espanhol.

O estabelecimento deste acordo não teve uma aceitação unânime, pois ele vai obrigar as empresas espanholas a uma gestão mais aperfeiçoada, o que também lá não será do agrado de quem tem dormido um sono repousante e bastante confortvel à sombra da protecção aduaneira.

Quanto ao seu par da Península, os espanhóis não estiveram interessados em negociar em bloco um acordo, certos de que ainda iriam ter mais dificuldades, quanto à entrada no Mercado Comum. Quanto ao Mercado Comum Ibérico, como chegaram a alvitrar os órgãos de informação, este seria mais uma construção jurídica sem realidade económica entre duas economias vizinhas (¹) mais concorrênciais do que complementares.

2 *O diálogo entre a Grã-Bretanha e a C. E. E. esteve interrompido, pelo veto francês, desde 19 de Dezembro de 1967. As mu-*

(Cont. na pág. 9)

MESA REDONDA

Falta de investigadores ou falta de trabalho?

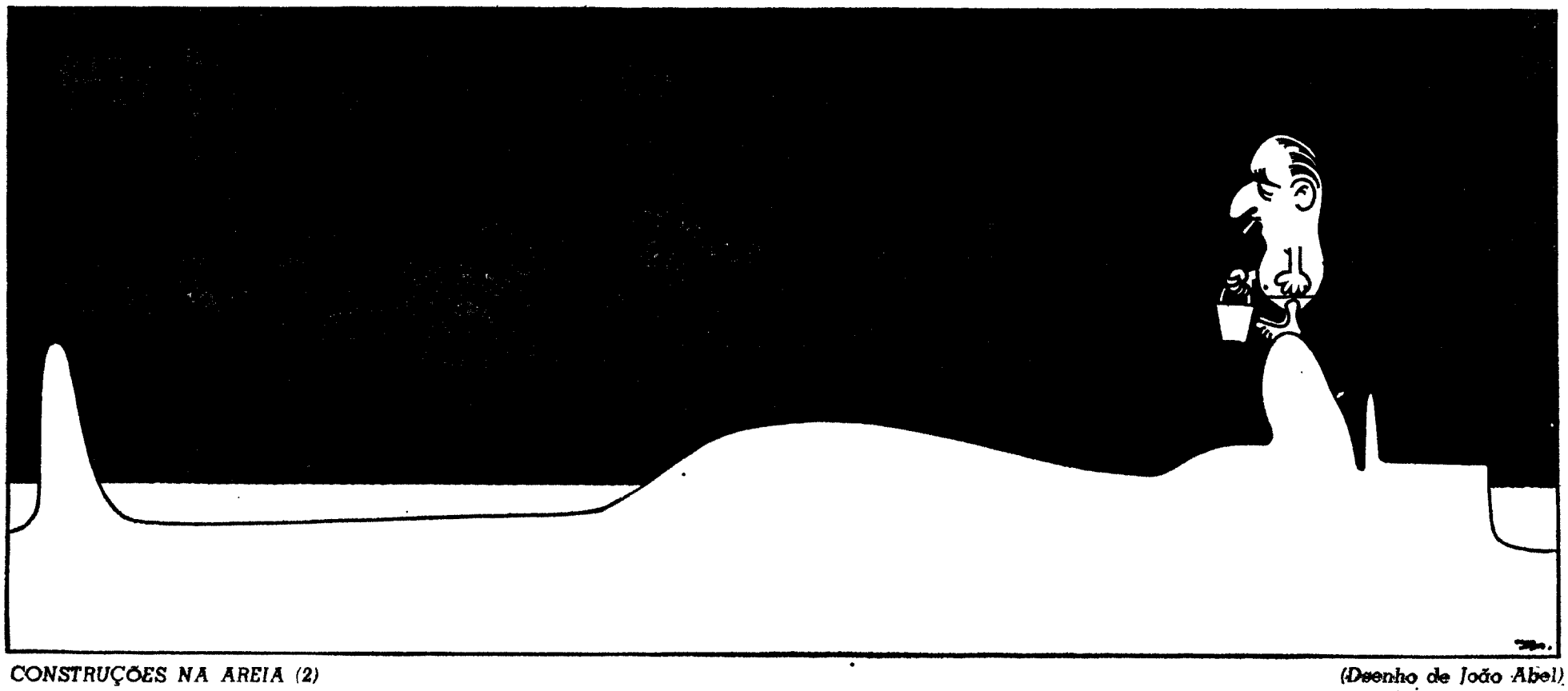
MENEZES SEQUEIRA

Reformar! É preciso reformar! É já «slogan», corre de boca em boca é premissa de todos os raciocínios. Todos estão de acordo (com raras e honrosas excepções), todos pensam que é preciso reformar. Não sabem é o quê, o como, e o para quê das ditas reformas, mas pressentem que a coisa não vai bem, e que, a manter-se o marasmo, as consequências podem ser funestas; embora na maior parte dos casos também não saibam a razão.

E todo este arrazoado vem a propósito das reformas do ensino, assunto que quase já se tornou cediço, assunto a respeito do qual as pessoas mais respeitáveis e respeitosas do nosso mercado fazem as afirmações mais contraditórias. Fazem-se colóquios, debates, mesas-redondas, discussões de café, entrevistas, artigos em periódicos, etc., etc. Cada um apresenta as suas sugestões. Exercem-se influências, saem decretos, e os mais directamente interessados dividem-se, digladiam-se, pois não conseguem acordar (chegar a acordo).

E, pegado ao ensino, vem a celebrada investigação, que consegue ocupar alguns dos nossos mais brilhantes cérebros, dar empregos que não direi brilhantes, mas que remedeiam. Tudo assuntos de discussão, tudo motivos para desenvolver as mais belas teorias, e dar ocupação a algumas vidas desocupadas.

(Cont. na pág. central)



CONSTRUÇÕES NA AREIA (2)

(Desenho de João Abel)

ASSIM VAMOS NÓS

Arbitragens

Quem paga as Comissões Arbitrais? A questão levantada pela direcção do Sindicato dos Caixeiros ganhou inesperada actualidade. A constituição de sete comissões de arbitragem e a provável formação de 30, confere a esta interrogação o valor de uma preocupação permanente. É muito difícil que o orçamento de um sindicato comporte o pagamento de 1,5 árbitros em cada comissão. Os economistas e advogados escolhidos têm direito, pelo seu trabalho, a remunerações incompatíveis com um orçamento sindical. Nestas condições, criou-se o perigo, a que o Ministério das Corporações tem de estar atento, de o pagamento das arbitragens se tornar impedimento ao direito das direcções recorrerem ás comissões arbitrais.

Os nomes dos primeiros árbitros são uma garantia de que as comissões não serão puro formalismo, mas propiciarão um debate alicerçado em seguros argumentos jurídicos e económicos.

Interesse

O interesse pelos nossos sindicatos ganhou uma dimensão inesperada. A Televisão dinamarquesa entrevistou vários dirigentes sindicais, assistentes jurídicos e trabalhadores portugueses. A esta necessidade de conhecimento da situação não será estranha a recente tomada de posição do dr. Silva Pinto na assembleia da Organização Internacional do Trabalho, convidando expressamente para uma visita ao nosso País o secretário-geral da O. I. T. O convite foi aceite.

Reconversão

Foi apresentado ao Governo um Plano de Reconversão dos Caminhos-de-Ferro Portugueses — afirmou-se na Assembleia Geral da C. P. Durante a sessão, o dr. Neto de Carvalho explanou a problemática geral da empresa, salientando a necessidade de maior participação do Estado no esquema de desenvolvimento daquele serviço público. Os caminhos-de-ferro terão de encarar a concorrência com outro tipo de transportes, tanto de passageiros como de mercadorias. Na linha de realismo propugnada, tentar-se-ão aproveitar melhor as linhas de rentabilidade assegurada, melhorar as complementares, e estudar a viabilidade de aproveitamento de algumas subsidiárias, encarando corajosamente a eliminação e linhas cuja exploração é considerada irremediàvelmente deficitária — sem esquecer, salientou, os interesses legítimos das populações locais.

Concerto

O bispo do Algarve comemorou, nos passados dias 28 e 29, as bodas de prata da sua ordenação sacerdotal, dos actos festivos constou um concerto pelo Quarteto e Instrumentos Antigos do Conservatório Nacional, promovido pela Camara Municipal de Faro, e uma concelebração na sé da capital algarvia, em que participaram sacerdotes da diocese e de outros pontos do País.

Não sabemos até que ponto é que o prelado algarvio foi convidado a pronunciar-se acerca do programa comemorativo das suas bodas de prata sacerdotais Mas parece-nos surpreendente que se tenha considerado a realização de um concerto como a iniciativa mais apropriada para assinalar a passagem de tal data. Porquê um concerto? Devido ao seu carácter cultural? Será o chefe da Igreja na Provincia do Sul um amante particular da musica?

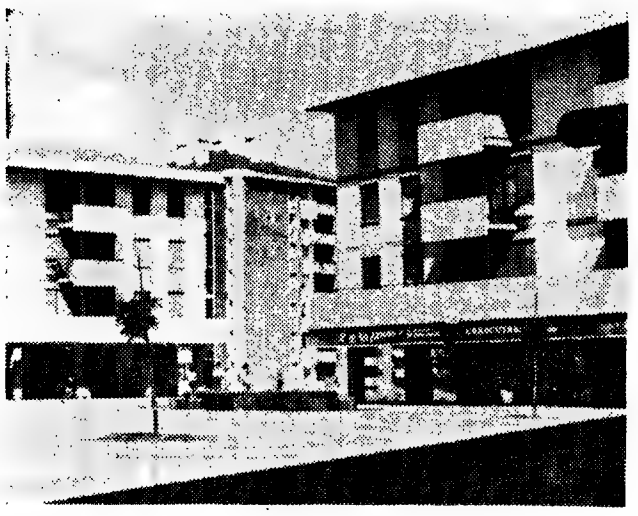
A duvida que nos assalta é se esse tipo de manifestações não contribui mais para afastar o bispo do povo, para lhe dar deste uma imagem distante, aristocrática, palaciana?

Bairro Cooperativo

A construção cooperativa de habitações não atravessa um momento particularmente brilhante, entre nós. Como acontece com quase todos os aspectos do movimento cooperativo, os estímulos provêm de pessoas ou instituições privadas, não seguindo a via legislativa.

Por outro lado, o campo da especulação desenfreada nos preços dos terrenos proibe, na prática, a solução cooperativista no âmbito do problema habitacional, além do individualismo que grassa na orientação definida da sociedade portuguesa e da publicidade tentacular que encaminha as pessoas para soluções egoístas, raramente compensadoras.

A Associação de Inquilinos Lisbonenses, embora disponha de reduzidas possibilidades económicas, de há muito projectava a experiência cooperativa no campo da construção. Encara, agora, o assunto mais sèriamente, possuindo já 10 lotes de terreno no Vale Fetal (Charneca da Caparica), onde se propõe construir um pequeno bairro cooperativo de 100 fogos. Salienta-se no último boletim da Associação: «As disponibilidade sda A.I.L. no momento em que se resolvera fechar o negócio com o proprietário eram exactamente iguais ao valor dos lotes oferecidos, incluindo a respectiva sisa a pagar. Nessas condições a Direcção não hesitou. Por um lado, garantia-se o numerário em depósitos à ordem, cuja desvalorização



se tem vindo a fazer, ano após anos, e, por outro, dava-se início àquilo que era o sonho de vários militantes que por esta cooperativa têm passado: construir um bairro em sistema de inquilinato-cooperador se não se levantassem quaisquer óbices legais».

ASSIM VAI O MUNDO

Ensino

O ministro da Educação e da Ciência da Alemanha Federal, prof. Leussink, apresentou um relatório de 200 páginas que constitui o primeiro contributo para a importante reforma do ensino que o Governo de Bonn vai fazer. Prevê-se a criação de trinta novas universidades ou institutos superiores, o dobro dos estudantes do ensino superior e um aumento das verbas para a educação e ciência para 100 000 milhões de marcos. O plano prevê reformas em todos os níveis da educação, desde o jardim da infância até à Universidade. A ideia mestra é um regime de educação democrático, eficiente e flexível, que, «pela promoção intensa e individual» proporcione a todos a igualdade de oportunidades, fortalecendo a disposição de «aprender durante toda a vida». O Governo federal propõe também o desenvolvimento do ensino pré-escolar, elevando o numero de lugares nos jardins de infancia de um para dois milhões. A obrigatoriedade escolar começaria aos cinco anos e terminaria aos quinze. Enquanto este plano era estudado e preanunciado, milhares de estudantes do ensino secundário da Alemanha Federal protestavam na União contra as deficiências do sistema actual.

Meditação

Assim como a TV termina os seus programas diários com uma frase para meditação, também nós propomos á reflexão dos leitores um pensamento, hoje de Gérard Leclerc, o cronista de «Aspects de la France», colhido no colóquio em que interveio recentemente o padre Cardonnel e Baruch, o autor de «Mon Péché»:

«O sentimento nacional não se opõe ao sentimento universal? Os homens que fazem parte de uma cidade não vão fechar-se neles próprios, e querer mal aos seus vizinhos, querer dominar o vizinho?»

Rocard

Os meses de Junho (dia «L'Achabité») são, devidamente, os grandes meses da política francesa. Este ano é a «Glorália» dos congressos das grandes organizações políticas e sindicais. De momento, é aguardado com especial interesse o congresso nacional do P. S. U. nasceu de facto, em fiado por Michel Rocard, jovem político a quem se antevê brilhante futuro. O P. S. U. nasceu há doze anos e conta cerca de 10 000 membros. O «novo» P. S. U. nsaceu de facto, em Maio de 68 — o Maio mais célebre e influente da política francesa contemporanea.

Os novos aderentes do partido (mais 43 % de jovens, desde 1968) estão próximos dos «gauchistes», muito octivos na vida política gaulesa. A grande luta que se antevê, no Congresso, será travada entre os aderentes da Federação de Paris, mais extremista, e os grupos da Província, mais moderados. Do resultado desta batalha dependerá o futuro do Partido: revolução ou acomodamento ao «sistema»?

Michel Rocard — Futuro brilhante?

Incorrecção

Um documento interno da C. E. E. considerado de tal gravidade, em Bruxelas, que ninguém se aventurou ainda a dar-lhe publicidade, aponta graves incorrecções cometidas por empresas norte-americanas instaladas na Europa. Esta censura é tida como a mais grave que um organismo oficial jamais fez a entidades americanas.

O documento analisa a penetração económica norte-americana e afirma que os países europeus devem definir níveis comuns nos seus tratamentos com entidades estrangeiras perante o quase total domínio industrial. As empresas americanas conseguiram vantagens financeiras e em matéria de impostos e não servem necesàriamente os interesses do país onde se estabeleceram.

Os norte-americanos controlam, além de outras, 95 % da indústria comunitária europeia em circuitos integrados, 80 % em calculadoras electrónicas e 30 % no ramo automobilístico.

inquerito

Que pensa das marchas «populares» de Lisboa?

Povo ou gente enganada?

Ao povo o que é do povo

As cenas de violência verificadas num dos espectáculos das chamadas Marchas de Lisboa, realizado no Pavilhão dos Desportos, é bom indicativo do artificialismo de tal manifestação, construída, como tantas outras, sobre alicerces pretensamente folclóricas. Rico e variado, o folclore português tem assistido, impotente, à sua própria liquidação. Dentro de pouco tempo, a continuar a devassa, pouco restará do que mais genuinamente caracteriza a maneira de ser e de estar do nosso povo.

DIFERENÇAS

Esta história das Marchas Populares, fenómeno que tende a estender-se, faz-nos lembrar um pouco o futebol: nem amadorismo (amor á arte...), nem profissionalismo; nem desporto, nem folclore; nem alegria pura, nem ar livre. Prevalece o espírito competitivo, sàbiamente organizado. Há regras impostas a que deve obedecer-se. A «explosão de alegria popular» acaba por extravasar as bancadas (vide invasão recente do Estádio da Luz e o arraial de pancadaria entre «adeptos» das marchas de Alfama e da Mouraria, no Pavilhão dos Desportos). Nada disto tem a ver com a vivência autêntica do nosso povo. O folclore no sentido exacto e telurico do termo é criação e recriação em estado puro, é poesia e espontaneidade, é alegria e amizade.

Se acompanharmos as reportagens publicadas acerca dos bastidores das «Marchas», podemos descobrir aspectos curiosos. Por exemplo: quase todos os «encenadores» queixam-se da falta de adesão dos jovens, alegando que os mesmos são cada vez mais desviados para outros pólos de atracção. Conclusão a tirar: não existe adesão espontânea e desinteressada, raiz de todas as iniciativas com cariz autênticamente popular. Por outro lado, podemos verificar que os tais «encenadores» recebem «cachets» por vezes bem chorudos, e temos de chegar, por isso mesmo, a conclusão semelhante. O vedetismo é outra característica: cada bairro procura encabeçar o respectivo grupo com um nome conhecido da musica ligeira radiofónica ou do Parque Mayer. O mercenarismo ocupou lugar importante.

OS TRAJOS

As Marchas ditas populares representam, também, uma exibição anual, mais ou menos de mau gosto, da mania dos trajos chamados característicos. O ridículo das letras e a monotonia das musicas é outra constante.

Falámos em trajos e temos de voltar ao assunto, nestas impressões de observador interessado que não é especialista. Trata-se de outra manifestação cada vez mais imbuida de artificialismo. Desfiles do género realizam-se em vários pontos do País, repetindo-se os do homem do mar, os do campino, os dos camponeses no Alentejo, os marialvas no Ribatejo — e respectivos cavalos.

Foram também organizados grupos «burocráticos» que redundaram num falhanço. Chegou mesmo ao ponto de certos grandes patrões latifundiários organizarem o seu próprio rancho privativo — quer dizer: o rancho «privativo» do seu pessoal. Requintes desta fase de liquidação. Porque não se trata só de desaproveitamento, de perda por inércia: trata-se de adulteração que pode ser fatal.

Em qualquer parte do mundo o folclore é tido como coisa muito séria, a defender e preservar de maneira implacável, com amor pelo estudo, com intuitos de interpretação histórica e musical, com talento e meios técnicos. Entre nós, entretanto, abriram-se as portas aos exploradores incompetentes — se não desonestos — do popularucho, do fácil, do convencional, do aviltamento.

TENTATIVAS

Sem estímulos, sem apoio material, através de obstáculos de vária ordem e com uma noção superior da importancia do problema, Fernando Lopes Graça travou ao longo de muitos anos, uma batalha a sós com foros de epopeia. Depois dele, outro nome — o de um estrangeiro — continuou a faina de recuperação e arquivo que prossegue com enormes sacrifícios: Michel Giacometti. Mas, se Lopes Graça procurou a revitalização musical dos temas, quem mais o seguiu? Há, recentemente, uma nova tentativa de re-interpretação, levada a cabo pelos jovens baladistas, sobretudo por José Alonso. Mas, até esta última tentativa sofre os chamados tratos de polé, das interpretações abusivas, fáceis e ignorantes.

Há que pôr cobro a este estado de coisas, encarando o problema com a gravidade, ponderação e seriedade que ele merece. Deixe-se ao povo o que é do povo, respeite-se o que lhe pertence. Desapoiemos mascaradas ofensivas que, pela força dos meios de comunicação postos ao seu dispor, tendem a perverter a razão artística da sua própria existência, a livre expressão do que mais puro e duradoiro nele existe: a criação.

Manuel da Fonseca

As letras são originalíssimas...

As marchas? Espantosas, diz-me o meu compadre António Prezado, que as aprecia muito. Aquilo, prosseguiu ele, são de alto abaixo e á roda as mais puras manifestações de arte popular dos nativos e moradores dos bairros de Lisboa! Repara só nas músicas e nas letras. Originalíssimas: desde o princípio, cada ano, cada música e letra muda de autor! A dança? Pois não muda cada bairro, em cada ano, de uns tantos dançadores? Até o próprio papel dos arcos nunca é o mesmo! Só num pormenor as marchas pecam. E esse é grave. O burro. O burro, que ás vezes aparece tão alegre e pranzenteiro, sempre banzeiro, e que zurra que não é turra, pois Lisboa é sempre boa desde a Graça á Madragoa, esse é que, infelizmente, é sempre o mesmo.

Popular não é o mesmo que ordinário e vulgarucho

● OPINIÃO DE LOPES GRAÇA

«Para muita gente, «popular» é sinónimo de fácil, de imediatamente acessível, de trivial, ao é que não de superficial e inferior. Pensa-se que o povo é, por condição de fatalidade, incapaz de compreender e sentir as grandes obras do pensamento e da arte, que não pode deixar de haver um divórcio entre ele e as supremas manifestações do génio humano no campo da literatura, da música, do teatro, etc. Para estas pessoas bem pensantes é um erro pôr os Balzacs, os Beethovens, os Ibsens ao alcance do povo, porque o povo — pobre dele! — só é capaz de apreender os subprodutos do espírito; e, ainda quando se empreenda uma caridosa obra de educação, será preciso ter cuidado e dar-lhe os grandes autores em pequenas doses, temperados com coisas mais fáceis e aliciadoras, não vá ele, povo, ter uma indigestão e desgostar-se irremediàvelmente dos belos manjares civilizados. Nesta ordem de ideias, o que se tem por eminentemente popular é, por exemplo, no teatro, a revista bem recheada de piadas e brejeirices; no cinema, a comédia ligeira e anedótica; na música, o fadinho sentimental ou os arranjos folclóricos mais ou menos americanizados; no romance, as novelecas baratas dum romantismo piegas ou embrechados históricos à Campos Júnior, etc.»

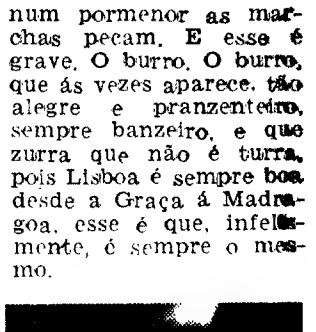
«Creio que nunca será de mais denunciar este falso conceito «popular», que não é, nunca foi, o que uma concepção aristocrática da cultura supõe ou adrede inculca. Não: popular não é o mesmo que ordinário e vulgarucho. Quem assim pensa ofende o povo nas suas capacidades de criação e compreensão, que as tem, e grandes, nas suas reservas de emoção, que também as tem, e muitas vezes mais profundas do que se julga, na sua sede de cultura, na contribuição que a sua atormentada história tem dado às grandes obras do pensamento e da arte.»

«Esta espécie de música nada tem que ver com o autêntico povo, não nasce do seu seio, não corresponde às suas necessidades, não traz a sua dedada. Trata-se, antes, de puros produtos comercialistas destinados a um público de gosto pervertido, de nulo instinto estético, e a quem a música só desperta sensações superficiais, de ordem puramente animal e vegetativa. Chamar popular a esta música de baixo nível e de intensões quantas vezes duvidosas, é ofender a verdadeira música popular tal como ela se revela nas tão vivas, sinceras e recentes manifestações da arte folclórica.»

«Aceitando, embora, a música ligeira, sob condição de que ela obedeça a um mínimo de requisitos de ordem técnica e a uma razoável decência de estilo, eu não posso deixar de denunciar o mau emprego que, neste campo, se está fazendo da música popular por parte de compositores «ligeiros», em muitos casos apoiados e estimulados nas suas salgalhadas folclóricas por entidades oficiais ou oficiosas, a quem competia mais velar pela integridade da arte popular nacional do que alimentar o mau gosto de um sector do público de preferências medíocres e critério estético depravado.»

** Do livro «A Música em Portugal»*

MANUEL DA FONSECA



JOAQUIM BENITE

Joaquim Benite: Culto ingénuo do passadismo

As marchas «populares» de Lisboa são uma manifestação típica de integração do espírito associativo das colectividades de bairro em certa forma de «nacionalismo popular». Não sei se desde o início a iniciativa teve esse carácter.

De um modo geral [illegible] não poderá ultrapassar-se aqui o plano da generalidade, embora o fenómeno merecesse um estudo muito mais extenso e profundo.

É uma artificial manifestação de interbairrista (fundamentada apenas num apego certas aparentes tradições e numa campanha de falso prestígio) e culto ingénuo do passadismo (com todos os ingredientes que podem encontrar-se hoje noutros sectores próximos da origem das marchas: o fado, as revistas do Parque Mayer, certas [illegible] mas pseudofolclóricas).

Como essas manifestações agradam, por

(Cont. na pág. [illegible])

IMPÉRIO

uma dimensão internacional em seguros

618 mil contos de receita de prémios e 27% de crescimento em 1969

O que significa, em seguros, esta dimensão?

Maior tecnicidade. Gestão racionalizada. Produtividade. E, naturalmente, maior segurança.
Essa segurança, já a temos em todo o território português. Em Angola, em Moçambique, na Guiné. Tal como em todo o Portugal Metropolitano e Insular. Essa segurança é necessária para nos abalançarmos a concorrer nos grandes espaços económicos da Europa.
A Império optou pelo alargamento para além fronteiras. Já estamos presentes na Bélgica. Em breve, em Londres. E outros pontos da Europa se seguirão. Esta orientação não é apenas um desejo de crescer. Esta orientação é o caminho para melhor servir o triângulo de interesses que constitui a razão de ser da empresa: o cliente, o accionista e o colaborador.
É o caminho para o servir melhor.

A dimensão Império é possível porque a Império é uma companhia de Marketing

Ser uma companhia de Marketing, é viver com a atenção posta no cliente. É existir em função dele. É construir as soluções — em termos de segurança — que o cliente necessita.
Tão importante para a sua segurança, como o seu seguro, é a atitude da Império quando se debruça sobre a opinião do cliente. Efectua estudos permanentes sobre os seus interesses e as suas preocupações.
E assim, tem sido possível melhorar os nossos processos e as relações com os diversos grupos com que contactamos, os segurados, os sinistrados, os terceiros.
Provam-no, os inquéritos feitos por Gabinetes de Estudos especializados, que confirmam, inequivocamente, o estilo das boas relações Império — Cliente e a compreensão e eficiência da Império ao intervir na reparação dos sinistros.
Por exemplo, em 1969, no ramo automóvel, só um número mínimo de sinistros, teve intervenção judicial. Podemos dizer que não existiu problema em cerca de 98 % dos casos.
Tão importante para a sua segurança, como o seu seguro, é a atitude renovadora e modernizadora da Império.
Actualiza os seus quadros. Prepara a formação dos seus colaboradores. (Em 1969, organizou 54 cursos com a frequência de cerca de 500 indivíduos).
Assim, os nossos clientes sabem que encontram, na Império técnicos altamente preparados, capazes de os elucidar e de os aconselhar no melhor aproveitamento do seguro que lhes convém.
Tão importante para a sua segurança, como o seu seguro, é a racionalização dos nossos serviços.
A Império acaba de assegurar, em comum com o grupo de que faz parte, a utilização de dois ordenadores IBM 360.
Esta maneira de existir, virada para o futuro, esta maneira dinâmica, e simultâneamente objectiva, assente no conhecimento correcto e permanente das necessidades de segurança da família e das empresas, tem levado a Império à constante actualização e à introdução de novas modalidades de seguro, inéditas em Portugal.
Lançou o Seguro Popular Império que abriu caminho à larga difusão do seguro de vida junto de todas as camadas sociais.
Adoptou a óptica «seguro por medida», concretizada em modalidades ajustáveis à diversidade das situações individuais e familiares.
A par dos países mais avançados da Europa, criou coberturas para riscos industriais — seguros de máquinas, montagens e perdas de exploração.
E também — seguros de grupo e pensões de reforma.
A nossa óptica de Marketing, deu-nos esta dimensão. Ela confirma que trilhamos o caminho certo. Ela dá-nos a possibilidade e o à-vontade para nos lançarmos na Europa. É o que já estamos a fazer.

Para si. Para o servir melhor.

Contacte um homem da Império. É um amigo

AO SEU SERVIÇO
IMPÉRIO
a sua seguradora

AS COMUNICAÇÕES NO DISTRITO DE VISEU — 2

Uma rodovia de Aveiro a Vilar Formoso

JAIME GRALHEIRO

Segundo o III Plano de Fomento para 1968-73 o porto de Aveiro é dos portos secundários (Lisboa e Leixões excluídos, portanto) aquele que revela maior índice de crescimento — 87%.

Por essa razão é atribuída a este porto a maior dotação para portos secundários, dado ser de esperar que ele venha a exercer «uma significativa função do porto complementar do «hinterland» industrial do litoral e centro-norte».

Quer dizer: o porto de Aveiro apresenta-se como o possível terceiro porto do País.

O «hinterland» natural deste porto é o distrito de Aveiro, com excepção talvez da zona Norte, que pode ter mais vantagem em se dirigir para Leixões. Mas sobre o que não podem restar dúvidas é de que o distrito de Viseu, e até parte do da Guarda, só têm uma saída para o mar — e essa saída é Aveiro.

Simplesmente, não se compreende que se vá gastar tanto dinheiro no porto de Aveiro e se lhe trave a possibilidade de abastecimento.

Com efeito não é através do Vale do Vouga ou da Estrada Nacional n.º 16, tal como se encontram, que o «hinterland» deste porto pode despejar sobre ele as suas possibilidades actuais, quanto mais as futuras.

É urgente abrir-se uma rodovia de nível internacional, com traçado rápido e piso capaz, que ligue Aveiro a Vilar Formoso.

Este braço de penetração abriria ao distrito de Viseu novas perspectivas, e seria um motivo de aceleração económica. Seria o caminho do progresso para todo o interior.

Mesmo do ponto de vista turístico a região seria beneficiada. Pois tal via seria a melhor e mais rápida ligação com o eixo Braga-Lisboa (E. N. n.º 1) e o melhor caminho para o litoral.

Depois, havia que substituir as velhas «carreteiras» que funcionam como estradas municipais. Cobrir o distrito de uma verdadeira e eficiente rede de estradas, de modo que viver em certas regiões — em sedes de concelho, até! — deixasse de equivaler a estar preso nos confins do mundo, perdido da civilização.

Completando este sistema impunha-se uma via atravessando o distrito do Norte a Sul, e que fizesse parte do eixo Chaves-Faro. Nem se diga que essa via existe.

Não se concebe que a segunda Estrada Nacional — o eixo perpendicular que atravessa o País de uma ponta a outra — seja a via reduzida que liga Viseu á Régua e vai de Viseu a Santa Comba Dão!

Do que atrás se deixou dito é fácil concluir que o caminho de ferro do Vale do Vouga, tal como está, não interessa a ninguém.

Há que encarar sèriamente, se valerá a pena manter tal ligação.

Baseado na sua nula rentabilidade económica e no seu fraco movimento de passageiros e mercadorias, já se preconizou, conforme se deixa dito atrás, a sua extinção pura e simples.

Na verdade, entre 1960 e 1965, foi o seguinte o movimento em passageiros e carga no Vale do Vouga:

	1960	1961	1962	1963	1964	1965
Carga (toneladas)	25 852	26 624	26363	26 108	24 798	21 066
Passageiros (1000)	952	901	892	860	650	648

FONTE: Anuário Estatístico dos Transportes Terrestres.

Estes dados revelam-nos uma tendência nítida para a diminuição do movimento, quer no tocante a passageiros, quer no que diz respeito a mercadorias.

Em todo o caso, entendemos que a melhor solução ainda não é essa.

Com efeito, o tráfego de mercadorias na linha do Vale do Vouga é inferior a 70 toneladas por dia, mínimo considerado rentável pelos técnicos.

Acontece, também, que as toneladas por quilómetro bruto rebocado (TKBR) são, no tocante a passageiros e no que diz respeito á carga, inferiores, respectivamente, a 1000 e a 600, o que torna a exploração sèriamente deficitária.

Apesar disso, votar a extinção de tal linha, sem exame mais aprofundado, pode ser grave erro económico e social para a região que serve.

Em primeiro lugar devem ter-se em conta os inconvenientes de fechar uma linha de tráfego considerando apenas as condições presentes de exploração. Devem ter-se presentes, sobretudo, as condições futuras previsíveis. Além disso, não se pode atender só á rentabilidade e serviços prestados com determinado material ultrapassado (com mais de 50 anos de uso) mas á rentabilidade e serviços de que tal linha é susceptível com material moderno ou modernizado.

Depois, o problema do encerramento de uma linha não se pode pôr apenas em relação a uma zona da região que serve (S. Pedro do Sul, Vouzela e Oliveira de Frades) mas em relação a toda a região.

Finalmente: o problema não pode ser encarado apenas pelo factor rentabilidade, mas também pelo lado sociopolítico.

Ora se tivermos em mente todas estas considerações, o encerramento da linha de caminho de ferro do Vale do Vouga aparece-nos muito problemático e merecedor de cuidadoso estudo dos técnicos responsáveis. E esse estudo ainda não foi feito.

Em todo o caso poderemos, desde já acrescentar que;

1.º — A transformação do porto de Aveiro no possível terceiro porto do País, tal como está previsto no III Plano de Fomento para 69-73, exige que se abram vias de acesso que o ponham em contacto com o seu «interland» natural — o distrito de Viseu e o da Guarda. Fechar vias de comunicação nestas condições seria um contra-senso.

2.º — Pode acontecer, e acontece, que a linha do Vale do Vouga não tenha condições técnicas para satisfazer esse previsível futuro, tráfego. Isso significa que, imediatamente, há que substituir as máquinas de tracção a vapor por máquinas «diesel», rever e actualizar as carruagens, substituir os comboios por automotoras modernas e cómodas no transporte de passageiros, reservando os comboios para as mercadorias; substituir as linhas de modo a aguentarem maior velocidade, peso, e corrigir as curvas que estorvem a circulação, nestas novas condições. Como solução definitiva há que encarar a abertura de uma nova linha de via larga e que vá entroncar na da Beira Alta, em Mangualde.

3.º — Nesta perspectiva ficam melhor servidos a zona de Lafões e todo o distrito.

4.º — A rentabilidade aumentará, além de não ter de se encarar a reacção sempre desfavorável das populações até aí bem ou mal servidas, mas para as quais o encerramento de uma linha de caminho de ferro constitui sempre um retrocesso.

Finalmente há a considerar que o distrito não tem infra-estruturas rodoviárias que lhe permitam absorver, sem prejuízo, o tráfego operado pelo caminho de ferro.

Depois, e mesmo que essas rodovias venham a abrir-se, a verdade é que numa economia de mercado, a existência dos caminhos de ferro tem sempre interesse, até como elemento estabilizador dos preços.

a) — Deve ser aberta uma rodovia rápida, de nível internacional, que permita uma ligação fácil, cómoda, e segura entre o porto de Aveiro e Vilar Formoso, passando por Viseu e pela Guarda.

b) — Deve ser aberta outra rodovia, com características semelhantes, atravessando de norte a sul o distrito de Viseu e fazendo parte do eixo Chaves-Faro.

c) — A partir destas devem ser abertas vias de penetração com o traçado, largura e piso de acordo com o tráfego moderno, as quais hão-de ir servir todas as povoações do distrito, abrindo-lhes o caminho do progresso.

d) — Como solução imediata e provisória deve modernizar-se a linha do Vale do Vouga, quer no que toca a material circulante, quer no que respeita a infra-estruturas, de modo a que possa cumprir a função que lhe compete como via de interligação entre o porto de Aveiro e o seu «interland» natural — os distritos de Viseu e da Guarda. Como solução definitiva, deve encarar-se a construção de uma linha de caminho de ferro — via larga — que ligue em Mangualde, o porto de Aveiro com a linha da Beira Alta, passando por Viseu.

Estranha ignorância

É curta a memória dos homens — apetece-nos repetir.

Mário Sacramento, intelectual da mais alta estirpe, escritor com obra importantíssima (publicada e a publicar), figura política avelrense de justa e inequívoca projecção nacional, morreu há pouco mais de um ano. Uma comissão composta por diversas personalidades locais pediu a quem de direito que consagrasse a memória de um homem justo e superior, incluindo o seu nome na toponímica da cidade.

Julgamos saber que, há poucos dias, o Município pediu esclarecimentos sobre a obra de Mário Sacramento em prol da sua cidade, para assim julgar da justificação para que uma rua de Aveiro tenha o seu nome.

Estranha noção de bairrismo esta. Ocorre-nos perguntar o que fez Eça de Queiroz, especificamente, em prol de Aveiro, ou de Estarreja, ou de centenas de terras que orgulhosamente o incluem na sua toponímica. E Eça de Queiroz, como Mário Sacramento, foi sempre um homem de «oposição», politicamente falando. E o que fizeram os irmãos Wright em prol de Rio de Mouro? Ou Sua Majestade Eduardo VII em prol de Lisboa? E por aí adiante.

J. C. ARY DOS SANTOS

CARLOS PAREDES

Que pensa das marchas?

(Cont. da pág. 3)

tanto, á maioria, torna-se rendosa a sua exploração. Escusário citar exemplos do que tem sido essa exploração ao longo dos últimos cinquenta anos — esse processo encontra-se já amplamente desmistificado em certos sectores, embora, infelizmente, se não possa ir além de uma desmistificação.

Aspecto positivo das marchas populares — se o há — reside na constatação da poderosa facilidade de mobilização do espírito colectivo, ao nível das colectividades de bairro, que é de facto uma realidade indesmentível. Os bairros vivem as suas marchas e empenham-se profundamente no processo que lhes é inerente. Pena é que esta vitalidade não seja aproveitada — como já o foi, com proveito, e noutras manifestações susceptíveis de aumentar a cultura do povo e de promover a sua consciencialização. Houve tempo em que se vivia com idêntico ou superior entusiasmo o despique saudável entre as bandas de música, que constituem uma das melhores tradições das colectividades populares. Esse tempo passou.

José Carlos: Ary dos Santos: Instituição sofisticada e de mau gosto

Penso. Os aspectos positivos o que restam do que eram. Os aspectos negativos o que de facto são: uma instituição sofisticada e não raro de mau gosto que desfila para burguês ver, sentado na Avenida. Mais uma achega para a sociedade de consumo de música e letras medíocres que se afasta, progressivamente, da tradição do povo para entrar na do mercado da desgraçada musisa ligeira.

Carlos Paredes: Relegar os aspectos competitivos

Conheço e estimo profundamente os habitantes dos bairros típicos de Lisboa. A franca hospitalidade, o bairrismo que aceito como expressão de solidariedade humana e de defesa, o respeito com que encara os verdadeiros sentimentos humanos, o sentido agudo de crítica que se expressa com espírito saboroso, o carinho pelas actividades artísticas e culturais, a visão realista dos mil e um problemas da sua cidade que ajuda a manter no trabalho quotidiano, são alguns dos aspectos que mais se salientam num convívio muito útil, como experiência humana e que explica que notáveis actores, escritores, poetas, jornalistas, músicos, tenham nascido ou vivido entre o povo destes bairros.

Era esta gente, perfeitamente do meu país e do meu tempo, que gostaria de reconhecer nas marchas.

As festas do povo são uma manifestação de alegria colectiva, ligada tradicionalmente á legítima satisfação pelo êxito das suas realizações úteis. O povo dos bairros de Lisboa tem já muitas realizações para recordar orgulhosamente e pode empenhar-se noutras que serão os seus êxitos de amanhã. Se lhe derem inteira oportunidade, saberá encontrar, sem necessidade de prejudicar o esqueleto oficial das marchas de Lisboa, a forma de nos dizer tudo isso, relegando para segundo plano os aspectos competitivos duma manifestação em que, até hoje, não consegui de maneira nenhuma encontrá-lo.

Em tom levemente azedado

Discursando no Bom Jesus do Monte, em Braga, o secretário de Estado da Indústria, eng.º Rogério Martins, fez o elogio dos industriais e da iniciativa privada: «Por mim sou convictamente fiel ao princípio até constitucionalmente afirmado da subsidariedade; se proclamamos que a iniciativa privada é força motriz do nosso sistema económico, é acreditando nela com toda a força e não apenas para usar um figura de retórica». Isto, para justificar a observação com que abriu o seu discurso: «Um destes dias um comentador, referindo-se a um discurso meu, escrevia, em tom levemente azedado, que já se conhecia suficientemente bem o meu pensamento e que era altura de começar a vê-lo concretizado. O que para ele significava começar a ver mais textos meus no «Diário do Governo» e menos na Imprensa privada. Era outra maneira de dizer «faça mais e fale menos».

Falta de investigadores ou falta

(Cont. da pág. 1)

Depois de mais de quarenta anos de mutismo aparece esta válvula de escape, quase melhor que a arte, o cinema ou o *football*. Não envolve tanta gente como este último, felizmente, pois para nosso descanso, só está ao alcance dos espíritos mais privilegiados. Não fora esta massa estudantil, que anda para aí a perturbar os espíritos, e teríamos agora ocasião para nos regalarmos com as mais requintadas oratórias, cheias de bom-senso, equacionando e resolvendo problemas de momento e no momento, com uma segurança inexcedível, própria de pessoas que sabem o que querem e para onde vão.

Mas porque razão existe este ambiente de inquietude? Será, como se pretende por vezes insinuar, que se trata de grupos políticos espalhando a subversão, como quem semeia tempestades? Ou haverá efectivamente razões exteriores às pessoas e à sua vontade, capazes de justificar toda esta agitação? Será tudo isto consequência da palavra de ordem «reformar», ou esta só apareceu posteriormente, para tentar remediar um estado de coisas que vinha afirmando e vinculando inexoràvelmente?! Não é que a agitação se iniciou antes de...?

Mas mudemos de tom, e tentemos por nosso lado fazer uma análise do que se está processando neste mundo científico ou pseudocientífico. E para isso, vamos tentar evitar cair num erro muito comum, que é o de isolar o problema do ensino ou da investigação de um mundo que os rodeia, e que, podemos dizer sem receio, os condiciona quase totalmente.

2. ACTIVIDADE CIENTÍFICA

Para tratarmos o assunto, vamos lançar mão do conceito «actividade científica», muito em voga, de significado muito lato e, por isso mesmo, mal definido. Para uso próprio, suporemos «actividade científica» a aquisição, a aplicação ou a divulgação de conhecimentos científicos, assim como toda a relação (que é necessàriamente uma relação de condicionamento) entre aqueles três sectores da actividade. A investigação está, evidentemente, repartida pelos três sectores a investigação fundamental, a das aplicações, e a que está ligada ao ensino como método de estudo; o mesmo não sucede com o ensino que pertence essencialmente á divulgação.

Ora sendo a ciência uma força produtiva, é natural que também existam relações de condicionamento entre a produção e as aplicações da ciência, assim como com a sociedade no seio da qual se exerce esta actividade mormente através do ensino, isto é da divulgação. Estas relações exercem-se nos dois sentidos, constituindo o que os electrónicos costumam designar por *feedback* ou sistemas de realimentação. Esquemàticamente é como se indica na figura 1.

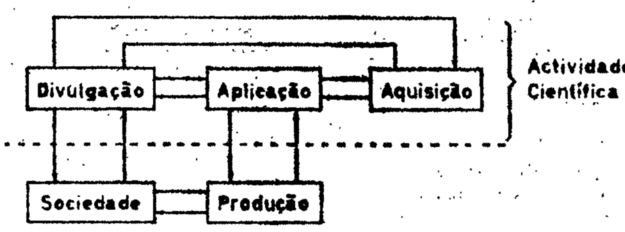


Fig: 1

As relações entre os sectores da actividade sempre existiram, assistindo-se no entanto, simultâneamente com o aumento da importância da ciência como força produtiva, a um fortalecimento das relações entre os vários sectores e a uma diminuição do tempo que leva cada sector a exercer influência nos restantes. E estes fenómenos são de tal maneira significativos, que já não é mais possível abandonar a evolução da actividade científica ao sabor dos acontecimentos, sem se correr o risco de grandes convulsões.

O aumento da produção cria facilidades no acesso á cultura por parte das populações, e exige por sua vez um maior número de trabalhadores científicos em condições de satisfazer as novas necessidades da produção. Simultâneamente, a difusão da cultura vai criar novas aspirações e, portanto, um afluxo a todas as escolas e organismos de ensino. O progresso da produção exige a aquisição de novos conhecimentos, que vão, por sua vez, provocar a evolução dos métodos de produção, etc., etc. Sobrepõem-se assim diversos sistemas de realimentação, que é preciso controlar e programar.

Na figura 2 pode verificar-se a verdadeira explosão (1) havida no pós-guerra no domínio do ensino universitário. É curioso notar que ela já se esboçava antes da guerra, e como parece ter sido travada na Alemanha no tempo do nazismo.

CRESCIMENTO DOS CRÉDITOS DESTINADOS À INVESTIGAÇÃO

Explosão análoga houve no domínio da investigação, onde, por exemplo, em França, os crédi-

ENTREVISTA COM EDGARD MORIN

Conceitos de repressão e contest

● AS PERGUNTAS FORAM FORMULADAS POR JOSÉ FERNANDES FAFE E JORGE TRIGO DE S

Edgard Morin é uma das principais figuras da *inteligentzia* francesa contemporânea

Sociólogo, cineasta, professor, Mesa-Redonda aproveitou a sua passagem por Lisboa para entrevistá-lo, interrogando-o sobretudo a respeito de alguns dos pontos mais intrincados da sua obra, no objectivo de esclarecer quanto possível textos como «Introduction à la Politique de l'homme» e «Le vig du sujet» que são talvez centrais no debate cultural que vivemos.

— No colóquio sobre «cultura e repressão» o conceito marcusiano de «sobre-repressão» não foi discutido. Acha que se trata de uma falta, ou que o conceito não tem uma importância tal que torne obrigatório passar-se por ele quando se discute o tema da cultura e da repressão?

— Só falo por mim De facto não me referi ao conceito de «sobre-repressão» de Harcuse, porque me interessou, mais do que tudo, a decomposição, a análise, da noção de repressão. Falar da «sobre-repressão» seria de algum modo não fazer essa análise, e traçar uma linha divisória entre *repressão* e *sobre-repressão* quando o meu intuito era traçar a linha divisória pelo interior da palavra *repressão*.

O meu problema era fazer estalar os equívocos a respeito da palavra repressão. Por isso é que fui aos domínios da biologia e considerei a repressão num sentido de inibição, funcional. Quando se vê por exemplo um organismo biológico como a célula (vemos alguns biologistas empregarem mesmo a palavra repressão) há potencialidades incluídas numa informação dada, por exemplo no DNA duma célula, as potencialidades desse saber não são utilizadas senão numa pequena parte, sendo o resto do saber inibido. Neste sentido pode falar-se de repressão ao nível biológico. Tenho a consciência de que fiquei a meio caminho porque não basta fazer estalar uma palavra é preciso apresentar os novos conceitos que a substituem

— Em parte fiz-lhe a pergunta porque há, psicanalistas conceituados, por exemplo Pontalis, que não aceitam a noção de «sobre-repressão».

— Tomemos a noção na charneira do psicanalítico e do sociológico. É muito complicado... O termo tem quatro utlizações: biológica, psicanalítica, sociológica e, pode dizer-se, política ..

No plano político o conceito é mais fàcilmente apreensível: trata-se da repressão política que todos, uns mais outros menos, conhecemos... Quanto à noção de repressão e sobre-repressão nos outros planos, eu creio que é preciso empreender um trabalho de crítica conceptual.

«SOU UM OPTIMISTA»

— Na «Introduction a une Politique de l'homme», V. era pessimista quanto à possibilidade de transformação do homem. Ainda mantém que as pulsões agressivas não podem ser postas ao serviço das pulsões de vida, depois da discussão que sobre este tema se travou nos últimos anos?

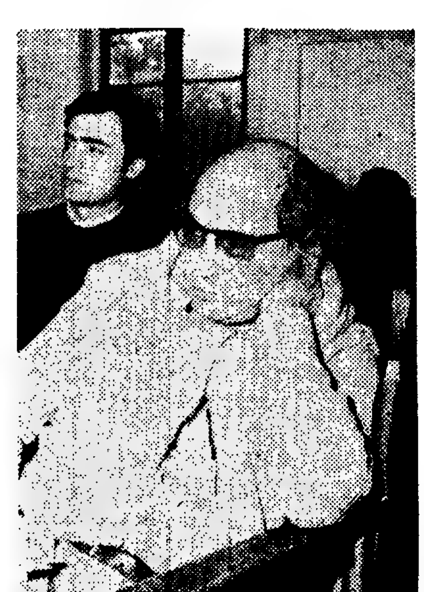
— O problema da agressividade não tem uma solução macro-político-económica. A propriedade colectiva dos meios de produção não resolve o problema da agressividade. Mas ao contrário da maior parte dos meus contemporâneos, eu sou optimista. Creio que estamos num momento de mutação do homem, e talvez a Ciência biológica intervenha para modificar as suas bases fundamentais.

Um problema como este tem que ser tomado na sua globalidade bio-psico-social. O que eu sou é contra as pseudo-soluções, as euforias ideológicas.

Para mim o problema não é pôr a agressividade ao serviço da pulsão de vida, trata-se de um problema de fundo biótico e que não pode resolver-se sem uma análise séria dos problemas postos por Freud no «Mal-estar da civilização»

— No colóquio sobre «Cultura e Repressão» alguns dos participantes espanhóis identificaram (os quase) cultura e ideologia. Acha que esta identificação é legítima?

— Devemos desconfiar deste tipo de identificação. Suponho que eles empregavam o termo *ideologia* no sentido da *vulgata*. Creio que na cultura há um aspecto principal generativo que constitui uma força de produção e de reprodução sociológica. Por exemplo a Alemanha, com o seu grande desenvolvimento tecnológico. Toda a sua indústria é destruída pela


EDGARD MORIN

guerra. mas a Alemanha *demarra* ràpidamente a sua reconstrução, não só devida à ajuda exterior, mas também beneficiando desse capital tecnológico que é os cérebros dos seus engenheiros e técnicos. Eis aquilo a que eu chamo uma *aptidão reprodutora*.

A cultura é um fenómeno cíclico e rotativo que passa pelas fontes produtoras e reprodutoras fundamentais do ser humano social, e passa também pelo aspecto mais gratuito, fantasmático, onírico. Há uma circulação. Relacionam-se as emoções técnicas como os sonhos e os mitos. As emoções técnicas são precedidas dos sonhos, por ex.º icarianos.

Eis o grande paradoxo: de um lado a cultura é o aspecto mais superficial e ilusório (daí o corresponder à ideologia no sentido de um reflexo deformado da realidade, uma maneira de ler o real e ao mesmo tempo de o camuflar a si próprio) e do outro lado a cultura segrega as forças de apreensão do real.

Insisto nessa zona obscura a que chamo «geracional», onde nós somos como observadores que vêem uma caixa negra: dum lado entra o que se chama a Natureza, e do outro sai a cultura, no interior operou-se a transformação.

A cultura é justamente o que se passa no interior dessa caixa negra. A teoria da sociedade, em minha opinião, não poderá progredir senão no dia em que compreender o aspecto generativo do mundo sociológico.

— O seu gosto do vivido deixa algum lugar à integração de teses estruturalistas?

— Mas um estruturalista pode ter o gosto do vivido...

— A razão da pergunta é esta: V. é perito em integrar, no seu pensamento, teses das mais variadas oribens (Freud, Kierejaard...). Daí a razão de ser da pergunta, que eu posso fazer noutros term rou da investigação chan ralista para o seu pens soal?

— Pode não haver r uma teoria e o sujeito po teoria. No meu caso, subjectividade pessoal n vista as teorias, quaisqu sejam. Sustento que o e é uma experiência insu que elimina o aspecto d função do velho axioma ralista: «só há ciência dc

PARTICIPAÇÃO E D

Creio que não devemc escolásticos quanto à c mais que a Física e a profundamente historizad gia tornou-se uma ciênci tal quando pôs como p rico o nascimento do origem da vida. A maio biologistas afirmam hoje cimento da vida se deu e excepcionais, *historizadas* lado a cosmologia fala-r história do Cosmos. A dilatação do Universo é u histórico. Porque é que humanas prescindiremos mensão que existe nout mais objectivas? Sei em preciso criar uma distân obscurato e a coisa, desd em que estudamos fen quais estamos imersos, acontecimento de Maio 6 do que devemos deixar nossas forças subjectiva rito, a paixão, a curiosic patia... É preciso esta arranjo entre a participa tância. Viver uma investi contribuir muito para a ção (como pode trazer eu não sou adepto de qu a participação.

— V., que fala no «V

ta de trabalho?

tos a elas destinados, foram multiplicados por um factor de cerca de sete, durante o período que mediou entre 1956 e 1962. De uma maneira geral, os créditos destinados á investigação têm crescido em todos os países, acompanhando o seu desenvolvimento económico, e aumentando mesmo em percentagem em relação ao produto nacional bruto. Desde valores irrisóriamente baixos para os países atrasados, até 3,4 por cento do produto nacional bruto para os Estados Unidos, em 1963, pode verificar-se uma correlação bastante boa entre o grau de desenvolvimento de cada país e este coeficiente, mantendo-se esta correlação mesmo dentro de cada país, á medida que ele se desenvolve.

A título de exemplo, mostramos ainda na figura 3, a maneira como em França têm evoluído a oferta e a procura de licenciados (²), desde 1959 a 1970. A curva I representa o número de novos licenciados do ano precedente, a II o limite máximo das possibilidades de recrutamento (75 por cento dos licenciados do ano precedente) e a curva III, as necessidades de recrutamento apenas para o ensino.

É curioso notar que no após-guerra, a procura (de mão-de-obra) para o ensino excedia bastante a oferta total pelo que foi lançada uma campanha no sentido de incrementar a formação de técnicos e licenciados. No momento actual, isto já não se verifica, a curva IV representa o recrutamento real a partir de 1965, tomando em consideração os deficits» anteriores.

Este excesso da procura sobre a oferta pode bem ter dado a sua contribuição para os acontecimentos de Maio de 1968, embora pequena, evidentemente, pois á falta de programação estendida a todos os sectores da actividade científica, associou-se ainda uma diminuição dos objectivos sociais visados.

Ainda a título de exemplo, apresentamos a seguir alguns casos particularmente significativos no que concerne á diminuição de tempo que cada sector leva a exercer influência nos restantes (³): decorreram 102 anos entre a descoberta do processo aplicado na fotografia e a própria fotografia (1727-1829); 56 anos (1820-1876) para o telefone; 35 anos (1867-1902) para a rádio; 14 anos (1922-1936) para a televisão; 14 anos (1926-1940) para o radar; 6 anos (1939-1945) para a bomba de urânio; 5 anos (1948-1953) para o transistor.

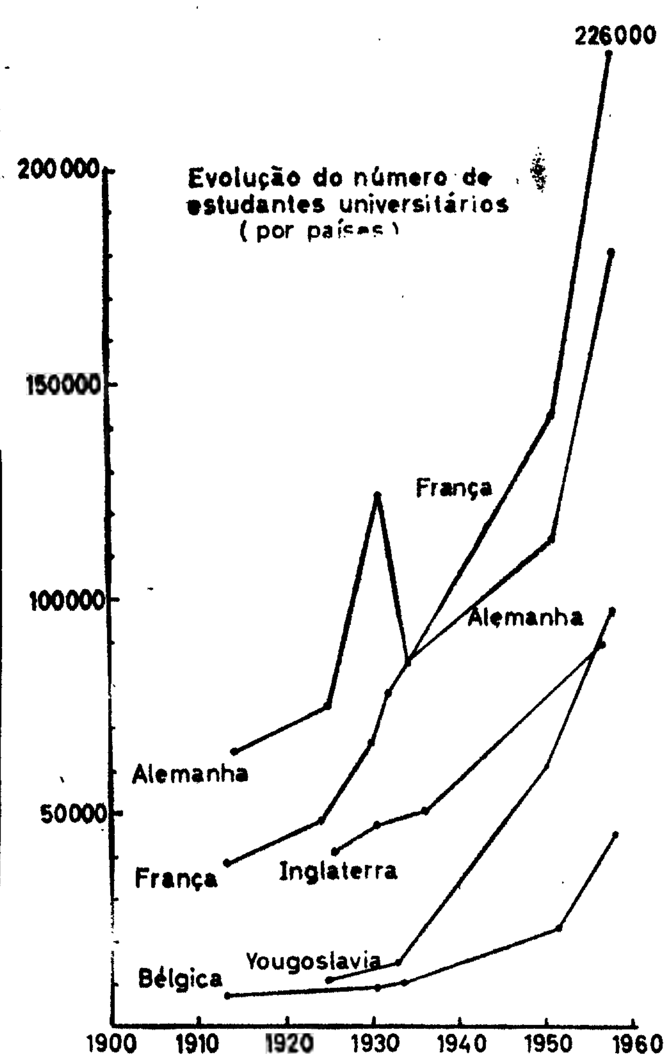


Fig: 2

Fica assim bem saliente a necessidade de programar a actividade científica como um todo, tendo em conta as suas relações com a produção e os seus objectivos sociais. E é com esta finalidade, que a vários níveis, nacional, internacional ou de empresa, se procuram estabelecer políticas científicas.

3. POLÍTICA CIENTÍFICA

Toda a política científica visa objectivos políticos, económicos e sociais, sobrepondo-se uns aos outros de acordo com as circunstâncias. De uma maneira geral pode dizer-se que os objectivos políticos (e atrás de si os económicos) têm uma importância fundamental nos programas dos Estados Unidos, enquanto que na Europa se tem tentado valorizar mais os objectivos sociais. E também se pode afirmar que á medida que cresce a competição económica entre as várias regiões ou países, se assiste a uma substituição gradual dos objectivos sociais por objectivos económicos. É talvez o que se está processando actualmente na Europa.

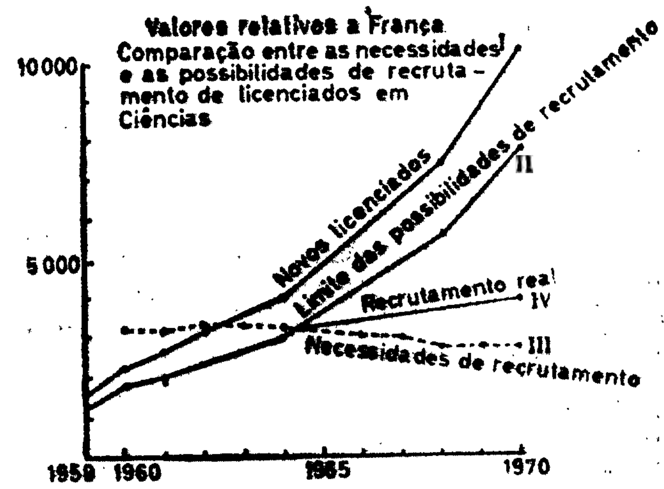


Fig: 3

Para o estabelecimento de uma política científica é necessária a existência ou criação do organismos de gestão, prospecção e previsão, distribuídos pelos sectores da actividade, e para que estes organismos funcionem, que se tenham criado hábitos de diálogo entre as pessoas e entre os organismos, se tenham divulgado os problemas, e que os vários sectores da população estejam mais ou menos conscientes dos objectivos visados. Por exemplo, um plano de fomento económico relativo a um país ou região, tem absoluta necessidade de estar apoiada numa política científica, a qual, por sua vez, fica condicionada por esse plano. E porque toda a política científica tem objectivos sociais e exige investimentos (feitos á custa da população visada), torna-se imperioso que todos os sectores estejam informados e sejam consultados a respeito da política adoptada ou a adoptar. Os organismos de prospecção não podem trabalhar apenas dentro do mundo científico, mas têm de criar estruturas que lhes permitam sondar as necessidades e aspirações da população visada pela política científica.

Portanto, a par de um ambiente favorável, em que o diálogo não seja acidental, mas sistemático, é necessária a existência de uma estrutura de organismos, capaz não apenas de programar, mas também de executar a política adoptada.

E um ponto importante ainda a salientar é a unidade que deve caracterizar uma política científica. Uma medida tomada num dos sectores da actividade científica, só pode ser apreciada dentro e em relação á política que serve. Ela será boa na medida em que serve bem essa política, e esta por sua vez corresponde aos objectivos visados.

Mas não direi mais, para que não me julguem uma segunda edição de M. de La Palice. Só desejava agora fazer umas perguntas, a ver se alguém me pode esclarecer umas pequenas duvidas.

4. PERGUNTAS SEM RESPOSTA

— Pode exprimir-se uma opinião sobre um dado tema da actividade científica, isolando-se de tudo o mais, e sem referência a uma política científica? Sem referência a esta política, não é de esperar que os elementos mais representativos do nosso «escol intelectual», preconizem medidas divergentes para um mesmo problema?

— Poder-se-ão elaborar e levar a cabo as directizes de uma política científica quando não existem os organismos representativos das classes que a vão pôr em execução?

— Pode uma dada política científica visar fins sociais, se o meio científico está isolado da sociedade que o mantém e justifica?

— Tem sentido um inquérito de opiniões, sem simultâneamente se levar a efeito um programa de informação (diálogo) sobre os problemas em causa?

— É possivel proceder a reformas em qualquer dos sectores da actividade científica, através de comissões ou grupos «sui generis», nomeados temporáriamente para o efeito:

— Pode uma universidade auto-reformar-se quando se fecha em si própria, e se isola dos problemas que a circundam?

(¹) *Valores extraídos de: BEN-DAVID, J.: La Recherche Fondamentale et les Universités. Publicação da O. C. D. E.*

(²) *Gráfico extraído de PIGANIOL, P. et VILLECOURT, L.: Pour une Politique Scientifique.*

(³) *Exemplos citados por CHORAFAS, D. N.: La Fonction de Recherche dans l'Entreprise.*

stação

DE SOUS.

...os termos: que reti- ...a chamada estrutu- ...u pensamento pes-

...haver relação entre ...jeito portador dessa ...caso, creio que a ...apel não perde de ...quaisquer que elas ...ue o estruturalismo ...ia insuficiente por- ...pecto do vivido em ...axioma pré-estrutu- ...ncia do geral».

...O E DISTÂNCIA

...devemos ser muito ...to à ciência, tanto ...a e a Biologia são ...torizadas. A biolo- ...ciência fundamen- ...como problema teó- ...o do ser vivo, da ...A maior parte dos ...n hoje que o apare- ...e deu em condições ...*orizadas*. Por outro ...a fala-nos de uma ...os. A explosão ou ...rso é um fenómeno ...é que nas ciências ...rfamos de uma di- ...sei noutras ciências ...Sei em Sociologia é ...distância entre o ...a, desde o momento ...os fenómenos nos ...eseos, por ex.º os ...Maio 68, eu defen- ...deixar participar as ...objectivas no inqué- ...curiosidade, a sim- ...poi estabelecer um ...articipação e a dis- ...investigação pode ...para a sua elucida- ...trazer erros). Mas ...a de que se elimine

...no «Vit du sujet» de desdobramento de personalidade, de múltiplas personalidades, que consistência tem para si a noção de personalidade, e a de sujeito?

— Para mim a personalidade é uma espécie de construção inconsciente, onde o papel que se desempenha é consolidado por uma aparência ao mesmo tempo psicológica, vestimentária, etc.... A personalidade é uma cristalização de um certo número de pulsões que nós temos, na nossa multiplicidade. Somos antes de tudo uma multiplicidade caótica interior que a certa altura encontra modelos. Estes modelos são um compromisso entre os modelos que a sociedade nos fornece, a cultura, e um certo número de coisas que se encontram no nosso interior, em função da nossa realidade genética, que desenvolve esta ou aquela necessidade, esta ou aquela aspiração. Então, temos uma personalidade dominante de várias personalidades. A personalidade é a nossa maneira de existir socialmente e de nos reconhecermos a nós próprios.

A noção de *sujeito*, isso é muito mais complicado.

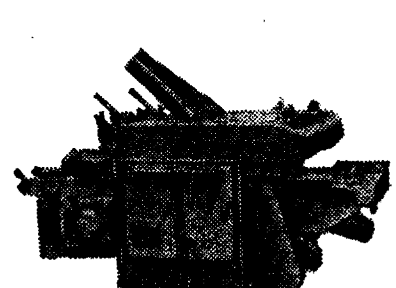
Hoje estamos na polémica à roda do par sujeito-objecto. Dá-se uma reacção contra filosofias do sujeito, herdadas do existencialismo. A modernidade definir-se-ia pela exclusão total da noção de sujeito, mesmo da de *homens* como diz Foucault.

Ora eu sinto-me estranho à alternativa. Quando se constituiram as ciências objectivas o sujeito ficou apenas como um resíduo. Depois veio a vingança do resíduo... as ciências objectivas são superficiais, limitam-se aos fenómenos, etc

Sinto-me estranho à polémica porque creio que o par sujeito-objecto é o par infernal do pensamento ocidental, que nós não podemos exorcizar, constituindo um monismo.

(Cont. na pág. 10)

«MIDA»



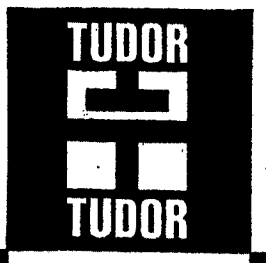
UMA FABRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MAQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:

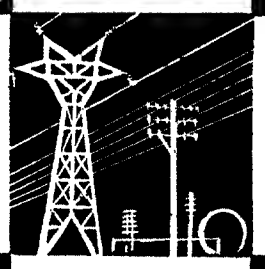
- SERRAÇÃO
- CARPINTARIA
- MARCENARIA

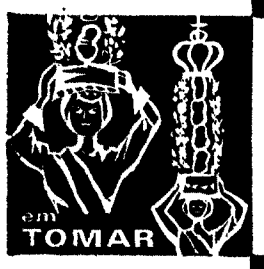
PLAINA DE 4 FACES
Mod. P 4 E

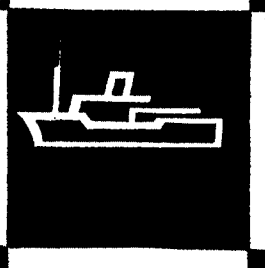
Fábrica: — TROFA Tel 94923/4/5

FILIAL EM LISBOA:
AV. DEFENSORES DE CHAVES, 3/A (TELEF 44147)

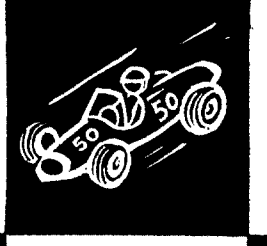


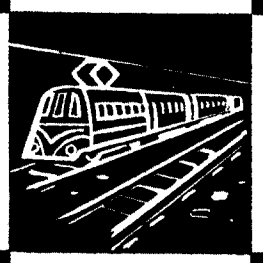




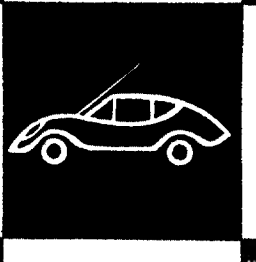


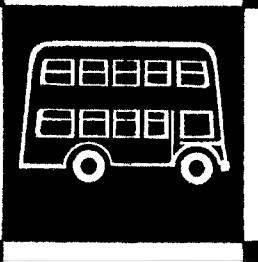
HA 50 ANOS
SUBSTITUIMOS
A MANIVELA,
AMANHA,
PODEREMOS
SUBSTITUIR
O COMBUSTIVEL.





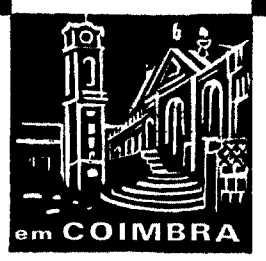
OS VELHOS
CALHAMBEQUES
SAO MAIS
JOVENS
DO QUE NOS

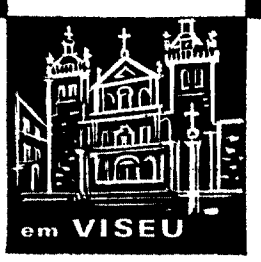




"O ENVELHECIMENTO
NADA TEM A VER
COM A IDADE.
UMA EMPRESA TOR-
NA-SE VELHA QUAN-
DO E MAIS ABSORVI-
DA PELO PASSADO
DO QUE PELO FUTURO"

MAIS, MAIS, E MAIS...
sim.
mais progresso
mais tecnica
mais desejo de o
servir melhor





TUDOR
50
ANOS

TUDOR

baterias · pilhas secas

A SUA SATISFAÇÃO É O NOSSO OBJECTIVO MAIOR

A BASE DESTA COMPOSIÇÃO É A BANDEIRA DAS COMPETIÇÕES AUTOMÓVEIS, SIMBOLO DA NOSSA VITÓRIA EM 50 ANOS DE EXPERIÊNCIA FABRICANDO PILHAS E BATERIAS. UTILIZE-A PARA JOGAR DAMAS OU XADREZ.

Recomeçaram no Luxemburgo as negociações Mercado Comum-Grã-Bretanha

(Cont. da pág. 1)

danças do Governo na França e Alemanha vieram trazer condições políticas mais favoráveis a um retomar de conversações.

O principal obstáculo de ordem económica tem sido a agricultura em virtude de na Inglaterra os preços agrícolas serem fortemente subvencionados «dificiency payment system» pelo que a adopção dos preços agrícolas da C. E. E. seria uma carga pesada para a Inglaterra, calculando-se que a balança de pagamento sofreria uma pressão de 1 a 2 milhões de dólares.

Os preços agrícolas do Mercado Comum, mais caros, viriam a aumentar os rendimentos dos agricultores britânicos mas simultâneamente agravariam o custo de vida na ordem dos 3,5 a 4 por cento, com todas as consequências sociais e políticas.

Mas, por outro lado, a adesão da Inglaterra, iria permitir um esplêndido mercado, devido ao seu défice de produção, para os excedentes agrícolas da C. E. E., de cereais, manteigas e açucar.

Sendo a Inglaterra um dos maiores importadores de produtos alimentares do mundo a sua adesão viria também tornar menos agudo o problema da criação de 2,5 milhões de empregos para os trabalhadores rurais que, segundo se calcula, terão de deixar o sector.

Quer dizer os obstáculos de ordem económica, quer seja a política agrícola, o esterlino, ou a Commonwealth não são de modo algum insuperáveis, o que leva a pôr sérias dúvidas sobre a continuidade da Europa dos Sete.

Ora a entrada da Inglaterra para o Mercado Comum viria a pôr problemas à economia portuguesa, pois sendo este o nosso principal cliente (19,5 por cento do total das nossas exportações em 1969), todas as dificuldades que venham a surgir às nossas exportações terão um reflexo elevado na nossa economia.

3 — Abrindo-se novas perspectivas à entrada da Inglaterra na C. E. E., cujas dificuldades sempre temos visto com satisfação mal disfarçada, a nossa posição começa a ser menos clara.

Os mercados alargados são benéficos às empresas de grande dimensão (economia de escala), são factores de expansão das empresas multinacionais e dos monopólios na fase concreta que o capitalismo atravessa...

Ora, nos documentos oficiais, quer no III Plano de Fomento, quer na Lei de Meios de 1970 bem expresso genèricamente que é preciso adaptar gradualmente a economia portuguesa à sua integração em espaços mais vastos.

Esta adaptação que pouco se tem visto, tem-se manifestado, ùltimamente, no incitamento apressado às fusões, concentrações associações com vista à criação de unidades com poder concorrencial...

Mas os grupos económicos dominantes não têm interesses coincidentes: uns voltados para o mercado interno, outros para o mercado externo. Essas posições têm dado origem às querelas das viragens à Europa e à África que, ùltimamente, até tiveram a sua expressão mais alta na Assembleia Nacional, tendo em entrevista declarado o dr. Dias Rosas de que não havia opção entre o espaço económico português e a C. E. E., pois o nosso mercado não era de rejeitar por estes.

O grão-duque e a grã-duquesa do Luxemburgo ofereceram um jantar em honra dos ministros dos Negócios Estrangeiros dos «Seis» ali reunidos para discutir a adesão britânica

Sobre isto deixamos registado o que escreveu o dr. F. P. M. no livro «Por onde vai a economia portuguesa»: «A ligação da África à Europa, no espaço único português não encontraria um clima benévolo e compreensivo de países que — para bem ou para mal — quebraram os laços análogos não há muito tempo ainda e vêem com outra filosofia as relações entre os povos».

4 — Mas vejamos os números que traduzem a realidade quantificável:

Em 1968 Portugal importou 11 342 500 contos da C. E. E., com quem teve o défice de 7 696 900 contos. Da Europa importou 20 750 milhares de consot e das Províncias Ultramarinas 5 343 milhares de contos.

Quer dizer a Europa representou em 1968 61,29 por cento das nossas importações e 52,66 por cento das nossas exportações e em 1969 estes números foram respectivamente de 66,3 por cento e 24,98 por cento. As Províncias Ultramarinas representaram para 69 respectivamente 14,3 por cento. Por aqui se pode ver o peso relativo e concentrado que representaram no nosso comércio externo.

O défice em relação aos principais países da C. E. E. tem-se agravado sobretudo com a Alemanha que em 1968 atingiu os 4 032 000 contos.

Nos três primeiros meses deste ano a Europa regista 62 por cento das nossas importações e 57,1 por cento das exportações.

As Províncias Ultramarinas registaram, respectivamente, em igual período 18,6 por cento e 25,1 por cento, nestes últimos anos o volume de exportações para estes mercados não tem aumentado.

Quanto à África não portuguesa, por razões conhecidas, tem tido um comércio deminuto com Portugal. Nos três primeiros meses deste ano, para termos uma ideia, as estatísticas apresentam 1,7 e 2 por cento, respectivamente, das nossas importações e exportações.

Para terminar chamamos a atenção do leitor para o parecer da Comissão encarregada de apreciar as contas gerais do Estado em 1968 de que transcrevemos um extracto, sem comentários, referente ao comércio externo:

«É paradoxal o aumento do défice com os países da C. E. E., associados politicamente pela N. A. T. O., e a quem o País, pela emigração, presta grande ajuda (1). Esse défice aumentou muito em 1968».

CARLOS CARVALHAS

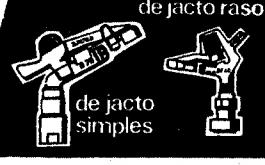
(1) Nos três primeiros meses deste ano as nossas importações de Espanha representaram sòmente 3,7 por cento do total e as nossas exportações não atingiram os 1,3 por cento. Tinham com a Espanha nestes três primeiros meses um défice de 2187 milhares de escudos.

(2) O sublinhado é nosso.

rega por aspersão "BAUER"

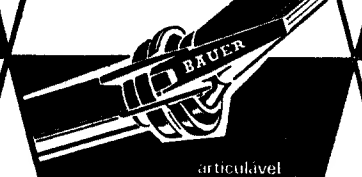
rega em todo o terreno... rega todas as culturas.

ASPERSORES de jacto raso



de jacto simples

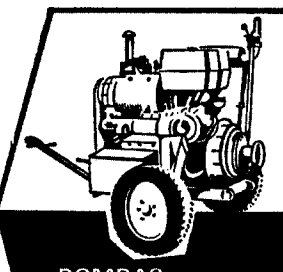
TUBAGEM transportável; com acoplamento rápido



articulável (30° de latitude) pressão de serviço: 20 kg/cm²

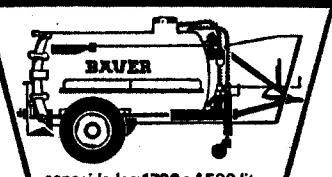
•rega com chorume
•rega contra geadas
•rega de coloração
•rega de humedecimento

INSTALAÇÕES DE REGA POR ASPERSÃO
▪transportáveis;
▪semi-fixas;
▪totalmente fixas.



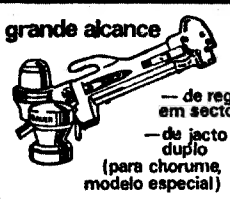
BOMBAS
MOTO BOMBAS
ELECTRO BOMBAS
BOMBAS P TRACTOR
grandes stocks

VIATURAS CISTERNA
para:
recolha, transporte e aspersão automática dos estrumes líquidos.



capacidades: 1.700 a 4.500 litros

de grande alcance



— de rega em sector
— de jacto duplo
(para chorume, modelo especial)

Ao Serviço Informativo ENG-GUSTAVO CUDELL
Apartado, 248 - Porto
Queiram enviar-me literatura sobre:
○ Rega de humidificação;
○ Rega com chorume;
○ Rega contra geadas;
○ Viaturas cisternas;
○ Bombas para tractor.

Temos muitas centenas de instalações "BAUER" em todo Portugal!... ...adquira V. Exª também UMA.

CONSULTE A NOSSA DIVISÃO REGA

ENG° GUSTAVO CUDELL

● DIVISÃO O+P ● DIV. REGA ● DIV. MÁQUINAS ● DIV. TRANSMISSÕES MECÂNICAS ●
PORTO - Rua do Bolhão, 157
Telef. 37966 (5 linhas) - Telex 2723
LISBOA 1 - Rua Passos Manuel, 69-A
Telef. 539127 (4 linhas) - Telex 1439

SC-1

Conceitos de repressão e contestação

(Cont. da pág. central),

No que eu escrevo creio haver uma tendência para a objectividade no facto de eu por a minha subjectividade na mesa: eu sou assim, e o leitor pode detectar a minha parte pessoal, contingente, criticável...

UMA TEORIA DAS NAÇÕES

— V. anunciou há muito um livro sobre as nações e os nacionalismos. Tenciona ainda publicá-lo?

— Tenho todos os elementos para construir uma teoria das nações. Falta-me o mais difícil: escrevê-la.

A realidade nacional é um acontecimento importantíssimo do nosso século. Nós vimos nações a formarem-se, vemos nações em gestação (o caso do sionismo, o caso das nações islâmicas) o nosso tempo dá-nos oportunidade de observar o processo. É o socialismo que controla o nacionalismo ou o nacionalismo o socialismo? Eis um problema-chave a resolver e no qual a sociologia se não tem detido suficientemente. A nação apresenta-se como um todo orgânico, com certos traços de ser vivo. E volto a cair numa certa iluminação biológica, sem fazer pan-biologismo, o que em minha opinião é ridículo.

Estou à espera de uns meses ou de um ano livre para escrever essa obra.

— Sobre o «Cinema-Verdade». Creio que a primeira vez que se usou esta expressão foi com o cinema soviético: Vertov, Kino-Pravda. Passaram-se muitos anos e em França retomaram a mesma expressão. Ora há diferenças entre o «Cinema-Verdade» soviético e o francês, não é assim? E o que quer dizer «Verdade», quando se fala de «Cinema-Verdade»?

— Creio que foi em 1959, depois de ter assistido ao Festival do Filme Etnográfico e Sociológico em Florença, após termos visto um certo número de filmes documentários de um tipo novo, quer dizer, em que a palavra desempenhava um grande papel (estou a lembrar-me dum filme, Karel Reisz, entre outros), depois desse festival, eu escrevi um artigo para o *Observateur*, intitulado «Por um novo «cinema-verdade». Eu queria dizer que estava em vias de nascer um novo tipo de documentário. O título do artigo mostrava uma referência ao Kino-Pravda de que você falou. Mas havia uma grande diferença, quanto à montagem, que tinha uma grande importância no cinema de Vertov. A segunda grande diferença reside em que o novo «cinema-verdade» é *sonoro*. Eu tinha-me dado conta de que até aí os documentários não eram verdadeiramente *falados*, quero dizer, as pessoas não falavam. Depois desse festival dei-me conta de que a palavra a discussão, a expressão de si se tinha tornado muito importantes. E que era preciso trabalhar, aprofundar, neste domínio da palavra. Isto só foi possível no quadro de uma evolução técnica. Certos realizadores de televisão tinham apurado a câmara ligeira contumada de som sincrónica. Jean Rouch, no seu filme «Le maître fou», pràticamente sòzinho fez a tomada de som e de vistas...

Foi depois do Festival de Florença que eu propus a Jean Reuch fazer a *Chronique d'un été*. O produtor aproveitou para a publicidade a expressão «cinema-verdade».

OS EQUÍVOCOS DA VERDADE

O nome é equívoco. Este é um «cinema-verdade», e o outro um cinema-mentira? Ora para mim um cinema de mentira. O espectador sabe que vai ver ficção, e pode haver uma verdade psicológica, sociológica, num filme de ficção, enquanto um documentário pode ser completamente fabricado. Há, um segundo equívoco a respeito da palavra verdade. Filosòficamente a noção de verdade é muito difícil de definir, é a maneira de aderir a qualquer coisa que está no ser das coisas, o que se pode dizer é que há uma tensão para a verdade... Deve-se entender o «cinema-verdade» numa procura de verdade menos superficial que as imagens habituais dos documentários, na medida em que esse «cinema-verdade» estabelece um diálogo entre as pessoas que filma, trata-se, de uma procura para além das aparências, e é esse o sentido da palavra verdade.

Num sentido político, em «Chronique d'un éte» havia um grupo de jóvens operários que exprimia uma revolta contra as condições de trabalho, eles não punham os problemas em termos de sindicalismo habitual (aumento de salários, menos horas de trabalho, etc.) mas falavam das suas condições de trabalho na sua fábrica especializados do traumatismo que a vida deles era... Isso era o mais interessante. Esse tipo de revolta que não aparecia na retórica política das organizações de direita ou de esquerda.

Não há dúvida que a expressão «novo cinema-verdade» não é feliz pois em toda a parte aonde eu vou me pedem esclarecimentos sobre ela.

(As perguntas a Edgard Morin foram formuladas por José Fernandes Fafe, à excepção da última, sobre o «cinema-verdade» que foi feita por Jorge Trigo de Sousa)

Livros novos

DA FILOSOFIA, de Delfim Santos

Reeditou-se na colecção Horizonte (a 1.ª edição data de 1939) este «formoso livrinho», expressão adequada de Joel Serrão, que o prefacia.

«Formoso» pela expressão plástica própria de um espírito que se move á vontade pelo objecto da sua reflexão, «livrinho» porque não chega a cem o numero das suas páginas.

Lê-se «Da Filosofia» e pasma-se de facto como Delfim Santos não conseguiu ser em Portugal professor de Filosofia, sequer no liceu! Fez bem Joel Serrão em lembrar este significativo pormenor.

Vale a pena dizer que a posição existencial de Delfim Santos é discutível?

«Refutemo-lo com calor e imaginação» escreve o prefaciador. E com compreensão, poderia ter acrescentado na sua nota admirativa. Discutamo-lo, em suma. Essa a melhor homenagem que se lhe pode prestar.

Temos pena que este suplemento, porque se dirige a um publico vasto, não permita mais do que uma breve recensão da obra, que embora escrita com elegante clareza não deixa de usar, necessàriamente, uma terminologia de especialidade, diante da qual a maioria dos leitores da Mesa Redonda sentirá dificuldades. A minoria, porém, assinalamos este livro que pode muito bem constituir uma acolhedora introdução á Filosofia.

PORTUGAL NA BALANÇA DA EUROPA, de Almeida Garrett

Na mesma colecção Horizonte, «Portugal na Balança da Europa», a célebre obra política de Almeida Garrett, tornada assim acessível aos que se interessam pelo nosso século XIX e aos que pretenderem deleitar-se com a prosa admirável do grande escritor.

Valoriza a edição um «Brevissimo roteiro da vida e da obra de Almeida Garrett», da autoria de Joel Serrão.

NA COMPRA DE UMA

MÁQUINA DE LAVAR LOUÇA

DESDE 100$00 MENSAIS

sem entrada | fiador

OFERECEMOS 12 PACOTES DE sun

E 4 FRASCOS DE sun LÍQUIDO

JOVICA

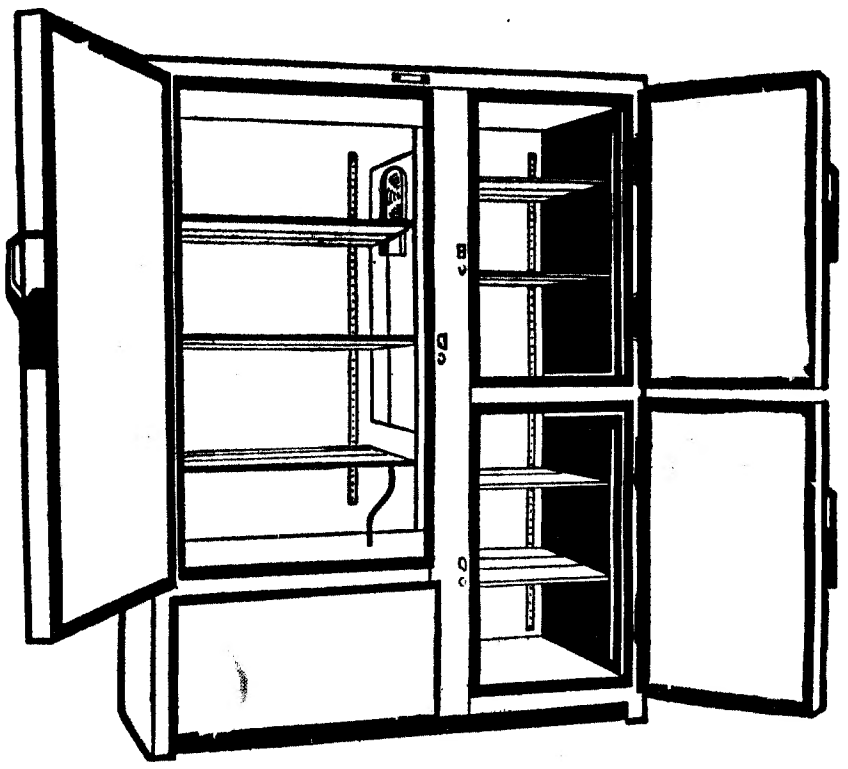
Av. 5 de Outubro, nº 53-C - Telefs. 53 5010 - 47769

FILIAIS: Cacém - Sintra - Cascais - Venda Nova e

agora também no Largo de D. Estefânia, n.º 12-D

Kelvinator

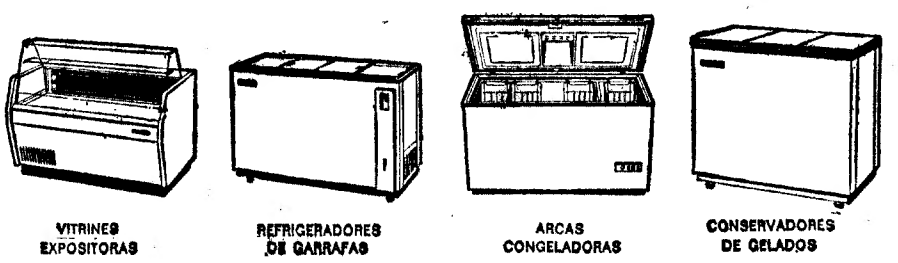
a marca americana de fama mundial



ARMÁRIOS FRIGORÍFICOS

EM REFRIGERAÇÃO, CONGELAÇÃO OU MISTOS

CAPACIDADES DE 500 A 1200 LITROS.



VITRINES EXPOSITORAS

REFRIGERADORES DE GARRAFAS

ARCAS CONGELADORAS

CONSERVADORES DE GELADOS

sequel

Trav. do Moinho de Vento, 28 C

Tel. 67 32 94 / Lisboa 3

TRABALHO INFANTIL — 4

Um dia de compreensão mundial

LEONOR MARTINHO SIMÕES

Em face da vida destas crianças frente às condições da sua infância sem infância, a pergunta impõe-se: como serão os adultos que não tiveram direito à infância?

Até que ponto um trabalho precoce, roubando à criança a simplicidade, a espontaneidade, a leveza de uma vivência despreocupada, se torna marcante na vida do homem, reflectindo-se na sua visão do mundo, das coisas e das pessoas, na sua maneira de viver, no que espera da vida e no que exige de si próprio? Que pensará esse homem do trabalho infantil? Até que ponto se sentirá de alguma maneira defraudado na sua infância? Ao fim e ao cabo, como funciona o trabalho da criança no adulto que será e na sociedade em que se insere?

Diz-nos Matilde Rosa Araújo: «Julgo que uma criança que trabalha será sempre um adulto «respirando» mal a plenitude, a alegria de viver a que todos temos direito. A nostalgia da criança que não fomos é das piores nostalgias.»

José Manuel Vaz Rodrigues, empregado na Atica, trabalhou em criança na Hidro Eléctrica do Douro, e diz disso: «Eram 8 horas diárias. Ganhava 12$00 ao dia, para o fim 20$00. Acarretava sacos, baldes de areia, cimento, etc. Aquilo é que era um trabalho duro. Fui um sacrificado, mas os meus pais precisavam e foi o que se pôde arranjar. Acho que não se deve começar a trabalhar antes aí dos 15 anos, para até lá ir estudando. Tenho dois filhos, que queria que não passassem pelo que eu passei. Mas se tiver de ser...»

Padre João Perestrello: «Uma criança que tem a sua infância invadida pelo trabalho profissional e não tem tempo para brincar, nunca é uma verdadeira criança, e, uma vez adulto, terá a falta irreversível da fase da infância, ter-lhe-á faltado uma vivência essencial à integridade do seu desenvolvimento.

Talvez possa vir a corrigir esta deficiência, mas nunca suprirá de tal modo que não fique psiquicamente «aleijado». São os caracteres bisonhos de tantos adultos sisudos que nos rodeiam.»

Por vezes o emprego aparece à criança como um passaporte para fora de um círculo limitado (a instrução primária na aldeia, o ficar pela aldeia); porque uma família modesta não tem meios de lhe abrir novos horizontes de futuro, é a criança que assume essa conquista, dura mas necessária.

Assim o caso de um rapaz que, aos 10 anos, «e para sair dali, onde não havia possibilidades de futuro de espécie nenhuma», foi para uma terra distante da sua, para uma mercearia. Ficou totalmente entregue, com a tal recomendação de lhe baterem se fosse preciso. Não ganhava dinheiro, estava ùnicamente a troco de comida e roupa. A princípio podia sair ao domingo à tarde, mas essas saídas foram rareando e acabaram por por não existir. A experiência acabou ao fim de dois anos, por uma fuga durante a noite, «por não aguentar mais.» Não foi para o emprego contente, mas também não foi contrariado, porque «havia já como que uma preparação, uma mentalização de que era mesmo necessário sair dali para seguir outros rumos.» E diz: «Foram dois anos muito graves, até do ponto de vista físico. Quando fugi não foi para voltar para a aldeia, mas para um sítio onde me era possível fazer um trabalho baseado na compreensão das pessoas não um trabalho de escravo.»

Matilde Rosa Araújo: «Podemos pensar que muitas crianças que trabalharam tiveram tal prova como estímulo, e que, mais tarde, foram grandes homens. Mas estas, mesmo que nos pareçam muitas na imensidade do tempo que já vivemos, só nos podem fazer pensar nas sem-número, e esquecidas porque se apagaram, que foram reduzidas nas suas possibilidades porque não suportaram uma «rodagem» adulta em idade frágil: e nelas não podemos deixar de pensar.»

A primeira sessão da conferência da Organização Internacional do Trabalho (O. I. T.), em 1919, adoptou uma convenção fixando o limite mínimo de 14 anos de idade para a admissão ao trabalho na indústria; em 1937 reviu esta convenção, subindo o limite para os 15 anos. Quanto aos trabalhos marítimos, a O. I. T. fixou em 1920 os 14, em 1936 os 15 anos. Em 1921 convencionou-se que as crianças de menos de 14 anos só deverão trabalhar na agricultura fora das horas de aula, e fixou-se o limite de 18 anos para os trabalhos perigosos. Estas convenções têm sido a pouco a pouco ratificadas por bastantes países. Assim, por exemplo, o Governo português obrigou-se, em 1960, a estabelecer como idade mínima de admissão de menores no trabalho a bordo de navios a idade de 14 anos.

Em 1951 a O. I. T. realizou, a pedido da U. N. E. S. C. O., um estudo sobre o trabalho das crianças nas suas relações com o desenvolvimento da instrução obrigatória. Verificou que, não obstante a aceitação quase universal da ideia de que os menores devem ser protegidos contra o trabalho prematuro, numerosas crianças eram ainda obrigadas a trabalhar muito cedo, especialmente na agricultura e na indústria, e que a acção dos Governos na tentativa de proteger a criança enfrentava as dificuldades resultantes do baixo nível económico.

Em 1952, a União Internacional de Protecção da Infância propôs um Dia da Infância, que foi celebrado pela primeira vez em Outubro de 1953, por 40 países. A Assembleia Geral das Nações Unidas estabeleceu oficialmente em 1954 um Dia Mundial da Infância, que constituiria todos os anos «um dia de fraternidade e de compreensão mundiais entre as crianças.»

Em 1955 um despacho ministerial proíbe entre nós o trabalho nocturno de menores de 18 anos, ratificando a convenção do B. I. T. (Secretariado da O. I. T.).

O VII Congresso da Repartição Internacional Católica da Infância (Lisboa, Junho-Julho de 1959), aprovou nas suas conclusões que: «A preparação do futuro da criança deve ter em conta as condições concretas da existência do mercado do trabalho e do mundo do trabalho. Estas condições são complexas e mutáveis: é da maior urgência manter sempre, e de uma forma constantemente renovada, todos os educadores ao facto dessas condições. Em consequência, o congresso emite o voto de que existam uma cooperação e um diálogo cada vez mais constantes entre os técnicos da vida económica e social de um país ou de um continente e os educadores desses mesmos países ou continentes.»

ao acaso da rua

Que pensa do trabalho infantil?

«UM CRIME»

Luísa de Brito Pires estuda no liceu e pensa como convém:

— A maioria das crianças não tem ambiente familiar e apoio para se cultivarem ou para estudar. Conheço muitas crianças no meu bairro que trabalham (empregados de mercearia, paquetes). Não têm infância, não vivem como os outros. Acho um crime as crianças trabalharem.

«TRIPAS E POLVO»

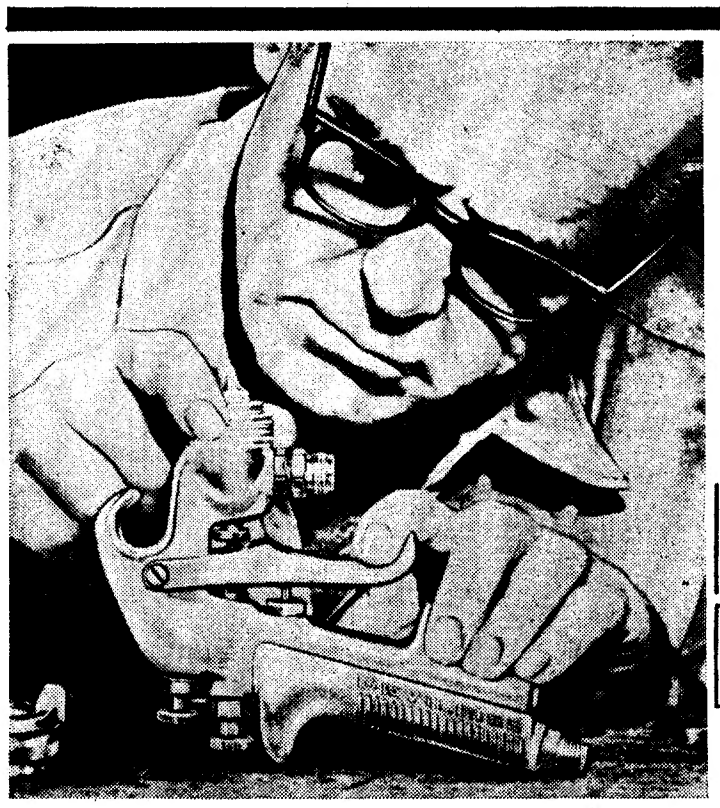
Joaquim Costa Ferreira tem 15 anos de idade. Começou a trabalhar aos onze anos no Porto e veio para Lisboa para a Castanheira.

— Vim para Lisboa porque o tipo dava sempre tripas e polvo seco. Eu gostava de estudar, mas não podia. Tinha pouco mónei.

«FAZIA TODO O SERVIÇO»

Fomos ao Cais do Sodré e encontrámos António Francisco dos Santos, 71 anos, descarregador de peixe:

— Comecei a trabalhar aos quize anos em Lisboa a ganhar 1$20. O meu pai tinha uma padaria na Lousã e eu trabalhava lá. Andei com o dr. Ulisses Cortês na escola. Na padaria amassava e fazia todo o serviço. Ia para o trabalho mal acabava a escola. Agora trabalho há 53 anos na descarga do peixe.



Esperamos que você seja suficientemente curioso sobre "qualidade"

Para apreciar verdadeiramente a extrema qualidade da DeVILBISS, examine bem «por dentro» — quanto mais perto melhor. Encontrará uma precisão de fabrico que até um relojoeiro invejaria. Mas será de facto necessária tanta precisão no fabrico de uma pistola de pintura? DeVILBISS pensa que sim, porque ultrapassa todo o engenho e eficiência do melhor pintor. Oferecemos-lhe um serviço, tanto em produção como em manutenção, que nenhuma pistola poderá igualar. Peça hoje mesmo uma demonstração de qualquer dos sistemas de pintura: convencional, tinta aquecida (hot spray), sem ar (airless), ou, electrostático.

MARCA 70

PISTOLAS DE PINTURA | COMPRESSORES DE AR | AQUECEDORES DE TINTA | BOMBAS DE TINTA | CABINES DE PINTURA

DEVILBISS

AGENTES GERAIS

Bethencourt Bros., Ltd.
Rua da Cruz Vermelha, 11-B e D — Lisboa-4
Telef. 76 14 49 - 76 15 84 - 76 15 86

Walter Löbe, Ld.ª
Rua Fernandes Tomás, 841 - 2.º
Telef. 3 09 43 — Porto

O PENTAGONISMO SUBSTITUTO DO IMPERIALISMO
por JUAN BOSCH
ex-presidente da República Dominicana
Uma análise implacável da política americana

VIOLÊNCIA E CONSCIÊNCIA
por M. CLÉMENT, H. FRONSAC e P. FÉGAMEY
Que é a «objecção de consciência»?

primeiros volumes da
Colecção MUNDO IMEDIATO
MORÆS editores

A VITÓRIA DE SCHREIBER EQUIVALERÁ AO TRIUNFO DA «VIA AMERICANA»?

Um empobrecimento para a Europa

Jean-Jacques Servan-Schreiber venceu a eleição legislativa parcial de Nancy (as eleições gerais devem efectuar-se em 1973). O antigo director da revista «L'Express» e actual secretário-geral do Partido Radical obteve a sua vitória numa dura batalha (segundo escrutínio) contra um gaullista, Roger Souchal (U. D. R.) e um comunista, Michel Antoine François Borella, representante do Partido Socialista Unificado (P.S.U.) desistiu a favor de Michel Antoine.

J.-J. S.-S. lançou-se nesta pugna com toda a força da sua capacidade e com o ímpeto colhido na sua desmedida ambição política. Dentro da França a sua meta naturalmente o Eliseu. Mas ninguém se permitirá afiançar que as vistas de Servan-Schreiber não ultrapassam de muito o limite da fronteira francesa. Ao certo que pretende o «leader» radical? Tornar-se a figura mais importante da vida política francesa ou jogar mesmo um papel de relevo no continente europeu? Um elemento basta para evidenciar a decisão com que Schreiber saiu á conquista deste êxito: calcula-se que terá gasto na campanha eleitoral cerca de 170 mil francos franceses (cerca de 745 contos). A «operação «Nancy» brilhou aos olhos do autor do «Desafio americano» como o grande trunfo capaz de o alcandorar aos píncaros onde mora o seu sonho. Daí o fôlego da sua arremetida.

Se o «Desafio americano» foi o livro que lhe deu enorme prestígio no mundo (apesar das críticas que lhe são feitas pela debilidade dos números e das teses), Servan-Schreiber é também autor de um outro livro («Lieutnant en Algérie»), volume que lhe valeu um processo e a acusação de atentar contra a moral das Forças Armadas. Um incidente apenas (de que saiu absolvido) na vida de um homem que se quer fadado para grandes rasgos. Aluno da Escola Politécnica, Jean-Jacques alistou-se durante a ocupação nazi, como piloto nas Forças Francesas Livres. Tornou-se mais tarde jornalista de «Le Monde» e, posteriormente, colaborou com Mendès-France e com Gaston Defferre na campanha deste para a Presidência da República. A maneira como o

J.-J. S.-S.— O primeiro passo

então director de «L'Express» se comprometeu ao lado do presidente do Município de Marselha parecia revelar a sua determinação de se atrelar a um carro cujo triunfo parecia não oferecer dúvidas. Mas a estrela de Defferre empalideceu rápidamente e o desaparecimento prematuro de Mitterrand da cena política francesa parecem ter decidido Schreiber a palmilhar «só» o caminho íngreme e espinhoso da ascensão política. Nancy foi apenas o primeiro passo.

Procurando explicar o êxito de Servan-Schreiber, Pierre Viansson-Ponté atribuiu esse êxito ao «dinamismo do candidato, á sua habilidade, aos seus meios, ás suas relações, ás condições locais, ao apoio da municipalidade e do «L'Este Républicain», á intervenção do Governo, á ausência do centro, á divisão da esquerda, á inexistência da direita...»

Um aspecto não oferece dúvidas: J.-J. S.-S. imprimiu um estilo novo, lançou-se em empreendimentos que outros candidatos não teriam sequer a ousadia de imaginar. Uma eficácia e um potencial de meios característicos da mais clássica experiência americana. E essa eficácia será a pedra de toque da sua carreira ou o sinal do seu fracasso a longo prazo? Recorde-se apenas a criação, devido aos contactos e á influência de Schreiber, de uma Sociedade Europeia de Desenvolvimento da Lorraine. J.-J. logrou para tanto interessar 21 homens de negócios e representantes de importantes capitais (Louis Armand e Paul-Henri Spaak fazem parte desse grupo). Por outro lado Schreiber anunciou, durante uma conferência de Imprensa, a criação de 700 novos empregos, pela constituição de duas novas empresas. Mais do que palavras e planos, Jean-Jacques acenou com actos ao seu eleitorado. E os eleitores parecem ter-se sentido na obrigação de lhes responder «sim».

Na lógica de Schreiber o fim foi a expressão exacta dos meios adoptados. O progresso americano, a expansão incontível da sua economia o perigo da colonização da Europa pelos Estados Unidos explica-se, em sua opinião, pela capacidade financeira do «gigante ocidental», pelas possibilidades desmedidas da sua tecnologia, pelo nível da sua investigação e pelos investimentos feitos no ensino. Para J.-J. a Europa não tem mais que copiar o figurino americano que estimular a grande empresa, que favorecer o entendimento entre monopólios. Será essa a solução e o caminho mais consentâneo com as realidades europeias? Poderá resolver-se os problemas europeus á margem de ideologias, numa simples visão pragmática? Claude Fuzier escreveu no boletim do Partido Socialista que «a renovação dos costumes políticos não passará de uma cópia medíocre dos aspectos mais deploráveis da vida política americana.»

Se os olhos da Europa se voltam para a França pelo manancial de ideias e de experiências que nela germinam, se o «espírito francês» é admirado e aplaudido por certos movimentos sociais de outros continentes (como é o caso de certo sector sindical latino-americano) essas esperanças sentir-se-iam assaz defraudadas se vissem o país do sr. Pompidou limitar-se a vestir o modelo americano. Seria um empobrecimento para a Europa e para o Mundo. E não é de crer que a «via americana» seja a «forma genial» capaz de assegurar o triunfo por que aspira o autor do «Desafio».

Surpreendeu-me a baixa percentagem de cooperadores em Portugal

— entrevista com o dirigente chileno Manuel Casanueva

Aproveitando a sua passagem por Lisboa, encontrámo-nos, num dos hotéis da capital, com o director-geral da União das Cooperativas de Serviços e Consumo do Chile, eng.º agrón. J. Manuel Casanueva. É a quinta vez que este homem afável e extremamente bem informado, duas vezes ministro técnico da Agricultura, no seu país, e também ex-ministro técnico das Terras e Colonização, visita Portugal. Culminou aqui uma longa viagem pela Europa, devendo encontrar-se neste momento em Porto Rico, onde assiste a uma sessão de estudo sobre os problemas do cooperativismo na América Latina.

— Visitei a Unicoope — disse-nos — onde pude aperceber-me da vitalidade e organização em que assenta esta nova etapa do cooperativismo português. Estive também na Cooperativa da Cova da Piedade e na do Barreiro. A magnífica impressão confirmou-se plenamente. Só me surpreendeu, neste contacto, a pequena percentagem de cooperadores. E, no entanto, pela consulta dos elementos que abertamente me foi dado consultar — devo referir que estou aqui em visita meramente pessoal — apercebi-me fácilmente das enormes vantagens que o cooperativismo oferece ao povo português. Esta minha conclusão baseia-se também, como é evidente, numa abordagem sumária aos preços praticados no circuito comercial.

— As coisas, no Chile, passam-se de modo diferente?

— Após alguns erros cometidos, encontramo-nos, no meu país, em fase de nova arrancada — disse-nos Manuel Casanueva. — A União que dirijo, por exemplo, reúne cooperativas abrangendo, já, perto de 10 por cento da população. E trata-se de associações ùnicamente dedicadas aos ramos de consumo e serviços. Muitas outras existem, mormente no ramo da produção.

— O movimento cooperativo exerce alguma influência positiva no processamento da reforma agrária que desde há anos se vem concretizando?

— Até este momento, a reforma agrária «criou» cerca de 30 000 novos proprietários, através da expropriação e distribuição das terras incultas ou mal exploradas. Evidentemente que a via cooperativista — que de modo algum é tida como panaceia milagrosa — constitui hoje um importante factor de estabilização da reforma. Assim, cada exploração agrícola possui a sua cooperativa de consumo, havendo uma cooperativa mista de consumo, serviços e produção á escala de cada região. Daqui para a frente, e para lá do apoio que o Estado programa para a mecanização da agricultura, prevê-se o estímulo e crédito ás cooperativas para industrialização comum dos respectivos produtos.

— Quer dizer que o Estado apoia francamente o movimento?

Manuel Casanova

— É evidente, sobretudo se levarmos em conta a legislação própria que tem sido criada a partir de 1961. Devo ainda referir que existe um Ministério próprio. Contudo, a independência é total. O Governo é o Governo, o cooperativismo é o cooperativismo. Sendo, como é, um movimento, uma filosofia essencialmente social, ao cooperativismo serão atribuídas colorações políticas se a doutrina social do próprio Estado se lhe opuser. Ora, no Chile, parecem-me criadas as condições básicas para podermos considerar o movimento «apolítico», na medida em que os seus dirigentes pertencem a todos os partidos e se abstêm de «fazer» política na condição de cooperadores.

— Quer dizer que o movimento cooperativo se abstém no processo das reivindicações sociais verificadas no país?

— Isso também não é verdade. Nação em vias de desenvolvimento e com uma economia «estreita», o Chile encontra-se sujeito a ebulições sociais que o próprio Governo reconhece serem baseadas em reivindicações justas e atendíveis. O movimento cooperativista não se abstem. Constitui, até, um dos sectores mais vitalizados, actuantes e construtivos.

— Resta-nos abordar o problema ao nível continental. Que se passa, do ponto de vista «cooperativo», na América Latina?

— Expansão absoluta. O sistema é positivo e necessário, absolutamente, em países deste tipo. As grandes cooperativas de produção multiplicam-se. E, no sector de consumo, basta referir-lhe a existência, em Porto Rico, de uma cooperativa que excede, largamente, o movimento das maiores empresas comerciais do país.

— Existe alguma associação cooperativista ao nível do continente?

— Existe a ACO (Associação das Cooperativas Americanas), no âmbito da qual preparamos uma espécie de mercado cooperativista latino-americano. A ideia, já posta em prática por alguns países — incluindo o meu — é ligar o consumo do continente á sua produção, sempre dentro do circuito cooperativista. Está a ver as imensas vantagens que uma tal organização trará aos cooperadores...

— Cuba faz parte da Associação?

— Não, Cuba ainda não aderiu. De resto, não tenho informações concretas e recentes sobre o que lá se passa, neste campo. Mas todos sabemos que o socialismo baseia o seu esquema económico no cooperativismo. Simplesmente, trata-se de um cooperativismo muito ligado ao Estado, o que não acontece connosco.

Ao despedir-se, J. Manuel Casanueva quis insistir na excelente impressão que leva sobre a organização cooperativista portuguesa, só lamentando «que o movimento se centralize nas outras principais cidades». E falou, com admiração, de algumas publicações cooperativistas de excelente teor informativo e formativo que entre nós são editadas.

DL MESA REDONDA

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA» — 3 DE JULHO DE 1970 — N.º 51